

O PERFIL DA ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA DOS CAFEICULTORES
NAS REGIÕES SERRANA E CAPARAÓ DO ESPÍRITO SANTO: UMA
ABORDAGEM NEO-MARSHALLIANA

LUCAS LOUZADA PEREIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY
RIBEIRO

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ
MARÇO 2012

**O PERFIL DA ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA DOS CAFEICULTORES NAS
REGIÕES SERRANA E CAPARAÓ DO ESPÍRITO SANTO: UMA ABORDAGEM
NEO-MARSHALLIANA**

LUCAS LOUZADA PEREIRA

Dissertação apresentada ao Centro de
Ciência e Tecnologia, da Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, como parte das exigências para
obtenção de título de Mestre em
Engenharia de Produção.

Orientador: Alcimar das Chagas Ribeiro, D. Sc.

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

MARÇO – 2012

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do CCT / UENF

36/2012

Pereira, Lucas Louzada

O perfil da organização produtiva dos cafeicultores nas regiões Serrana e Caparaó do Espírito Santo: uma abordagem neo-marshalliana / Lucas Louzada Pereira. – Campos dos Goytacazes, 2012.

xii, 129 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) --
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Centro de
Ciência e Tecnologia. Laboratório de Engenharia de Produção.
Campos dos Goytacazes, 2012.

Orientador: Alcimar das Chagas Ribeiro.

Área de concentração: Gerência de Produção.

Bibliografia: f. 116-122

1. Cafeicultura 2. Distritos industriais 3. Desenvolvimento regional
I. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Centro
de Ciência e Tecnologia. Laboratório de Engenharia de Produção II.

Título

CDD 338.63098152

**O PERFIL DA ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA DOS CAFEICULTORES NAS
REGIÕES SERRANA E CAPARAÓ DO ESPÍRITO SANTO: UMA ABORDAGEM
NEO-MARSHALLIANA**

LUCAS LOUZADA PEREIRA

Dissertação apresentada ao Centro de
Ciência e Tecnologia, da Universidade
Estadual do Norte Fluminense Darcy
Ribeiro, como parte das exigências para
obtenção de título de Mestre em
Engenharia de Produção.

Aprovado em 26 de março de 2012.

Comissão Examinadora:

_____.

Maria Amélia Gava Ferrão (D.Sc., Genética e Melhoramento de plantas)
EMBRAPA CAFÉ/INCAPER

_____.

Prof. Niraldo José Ponciano (D.Sc., Economia Aplicada) – UENF

_____.

Prof. Paulo Marcelo de Souza (D.Sc., Economia Aplicada) – UENF

_____.

Prof. Alcimar das Chagas Ribeiro (D.Sc., C Engenharia) – UENF

ORIENTADOR

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser a razão de minha existência.

Aos meus pais, Ana Maria Louzada da Silva Pereira e Joás Pereira, por me motivarem a continuar lutando para alcançar este sonho, tudo se tornou claro a partir de 27/12/2005.

A Christianne, Wilkerson e Samuel por acreditarem e sempre me aconselharem a seguir o caminho mais correto possível, meus irmãos.

Aos professores, José Maria Dalcolmo, João Batista Pavesi, André Guarçoni e Luiz Carlos Prezotti, por serem mestres em minha formação acadêmica, desde a escola técnica até a graduação na faculdade de Administração Rural.

Em especial, ao professor Alcimar das Chagas Ribeiro por toda ajuda, apoio e confiança depositada nesta pesquisa, sua orientação e amizade contribuíram em muito para chegar até aqui, obrigado pela oportunidade.

Aos professores Manuel Antonio Molina, Geraldo Galdino de Paula Junior e José Ramón Arica Cháves pela amizade e dedicação em minha formação no mestrado.

Aos colegas do CCT/Leprod, Rogério Castro, sempre solícito, a Kátia pela educação e amizade no tempo que convivi nos laboratórios da pós-graduação.

Aos membros da Banca Examinadora, Nivaldo José, Paulo Marcelo e Maria Amélia.

À Outspan Brasil Importação Exportação Ltda., pela ajuda e por acreditar neste projeto, em especial às pessoas do Sr. Geneval Mello, grande mentor e Vivek Amarnani, amigo que sempre lembrarei pela confiança depositada em meu trabalho.

Aos produtores de café do Espírito Santo, sindicatos, secretarias de agriculturas, cooperativas e Incaper, por abrirem as portas e nos ajudaram em muito em minha pesquisa.

Às amigas, Débora Diersmann e Márcia Roberta da Silva pela ajuda na formatação e revisão de texto, serei eternamente grato pelas horas empreendidas.

“A grandeza de um homem não está no tamanho de sua força, riqueza ou poder, e sim na capacidade de desenvolver formas de melhorar a qualidade do ambiente socioeconômico em que está inserido”
Lucas Louzada.

RESUMO

O PERFIL DA ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA DOS CAFEICULTORES NAS REGIÕES SERRANA E CAPARAÓ DO ESPÍRITO SANTO: UMA ABORDAGEM NEO-MARSHALLIANA

O presente trabalho investiga o perfil da organização produtiva dos cafeicultores na microrregião do Caparaó e microrregião Sudoeste Serrana do Espírito Santo. A análise ocorre em consonância com a teoria neo-marshalliana, visando o entendimento sobre como os produtores de café organizam suas atividades produtivas nessas comunidades. Foram abordados aspectos clássicos descritos pela corrente *neo-marshalliana para sustentar esta pesquisa, tais como:* cooperação, senso de pertencimento a unidade de produção, flexibilidade produtiva, participação na tomada de decisões do território, a fim de gerar sustentação teórica a esta pesquisa. Metodologicamente foi realizada uma pesquisa exploratória de cunho qualitativa, utilizando-se de formulário de entrevista para avaliar e entender o perfil da organização dos cafeicultores, através dos grupos de interesses inseridos nesta pesquisa. Resultados preliminares indicam que a microrregião Sudoeste Serrana tem conseguido obter maior desenvolvimento econômico que o território da microrregião do Caparaó em função de uma melhor organização produtiva.

Palavras-chave: Cafeicultura, Distritos Industriais e Desenvolvimento Regional.

ABSTRACT

This study investigates the profile of the productive organization of coffee growers in the micro region of Caparaó and Southwest Highlands of Espírito Santo. The analysis is in line with the Neo-Marshallian theory, aiming an understanding about how coffee farmers organize their productive activities in these communities. Classic aspects described by Neo-Marshallian thinking, were used to support this research, such as cooperation, sense of belonging to the production unit, productive flexibility, participation in decision-making of the territory, in order to give theoretical support to this research. Methodologically, an exploratory and qualitative survey was conducted, using interview forms to assess and understand the profile of the organization of coffee farmers through interest groups included in this research. Preliminary results indicate that the Southwest Highlands micro region has been able to achieve greater economic development than the area of Caparaó micro region due to better productive organization.

Keywords: Coffee Production, Industrial Districts and Regional Development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Consumo doméstico de café Arábica e robusta no Brasil entre 2000 e 2010	40
Figura 2 – PIB do café no Espírito Santo entre 1996 e 2010	47
Figura 3 – Indicativo de preço composto da OIC: médias mensais e anuais 1990 a 2009	48
Figura 4 – PIB do ES segundo as regiões em valores correntes – 1999 a 2008 (R\$ 1,000)	52
Figura 5 – Volume de produção na microrregião do Caparaó.....	54
Figura 6 – Volume de produção na microrregião Sudoeste Serrana sob o percentual dos municípios.....	59
Figura 7 – PIB do ES segundo as regiões em valores correntes – 1999 a 2008 (R\$ 1.000)	60
Figura 8 – PIB/PM municípios em estudo – Região Caparaó	62
Figura 9 – PIB/PM dos municípios em estudo – Região Sudoeste Serrana	63
Figura 10 – Participação percentual do PIB Setorial em Venda Nova do Imigrante	64
Figura 11 – Média do PIB/PM de 1999 a 2008 das regiões em estudo	65
Figura 12 – Média do PIB <i>per capita</i> das microrregiões em estudo.....	65
Figura 13 – Microrregiões, municípios e agentes do grupo de interesse da pesquisa.....	73
Figura 14 – Comparativo do <i>Ranking</i> Médio entre as duas microrregiões.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Exportação de Café e Açúcar da província do Espírito Santo	45
Tabela 2 –	Cotações da Bolsa de NY para o café Arábica	49
Tabela 3 –	Cotações da bolsa de Londres (LIFFE) para o café Conilon	49
Tabela 4 –	Média de produção e de área plantada dos municípios da microrregião do Caparaó entre 2004 e 2010.....	54
Tabela 5 –	Média de produção e de área plantada dos municípios da microrregião Sudoeste Serrana entre 2004 e 2010	58
Tabela 6 –	Valor corrente da produção agrícola em moeda corrente	67
Tabela 7 –	Síntese dos resultados estudados no primeiro questionário na microrregião Sudoeste Serrana	100
Tabela 8 –	Síntese dos resultados no primeiro questionário na microrregião do Caparaó	100
Tabela 9 –	Percepção dos produtores sob os maiores entraves da cafeicultura na microrregião Sudoeste Serrana e Caparaó.....	107
Tabela 10 –	Principais pontos negativos encontrados na microrregião do Caparaó	112

LISTA DE SIGLAS

ABIC	Associação Brasileira da Indústria de Café
APL's	Arranjos Produtivos Locais
DIs	Distritos Industriais
EMBRAPA	Empresa Brasileira de pesquisa agropecuária
ES	Espírito Santo
IBC	Instituto Brasileiro do Café
INCAPER	Instituto Capixaba de Assistência Técnica e Extensão Rural
IEMA	Instituto Estadual de Meio Ambiente
MEPES	Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo
OIC	Organização Internacional do Café
RM	Ranking Médio
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	13
1.1 Problema de pesquisa	15
1.2 Objetivo Geral	15
1.3 Objetivos específicos	15
1.4 Unidade de análise	16
1.5 Pressupostos	17
1.6 Justificativas	17
CAPÍTULO 2 – DISTRITOS INDUSTRIAIS MARSHALLIANOS	21
2.1 Os Distritos Industriais: conceituação clássica	21
2.2 Distritos industriais Italianos	28
2.3 Distritos Industriais Brasileiros	31
2.4 Arranjos Produtivos Locais	33
CAPÍTULO 3 – A CAFEICULTURA BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	36
3.1 A Cafeicultura Brasileira	36
3.2 Novas Perspectivas para a Cafeicultura Nacional	41
CAPÍTULO 4 – CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA NA MICRORREGIÃO DO CAPARAÓ E MICRORREGIÃO SUDOESTE SERRANA DO ESPÍRITO SANTO	44
4.1 Introdução do café em solo espírito-santense	44
4.2 Microrregião do Caparaó	50
4.3 Microrregião Sudoeste Serrana	55
4.4 Comparações socioeconômicas das microrregiões em estudo	62
CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA	69
5.1 Classificação da Pesquisa	69
5.2 A Natureza da Pesquisa	69
5.3 A forma de abordagem da pesquisa	69
5.4 As formas e procedimentos técnicos	70
5.5 Sujeitos da Pesquisa	72
5.6 Grupos de Interesse	73

5.7	Elaboração da Pesquisa de Campo	74
5.8	Formulário de Entrevistas	75
5.9	Tabulação dos Dados	76
5.9.1	Limitações da Pesquisa.....	77
	CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO E ANÁLISES.....	78
6.1	Nível de cooperação entre os produtores de café dentro da comunidade onde residem	78
6.2	Nível de intercâmbio de mão de obra no período de colheita entre os produtores vizinhos na comunidade visando cooperação	82
6.3	Nível de relacionamento entre os produtores e o poder público local	86
6.4	Nível de convívio e harmonia entre produtores dentro do espaço de produção onde residem.....	90
6.5	Nível de organização dos produtores de café em relação à atividade econômica na região.....	92
6.6	Nível de identificação cultural dos produtores com a atividade cafeeira.....	95
6.7	Nível de interesse dos produtores em relação às decisões tomadas no território local	96
	CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
	CAPÍTULO 8 – PROPOSIÇÕES E RECOMENDAÇÕES.....	114
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
	Anexo 1 – Questionário 01.....	123
	Anexo 2 – Quadro de Tabulação dos Dados.....	125
	Anexo 3 – Cálculo do Ranking Médio (RM).....	126

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

A cafeicultura, a exemplo das atividades rurais, desenvolve-se geralmente de forma irregular durante seu exercício anual, e a administração passa a atuar como remediador das irregularidades naturais do curso operacional da empresa (CALADO, 2009). Nesse sentido, é necessário trazer informações e desenvolver métodos que possam melhorar o nível da administração dos gestores rurais.

Contudo, qual é a fonte da riqueza? Ela é mensurada pela quantidade de bens e serviços produzidos, mas, de onde provém? Embora um país possa ter recursos naturais abundantes em sua economia, como reservas naturais, terras de fazendas e florestas, estas são apenas fontes de recursos potenciais. A produção, propriamente dita, é necessária para transformar tais recursos em produtos úteis. Para se obter a maximização de recursos, devem-se projetar processos de produção para tornar a comercialização dos produtos eficiente. Administrar as operações significa planejar e controlar os recursos utilizados no processo: trabalho, capital e material (ARNOLD, 1999).

Para Batalha (2009), um sistema agroindustrial precisa ser eficiente e eficaz para atender às necessidades mercadológicas dos consumidores. Para isso, é fundamental que todos os agentes que o compõe conheçam profundamente os atributos ligados a estes sistemas. Esta eficiência pode ser vista por dois conjuntos: a primeira delas está ligada à gestão interna dos agentes do sistema, a segunda está ligada a intervenções gerenciais que levam à eficiência do sistema às diversas transações que ocorrem entre os seus agentes.

Zambolim (2001) enfatiza que o segmento do café, no contexto nacional, necessita de maior eficiência, profissionalismo, adequada administração e comercialização por parte dos cafeicultores, ações em grupo, melhoria da imagem do produtor brasileiro e das regiões, os quais podem prover ganhos competitivos ao setor. Entretanto, a cafeicultura somente é uma atividade lucrativa se for administrada com competência. O mercado de café é bastante exigente e não fornece margem ao amadorismo; isto vale para todos os tipos de café, sejam especiais, orgânicos, Arábica ou Conilon.

Dessa forma, essa prerrogativa faz com que se perceba a real importância da organização produtiva em qualquer setor da economia, assim como os seus reflexos

na evolução competitiva dos agentes econômicos, mediante a agregação de valor dos produtos e a flexibilização da composição produtiva do sistema na perspectiva do mercado global.

Ortega e Jesus ([20--]) descrevem que as recentes políticas públicas de desenvolvimento rural, que usam o critério territorial em sua implementação, fazem-no a partir do incentivo da constituição de territórios (zonas/distritos), ou seja, sua adoção em espaços geográficos contínuos. Portanto, por territórios, os espaços delimitados onde se praticam diferentes tipos de intercâmbio em seu interior (inclusive de poder) e com o exterior (outros territórios, localidades, espaços regionais ou nacionais e a economia internacional), em uma perspectiva de competitividade territorial, que combina dimensões econômica, social, ambiental e política.

Para Neto (2008), os processos de globalização em curso na economia vêm impondo aos agentes responsáveis pela formulação de políticas de desenvolvimento a busca de novos conceitos e de novas formas de pensar a organização produtiva, não somente em termos microeconômicos, mas também de perspectivas de novos tipos de estruturas organizacionais, mais enxutas e flexíveis, apoiando em novas bases tecnológicas e outras condicionantes.

Nesse contexto, várias formas de organização produtiva têm sido indicadas pela literatura, porém, pode-se observar que o modelo de organização proposto por Alfred Marshall traz uma grande contribuição para a economia regional. Esta se apresenta dentro da visão dos distritos industriais (MARSHALL, 1985). Becattini (1999) associa o conceito de distritos industriais a Marshall e apresenta as vantagens da produção em grande escala relacionada às pequenas empresas, como resultado da união destas para obter maior ganho de mercado.

Essa pesquisa foi planejada e organizada da seguinte forma: a primeira seção apresenta a introdução ao tema, problema de pesquisa, objetivo geral e específico, unidade de análise, pressupostos e justificativas da pesquisa.

A segunda seção apresenta a teoria sobre os distritos industriais, que permitiu o aporte teórico de sustentação da pesquisa; a terceira seção trata-se da caracterização da cafeicultura brasileira e capixaba, que é o foco de nossa discussão. A quarta apresenta a caracterização socioeconômica da microrregião do Caparaó e microrregião Sudoeste Serrana, além da comparação entre os dois

territórios por intermédio de dados socioeconômicos obtidos mediante pesquisas. Na quinta seção apresenta-se o ferramental metodológico que suporta a pesquisa. A sexta apresenta a discussão das análises e resultados inerentes à pesquisa, finalizando com a sétima seção, que traz a conclusão final do trabalho.

1.1 Problema de pesquisa

A presente contextualização possibilita a formulação do problema inerente a esta pesquisa. Trata-se da investigação sobre a natureza da estrutura produtiva da microrregião Sudoeste Serrana e microrregião do Caparaó, em consonância com o modelo de Distrito Industrial segundo a literatura.

Nesta perspectiva, a premissa considerada é que a organização produtiva dos cafeicultores de Venda Nova do Imigrante e municípios circunvizinhos pode proporcionar uma atmosfera produtiva mais sólida em termos socioeconômicos que o Caparaó Capixaba, em razão de seus condicionantes históricos e culturais.

1.2 Objetivo Geral

O presente trabalho tem por objetivo geral avaliar o nível de organização produtiva nas microrregiões Sudoeste Serrana e Caparaó, no contexto dos fundamentos relacionados à organização produtiva dos distritos industriais marshallianos.

1.3 Objetivos específicos

- a) Identificar ações conjuntas dos produtores de café voltadas para o planejamento das atividades, com reflexo na elevação da produtividade dos negócios;
- b) Avaliar o papel da cooperação entre estes agentes inseridos nas duas microrregiões;
- c) Mapear a evolução de indicadores socioeconômicos importantes nas regiões;
- d) Verificar o papel do governo no processo.

1.4 Unidade de análise

A unidade de análise do presente estudo compreende parte da cafeicultura do Espírito Santo em duas microrregiões: Microrregião Sudoeste Serrana (36%) e Microrregião Caparaó (37%).

Esta unidade de pesquisa concentra grande parte da produção de café Arábica do Estado do (ES), somando mais de 75% da produção total do Estado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PEDEAG, 2007).

Na microrregião Sudoeste Serrana, três municípios foram investigados: Domingos Martins, Venda Nova do Imigrante e Vargem Alta. A escolha dos municípios ocorre em virtude da proximidade geográfica, por concentrarem muitos imigrantes oriundos da Itália, Alemanha, entre outras partes da Europa, e pelo fato destes terem laços de parentesco de primeiro e segundo grau, o que fortalece alguns pressupostos sustentados, além da organização produtiva que já foi observada em visitas anteriores em Venda Nova do Imigrante. Nesta microrregião (sudoeste serrana) e em parte destes três municípios foram observadas potencialidades na cadeia produtiva do café, como: grande organização de associativismo; indução à produção de cafés em alto padrão de qualidade; senso de pertencimento ligado ao espaço produtivo, ou seja, as pessoas se sentem parte direta dentro desta cadeia produtiva (PEREIRA; RIBEIRO, 2011).

Na microrregião do Caparaó foram estudados três municípios: Alegre, Ibitirama e Lúna. Estes municípios já foram o coração da cafeicultura do Estado. Em especial, Alegre; para 2012 o município tem estimada uma produção de 72.500 mil sacas, calculado pelo IBGE (2012). A produção de café em Alegre hoje representa 0,75% da produção do Estado do Espírito Santo, motivo pelo qual mostra como essa atividade sofre grande risco de esgotamento (PEREIRA et al., 2010). Ibitirama concentra grande parte de sua economia voltada à atividade cafeeira até hoje e Lúna é considerado um grande centro agrícola da microrregião do Caparaó Capixaba.

Alegre, Ibitirama e Lúna concentram um acumulado de 418.032 mil sacas de café na safra de 2011/2012 (IBGE, 2012).

Venda Nova do Imigrante, Domingos Martins e Vargem Alta concentram um acumulado de 351.233 mil sacas de café na safra de 2011/2012 (IBGE, 2012).

Segundo dados do Instituto Jones dos Santos Neves (2010), a distribuição setorial da população ocupada entre as atividades agrícolas é predominante em todos os municípios que fazem parte de nossa análise de estudo: em Alegre 42,1%; em Ibitirama 76%; Lúna 61,5%; Domingos Martins 71,1%; Venda Nova do Imigrante 43,6% e Vargem Alta 48,1%. Esses dados reforçam o peso da atividade agrícola para estes municípios como fonte de subsistência econômica.

1.5 Pressupostos

Como pressuposto deste trabalho considera-se que a microrregião Sudoeste Serrana do Espírito Santo conseguiu obter ganhos econômicos exitosos em razão da boa organização produtiva e econômica dos produtores de café, por meio dos relacionamentos interpessoais, cooperação e ajuda mútua, defendendo sempre as questões primárias do território.

Na microrregião do Caparaó considera-se que o ambiente em que os atores estão envolvidos não possui nível elevado de interesse em relação às decisões que são tomadas neste universo de produção, indicando, possivelmente, um nível de participação e integração com o território menor do que observado na microrregião Sudoeste Serrana.

Outro pressuposto observado nas pesquisas bibliográficas que corrobora com estes sintomas, pode ser notado pelo elevado desmatamento ocorrido no século XVIII e XIX para introdução das lavouras de café, ocasionando empobrecimento dos solos naquela região, e, conseqüentemente, o abandono da lavoura para a pecuária; *como relatado por produtores em abordagens preliminares.*

1.6 Justificativas

A cafeicultura possibilitou o desenvolvimento econômico de diversas regiões do Brasil. Por intermédio dela o país alcançou o *status* de maior produtor do mundo. Estima-se que a cafeicultura nacional possa empregar diretamente mais de dois milhões de pessoas por ano; indiretamente essa atividade emprega mais de seis milhões de pessoas (NISIZAKI, 2010). O café tem a capacidade dinâmica de desenvolver a economia nas comunidades de vários municípios do interior do país.

Segundo o Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba (PEDEAG, 2007), o negócio de café é uma das atividades mais importantes nos aspectos social e econômico do mundo. Somente o setor de produção, no qual mais de 60 países estão envolvidos, faz circular cerca de cem bilhões de dólares por ano.

A estimativa de safra atual, segundo o quarto levantamento de safra da Conab (2011), indica que o país deva colher 43,48 milhões de sacas beneficiadas. A produção brasileira de café (Arábica e Conilon) é 9,6% ou 4,61 milhões de sacas inferiores ao volume de 48,09 milhões de sacas produzidas na safra anterior (CONAB, 2011).

O Estado do Espírito Santo, segundo maior produtor nacional, atrás de Minas Gerais, caracteriza-se por ser o maior produtor de Conilon do Brasil, com uma safra estimada entre 8.494 milhões de sacas para a safra de 2011/2012 e de Arábica 3.079 milhões de sacas para a safra atual (CONAB, 2011).

O Espírito Santo possui 56.169 propriedades rurais produtoras de café, sendo 33.456 de Conilon e 22.713 de Arábica. É importante salientar que o Espírito Santo tem o café como maior empregador de mão de obra (TEIXEIRA, 1998).

No Espírito Santo, na área de café Arábica, 15.911 (68%) dos proprietários moram nas propriedades rurais, o que corresponde a 15.911 famílias; é uma atividade que mantém as pessoas dentro das propriedades. 7.428 (32%), proprietários não moram na propriedade. Do total de famílias na área do Arábica, 23.339 (44%) são proprietários, 26.813 famílias (51%) são parceiros, e famílias de empregados rurais são 5%, com 2.715 famílias, perfazendo um total de 52.867 famílias (TEIXEIRA, 1998).

O agronegócio capixaba, sem dúvida, promove o desenvolvimento da economia nas mais diversas regiões do estado. Em 2010, o PIB do Agronegócio do Espírito Santo apresentou resultado positivo, com taxa de crescimento de +5,3%. Em comparação ao Indicador do PIB trimestral, o setor do Agronegócio apresentou desempenho inferior ao registrado pela economia do Espírito Santo em 2010 (+5,3% contra +13,9%) (IJSN, 2012).

Torna-se importante aqui apresentar alguns dados primários sobre as duas microrregiões em estudo. A microrregião Sudoeste Serrana possui sete municípios em sua composição, segundo a classificação do IJSN, enquanto a microrregião do Caparaó 10 municípios; para efeito de análise, o estudo avalia o comportamento

produtivo de três municípios em cada microrregião. Na microrregião do Caparaó, Alegre, Ibitirama e Lúna, na microrregião Sudoeste Serrana, Venda Nova, Domingos Martins e Vargem Alta.

Segundo dados do IBGE (2012), decorrentes das análises de 2009, a microrregião Sudoeste Serrana possui população média de 19.898 habitantes nos municípios que formam a microrregião. O número de domicílios urbanos é consideravelmente menor que a quantidade de domicílios rurais. No total, a microrregião Sudoeste Serrana possui 29.890 domicílios urbanos e 34.167 domicílios rurais. Indicando que as pessoas estão mais ligadas ao campo, em consequência da atividade agrícola.

O PIB *per capita* da microrregião Sudoeste na média encontra-se na casa dos R\$ 9.372,05, e as sobras entre as receitas públicas e despesas acumula o valor de R\$ 57.093.025,11 (IBGE, 2012).

Já a microrregião do Caparaó possui população média de 16.871 habitantes nos municípios que formam a microrregião. O número de domicílios urbanos é maior que o número de domicílios rurais. No total, a microrregião do Caparaó possui 48.663 domicílios urbanos e 27.856 domicílios rurais, indicando que as pessoas residem em maior volume nos centros urbanos.

O PIB *per capita* da microrregião do Caparaó na média encontra-se na casa dos R\$ 7.702,23, e as sobras entre receitas públicas e despesas acumula o valor de R\$ 42.396.755,78, indicando menor acumulação de riqueza entre os municípios (IBGE, 2012).

A característica social dessas duas microrregiões é marcada pelos traços da imigração e pela forte presença da cafeicultura como fonte de renda básica para a sobrevivência econômica destes municípios.

A geração de emprego e renda está muito ligada ao campo, fazendo com que muitas famílias sobrevivam da agricultura, desenvolvendo assim as regiões e os agentes que estão inseridos em uma cadeia produtiva mais ampla.

Mediante os dados apresentados, estudou-se o comportamento da cafeicultura nessas duas microrregiões que concentram a maior parte da produção de café Arábica do Estado.

A investigação empírica está focada nas áreas que possuem composição produtiva de café Arábica, tendo em vista que nestas duas microrregiões a maior parte do parque cafeeiro é pertencente ao grupo da variedade do tipo “Arábica”.

Na próxima seção apresenta-se a revisão de literatura sobre o suporte teórico deste trabalho.

CAPÍTULO 2 – DISTRITOS INDUSTRIAIS MARSHALLIANOS

O objetivo desta seção é apresentar uma conceituação clássica sobre os distritos industriais estudados por Alfred Marshall, na Inglaterra, no início do século XIX, com a finalidade de entender a importância dos distritos industriais no desenvolvimento regional de microrregiões.

2.1 Os Distritos Industriais: conceituação clássica

O Distrito Industrial no mundo contemporâneo mostra-se como um fator de extrema importância no processo de desenvolvimento econômico, se organizado em sua essência. Um dos primeiros autores a identificar tais organizações produtivas foi Alfred Marshall, que verificou na Inglaterra, no final do século XIX, certas unidades produtivas que se transferiam para locais mais propícios para a produção de determinado bem. O autor passou a visualizar o entendimento de que os agentes faziam parte do processo de produção apresentava senso de pertencimento ao território, ampla cooperação entre agentes, entre outros aspectos, que no futuro passaram a ser vistos como os Distritos Industriais (MARSHALL, 1985).

Este fenômeno espalhou-se por vários países; pesquisadores e governos passaram a vislumbrar o modelo Marshalliano como uma possível solução para problemas de desenvolvimento econômico, tentando assim replicar o modelo identificado por Marshall. Entretanto, o distrito industrial observado por Marshall possui algumas peculiaridades que, de certa forma, são difíceis de serem replicadas, pois alguns desses aspectos são intrínsecos à própria composição organizacional do distrito, como se verá a seguir.

Para Melo ([20--]), um distrito industrial é tendencialmente monosssetorial, ou seja, a maioria das empresas contribui para uma mesma produção, quer produzindo produtos finais; quer se especializando em produtos de fase, quer fornecendo os serviços de apoio necessários a essa atividade transporte, serviços financeiros, entre outros. Cada empresa é, assim, especializada em uma fase diferente do processo de fabricação/produção de uma indústria dominante na região ou produto regional que implica uma série de elos complementares.

Esta leitura não se restringe a apenas um segmento, ou um território; o grande diferencial por trás deste cenário é a própria organização produtiva dos agentes que estão inseridos nestes universos de produção propriamente dita. Dessa forma, Boix e Galletto (2005) enfatizam que essa dinâmica, conhecida como “distrito industrial”, baseia-se em economias externas geradas por concentração territorial de pequenas e médias empresas especializadas em diferentes fases de um processo produtivo.

Marshall, em particular, opõe-se à conclusão de padrão segundo o qual o sistema de fábrica, com a concentração de todas as operações de fabricação em um local com um alto grau de integração vertical, seria sistematicamente mais elevado do que os métodos de produção mais dispersos em territórios e menos integrados (BECATTINI, 2002). Para o autor, as empresas que tivessem ampla flexibilidade produtiva poderiam alocar vários esforços coletivos dentro do território. Becattini (2002) ainda descreve que lendo as descrições da era da indústria britânica sob a perspectiva de Marshall, o raciocínio sobre livros de economia mais amplos e observando cuidadosamente a realidade ao seu redor (por exemplo, Sheffield talheres ou o metal Birmingham), Marshall concluiu cedo, que existiam pelo menos dois tipos de produção que poderiam ser considerados mais eficientes: um que era conhecido pelas grandes unidades de produção verticalmente integradas dentro do seu próprio sistema e outro com base na concentração de múltiplas dimensões e pequenas fábricas que se especializam em diferentes fases de um processo único de produção em um ou vários locais.

A proposta inicial de Marshall tem proporcionado grande impacto nos dias atuais. O modelo de Distrito Industrial Italiano, descrito por Giacomo Becattini tem mostrado que na Itália, essa forma de aglomeração produtiva tem cooperado para o fortalecimento e desenvolvimento econômico do norte do país.

O conceito de distrito industrial proposto inicialmente por Alfred Marshall por meio de seus estudos (1842-1924) tem merecido atenção nos últimos anos, a partir de 1979, quando Giacomo Becattini traz à tona toda a discussão em volta deste conceito elaborado inicialmente por Marshall. Toda descentralização da indústria Italiana naquela época proporcionou tal abordagem.

No livro *Princípios de Economia*, Marshall justifica a mudança das unidades tradicionais de análise da economia (indivíduo, empresa) para o intermediário

(distritos industriais, sistemas locais de produção, e outros). A recente literatura italiana em distritos industriais se refere explicitamente ao conceito marshalliano de distrito industrial como quadro inspirador. Giacomo Becattini (1992) apresentou uma detalhada releitura do conceito marshalliano de distrito industrial. Ele associa a ideia de "*atmosfera industrial*"; elaborada por Marshall ao que ele chama de "*sentimento de pertencer*", ou seja, a tendência que ele reconheceu nas comunidades dos distritos a identificar-se com o distrito. Em outras palavras, a população residente na área do distrito parece sentir-se parte do sistema produtivo (TAPPI, 2001).

A análise fundamental neste contexto é sem dúvida, Marshall. Sua teoria foi desenvolvida com o interesse de se explicar a concentração espacial da atividade produtiva na Inglaterra. Com a formação dos distritos, sem dúvida Marshall foi o primeiro autor a desenvolver a teoria sobre os distritos industriais.

Dentro do distrito, as empresas são de pequenas dimensões e os mercados são competitivos, mas a aglomeração territorial do distrito gera um grupo de economias externas que melhoram a eficiência das empresas, reduz os seus custos de produção e garantem seu sucesso em mercados competitivos, embora às vezes não possam explorar economias de escala. As condições necessárias para gerar economias externas são duas: em primeiro lugar, é necessário que o "distrito industrial" tenha o tamanho necessário para permitir a divisão do trabalho entre as empresas e, por outro, fornecedores especializados devem estar presentes (BECATTINI, 1979 apud RAMOS; SAROMÁ, 1998).

Tappi (2001) classificou duas características dos distritos industriais marshallianos da seguinte forma:

- a) Não se assiste a sobreposição entre o nível social e produtivo. As decisões tomadas pela comunidade local são afetadas pela presença da indústria e as relações econômicas são influenciadas por aquelas sociedades ("*Atmosfera industrial*");
- b) Este sistema produtivo é caracterizado por uma divisão ampla do trabalho entre as empresas envolvidas em atividades complementares e avançada especialização (organização das empresas).

Em linhas gerais, o conceito de distrito industrial traz subjacente múltiplos atributos, mas a característica crucial dos distritos industriais é sua organização, como afirmam Sengenberger e Pike (1999). Esses autores afirmam que o êxito econômico dos distritos não decorreu do acesso vantajoso a fatores de produção a um baixo custo – mão de obra – terra ou – capital, mas sim de uma organização social econômica e eficaz, baseada em pequenas empresas.

Para Pereira e Ribeiro (2011), a organização dos agentes inseridos no território é fator chave para o sucesso de um distrito industrial. Segundo os autores tal organização coletiva pode gerar ganhos de escala ao território, como observado no caso de Venda Nova do Imigrante no projeto de agroturismo desenvolvido pelos cafeicultores locais.

Alguns pontos descritos na literatura clássica dos neo-marshallianos foram claramente identificados no território local como: *cooperação* – os produtores têm ampla facilidade de cooperar entre si, tanto no momento de agregar esforços nas unidades produtoras quanto na transferência de conhecimento, *respeito mútuo* – são desenvolvidas várias atividades de conscientização dos agentes que estão inseridos no território local e circunvizinho, gerando ações que possam ser facilmente observadas por visitantes que conhecem esse modelo de organização produtiva, *senso de pertencimento* – todos os representantes desses agentes se envolvem direta ou indiretamente no processo de desenvolvimento do território (PEREIRA; RIBEIRO, 2011).

Essa leitura ao setor agrícola observada no ES, somente reforça que o modelo de distrito industrial proposto por Marshall deve ser observado detalhadamente para desenvolver ferramentas que possam ser empregadas na promoção do território produtivo, com a finalidade de se elevar o nível econômico e social dos agentes inseridos em um universo produtivo.

Marshall foi o pioneiro em observar, a partir de análise dos distritos industriais da Inglaterra no final do século XIX, que a presença concentrada de firmas em uma mesma região pode prover ao conjunto dos produtores vantagens competitivas, que não seriam verificadas se eles estivessem atuando isoladamente (GARCIA, 2006).

Os distritos marshallianos são locais que podem acomodar um grande número de pequenas empresas de produção de bens similares a serem exportadas,

que geralmente agregam benefícios da acumulação de *know-how* associado a trabalhadores que residem dentro deste território (SOUBEYRAN; THISSE, 1999).

Ainda de acordo com Soubeyran e Thisse (1999), este distrito marshalliano pode ser definido como uma organização do processo de produção com base em um único sistema, altamente especializado e realizado por concentrações compostas de pequenas empresas de caráter semelhante em determinadas localidades. Juntas, alcançam vantagens da grande escala produtiva em economias externas em ambientes sociais onde as comunidades locais se caracterizam por terem pessoas aderindo-se a um modelo relativamente homogêneo de valores com grande fusão dos moradores dos centros urbanos e rurais, unindo, assim, a produção com as relações sociais.

Tais ações coletivas puderam ser identificadas na Inglaterra com a observação dos distritos industriais por Marshall, por volta de 1920, como cita Strauch (1982), e na Itália com Becattini em sua releitura sobre o norte da Itália, onde tal espaço conseguiu obter ganhos de escala com a formação de pequenos distritos (BECATTINI, 2002). Na Espanha com Boix e Galletto ([20--]) onde a Catalunya se modela à moderna teoria dos distritos industriais, entre outras regiões que puderam ser identificadas como distritos industriais, além do Vale do Silício nos EUA por intermédio da leitura de Porter.

No Brasil com as leituras observadas sobre APLs podem ser atribuídas aos trabalhos de Cassiolato e Szapiro (2003), mediante estudos sobre as APLs: “conhecidas como arranjos produtivos que variam de tamanho, amplitude e estágio de desenvolvimento. O seu fortalecimento pode estar ligado a uma política governamental, federal ou estadual, objetivando o desenvolvimento regional e gerando emprego e renda.” Ribeiro (2008) e Castro (2010) com a leitura das dinâmicas observadas no setor norte-fluminense na aglomeração produtiva sucroalcooleira, estudaram a formação deste aglomerado em consonância com a literatura clássica identificada inicialmente por Marshall.

Cassiolato e Lastres ([20--]) reforçam que esta insensibilidade em relação ao território e ao espaço físico, característica da análise econômica tradicional com exceção de poucas linhas de investigações ligadas à economia regional, tem sido crescentemente contestada pela realidade da aceleração do processo de globalização. A dimensão espacial tem sido resgatada, em particular, a partir da

tentativa de entender as razões que levaram ao surgimento de aglomerados de MPEs eficientes e competitivas em certas localidades particulares. Os casos mais discutidos foram os da Terceira Itália e do Vale do Silício, nos EUA.

Ou seja, vários estudiosos de diversas partes do mundo tentam identificar ações territoriais que possam ser compatíveis com a proposta inicial identificada por Marshall, assim objetivando a construção de ações tácitas que possam ser mescladas com a teoria existente, com a finalidade de prover ganhos ao território, independente de onde este esteja instalado ou o produto chave da composição produtiva.

Dessa forma, tal organização produtiva é inicialmente concebida como um sistema socioterritorial demarcado historicamente, no qual interagem determinantes sociais, culturais, políticos e econômicos, que se inter-influenciam no desenvolvimento de uma cultura comunitária facilitadora da sinergia entre agentes locais. Esses sistemas de valores locais foram fundamentais na gestação dos resultados obtidos por tais distritos, corroborando a afirmação de que a nova ordem não revaloriza qualquer território como simples espaço físico, mas sim o conjunto social nele localizado (COSTA, 2010).

Para Fonseca (1992), Marshall acreditava que a riqueza nacional é mais governada pelo caráter do que pela abundância de recursos naturais. Segundo Reisman (1986 apud FONSECA, 1992) Marshall via o caráter nacional, ou seja, nos atributos éticos e intelectuais da população, um dos ingredientes mais decisivos na receita do crescimento econômico.

Para Alfred Marshall (1985), o capital consiste, em grande parte, em conhecimento e *organização*: desta, uma parte é propriedade privada, outra não. O conhecimento é nossa mais potente máquina de produção: habilita-nos a submeter a natureza e forçá-la a satisfazer nossas necessidades. A organização ajuda o conhecimento; ela apresenta muitas formas, a saber, a organização de empresas individuais, a de várias empresas em um mesmo ramo, a de negócios uns relativamente aos outros, e a organização do Estado provendo segurança para todo e ajuda para muitos (MARSHALL, 1982, p. 135).

Diversos autores enfatizam variadas peculiaridades observadas nos distritos industriais propostos por Marshall. Para Becattini (2002), dentro de um distrito industrial, acima de tudo, existe a grande característica de uma população de

famílias e empresas que interagem uns com os outros de formas diferentes em uma área territorial perfeitamente identificada. O mesmo autor descreve que se analisado a fundo, é possível encontrar nas mais diversas formas de distritos industriais empresas que repartem várias funções entre si, agrupando-se ao final em uma empresa maior ou dando destino diretamente ao mercado exterior. Essas famílias interagem entre si dentro do território com a finalidade de potencializar as operações.

Isso reforça os laços que são construídos dentro de um território produtivo, que podem ser observados mediante a cooperação mútua entre vários atores, do fato destes agentes entenderem que fazem parte de um processo de produção mais amplo, que vai além da esfera da produção, em que tais agentes participam de diversas ações que são tomadas dentro do território, considerando sempre os interesses coletivos, a fim de prover ganhos para todos.

Kerstenetzky (2004) enfatiza que Marshall não via simplesmente a combinação de capital, trabalho e recursos naturais. Firms, mercados e economias contam com organização e conhecimento em adição à trinca tradicional de fatores de produção. Conhecimento e organização são desta forma, dotação e objeto de desenvolvimento tanto no âmbito público quanto no privado, formando, assim, uma atmosfera em torno das ações do território.

Faz-se notório que os trabalhos de Marshall decorrem fortemente para uma série de valores que hoje podem ser observados sob o prisma da abordagem dos distritos industriais, mas o desafio está em identificar aglomerações produtivas dentro desta abordagem, pois muitas vezes os aglomerados surgem sem estudos específicos, ou até mesmo sem planejamento. Cabe então o esforço de empregar tais valores já abordados no passado e trazê-los à tona como forma de estudo, para otimizar essas organizações industriais presentes em nossa economia.

Tais ações não são triviais, pois passam pelo limiar do entendimento de que uma organização produtiva não precisa ser engessada e sim altamente flexível, independente do ramo central que desenvolvem; observamos que os distritos podem ser diferentes nos tipos de produtos/serviços gerados, mas nunca fogem às peculiaridades clássicas observadas pelos principais autores.

A seguir apresenta-se a releitura clássica dos estudiosos italianos, estes os primeiros a observar que o trabalho inicial de Marshall poderia ser replicado, se observado detalhadamente.

2.2 Distritos industriais italianos

A definição de Giacomo Becattini é aceita na literatura da economia como a mais adequada para expressar o conceito atual de um distrito industrial. Este autor começou a cunhar sua definição a partir das leituras dos textos de Alfred Marshall, que, pela primeira vez, propôs uma definição de distrito industrial ao estudar a organização industrial da Inglaterra, na década de 1920. Becattini definiu o distrito industrial como uma área espacial e culturalmente identificável em que ambos, os empregados e os trabalhadores, vivem e trabalham (GRANDO et al., 2008).

Segundo Becattini (1999), de todos os aspectos característicos do desenvolvimento da Itália no pós-guerra, um dos que mais intrigavam os *experts* e os observadores estrangeiros foi a formação de vários distritos industriais.

Nota-se que a formação dos distritos italianos não ocorreu de forma induzida por algum organismo governamental ou de fomento, mas, pela iniciativa dos empreendedores locais, tendo as relações baseadas em mecanismos de confiança, respeito e cooperação. O êxito econômico dos distritos italianos foi em decorrência, essencialmente de uma organização social e econômica coletiva e eficaz baseada na pequena e média empresa, e não apenas do acesso vantajoso a “[...] recursos de produção de baixo custo monetário.” (FARAH JÚNIOR, 2001 apud CASTRO, 2009).

Vários autores (SCHMITZ, 1989, 1991, 1992; PIKE, 1992; PIKE; SENGENBERGER, 1992; PORTER, 1998; NETO, 2008) enfatizam a nova forma como as empresas passam a ser vistas dentro dos conceitos de aglomeração industriais, distritos industriais e *clusters* que proporcionam economias coletivas capazes de dinamizar diversas regiões no mundo.

Para Alberti (2001), o distrito industrial se torna relevante novamente nas décadas de 70/80. Estas regiões se encontravam em diferentes partes do mundo, envolvidas em uma variedade de indústrias, incluindo as indústrias avançadas, bem como os mais tradicionais de trabalho intensivo. Os distritos industriais foram caracterizados pela especialização flexível. No que pode ser considerado como uma

definição comum, os distritos industriais são tomados como formas de organização regida pela confiança e cooperação.

Os distritos industriais da Itália estão espalhados em todo o país. De acordo com o censo de 2001, a população que vive nos distritos industriais representa 22,1% da população da Itália, distribuídos por 14 municípios do país. Em média cada distrito industrial é composto por 14 municípios do país, cada um com uma média de 80.715 pessoas, segundo dados do Instituto *Nazionale di Statistica* (2006) (GRADO et al., 2008).

Lazerson e Lorenzoni (1999) descreveram a região do nordeste e centro-norte da Itália como uma região coberta de pequenos conglomerados industriais, onde dezenas de milhares de artesãos ajudaram a empurrar o país para o *ranking* mundial na produção de vestuário de luxo, mobiliário, máquinas/ferramentas e cerâmicas. Por exemplo, Castel Goffredo produz 39% da meia-calça vendida na Europa. Os distritos industriais não somente atendem cerca de 30% das exportações da Itália, eles empregam 16% dos trabalhadores no processo de fabricação (MONTEDISON AND CRANEC CATHOLIC UNIVERSITY OF MILAN, 1998), além de eles estarem concentrados em suas mais ricas províncias.

Estes dados nos mostram a força dos distritos industriais italianos para a economia da Itália; além de terem dinamizado várias regiões do país os distritos industriais têm a capacidade de transformação endógena, onde se integra a cadeia produtiva ao todo, fazendo com que cada agente se sinta participante direto do processo, seja de produção, seja de fabricação, seja de comercialização ou até mesmo de distribuição.

Entre estes fatores sociopolíticos e socioeconômicos fica a necessidade de estudar de forma empírica as unidades produtivas em nosso território, de modo a aprender com a literatura já existente e assim desenvolver ferramentas que possam induzir um crescimento sólido, dinamizando microrregiões nas mais diversas partes do Brasil.

Portanto Becattini (1999) enfatiza que outra característica maior lançada em discussão pelos estudiosos é o laço que une o sistema local dos pequenos produtores aos mercados externos de escoamento de seus produtos, ou seja, a criação de um distrito autêntico não precisa somente da adequação, num lugar dado, das condições técnico-produtivas e das características socioculturais.

Depende, também, de um fato coletivo, cuja perenização e renovação regular possam escoar a produção com frequência (além da relação de consumo local). Para que este possa se consolidar um distrito industrial estabelecido e operacional, precisa-se então, que a reserva territorial correspondente à oferta tenha se transformado em uma opção reconhecida como importante pelos intermediários especializados nos produtos desse distrito.

Foi indubitavelmente a Itália que deu o principal impulso ao modelo de distritos industriais. Em um estudo realizado a respeito do fenômeno dos distritos industriais na Itália Pike et al. (1990) identificaram o que, segundo padrões acadêmicos tradicionais, seria considerada uma abordagem nova e dinâmica do desenvolvimento econômico regional.

Para Melo [(20--)], na década de 1970, quando as grandes empresas estavam perdendo terreno para suas concorrentes internacionais, um conjunto de pequenas empresas, localizadas em determinada região começaram a demonstrar um dinamismo pouco usual, aumentando sua quota de mercado, interna e externamente, conseguindo criar lucros e empregos.

É possível notar que os distritos organizados no norte e nordeste da Itália conseguiram prover ganhos de escala ao território, considerando o fato das empresas serem classificadas como pequenas e médias empresas, mas somente o fato do tamanho das empresas não indica muito quais eram os fatores de sucesso nestes distritos, e sim a forma como tais agentes conseguem se organizar para produzir. É importante ressaltar os esforços coletivos observados nos distritos italianos, a cooperação, a interação interempresas as ações políticas que permeiam entre os agentes inseridos no território.

Para Sengenberger e Pike (1999), a disposição das empresas para cooperação é outra característica importante dos distritos industriais; trata-se de um tipo de cooperação longe de implicar um congelamento da concorrência, na verdade a iniciativa. Segundo a percepção destes autores, em suas pesquisas foi possível observar que tais ações de cooperação entre essas empresas que atuam nos distritos foram capazes de promover a eficiência competitiva em outros níveis e contextos.

Coró (1999) aponta que na Itália, a indústria perdeu, no último decênio intercensuário, quase 600.000 mil postos de trabalho, cerca de 10% do que tinha no

início dos anos 1980. Todavia, essa perda concentrou-se quase toda nas grandes empresas e, em particular, nas unidades com mais de 500 dependentes, nas quais o emprego praticamente caiu pela metade em apenas dez anos, confirmando assim o declínio que começou já nos anos 1970. Para Coró (1999), os DIs parecem representar, com efeito, uma exceção, pois não se assistiu tais fatos nas pequenas e médias empresas.

Tais fatos podem estar correlacionados justamente com a organização destes DIs no norte e nordeste da Itália, que nas últimas décadas foram capazes de dinamizar sua organização produtiva e chamar a atenção de diversas regiões em torno do mundo. No subitem a seguir será descrita de forma breve como são identificados os distritos industriais brasileiros.

2.3 Distritos Industriais Brasileiros

O Distrito Industrial, utilizado como política governamental tinha por objetivo alavancar o desenvolvimento, sendo implantado em diversos estados do Brasil. Por iniciativa dos governos estaduais, a formação do distrito brasileiro basicamente ocorria pela localização de uma área em um município, que era provida de algum tipo de infraestrutura (calçamento de ruas, água, luz, etc.). No estado do Rio de Janeiro, o primeiro empreendimento, nesse sentido, aconteceu em meados de 1969 quando fundada a Companhia de Distritos Industriais (CODIN, 2007 apud CASTRO, 2009).

É possível observar alguns esforços parecidos como o supracitado no estado do Espírito Santo, às margens da cidade de Cachoeiro de Itapemirim, maior polo de extração de rochas ornamentais do Brasil; identificam-se pequenos polos e distritos que foram organizados pelo governo Estadual e municipal em forma de distritos, como já descritos por Codin, em que o governo atua no desenvolvimento do distrito industrial, dando aporte na infraestrutura, com a abertura de terrenos, pavimentação das vias de acesso, entre outras ações. A finalidade destes projetos é a de conseguir captar grupos de empresas para se instalarem em determinado espaço geográfico, o que é facilmente identificado nos municípios de Lúna (região do Caparaó), Linhares (norte do Estado do ES), grande Vitória (setor metal-mecânico).

A promoção destes distritos visa desenvolver áreas que possuam certas peculiaridades produtivas.

Segundo Diniz e Crocco (1996), do ponto de vista industrial, ao lado da perda de importância de tradicionais regiões produtoras, a exemplo das áreas metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, está se criando um conjunto de novas áreas industriais, a maioria especializadas, relativamente dispersas e em cidades de porte médio, exigindo um novo recorte regional e setorial, ou seja, observa-se que existem esforços para se promover o surgimento, melhoramento e manutenção de áreas que possuam potencialidades econômicas microrregionais, que possam se tornar distritos, aglomerações APLs, entre outras formas de organização produtiva em nosso país.

Para Castro (2009) sem qualquer semelhança com os distritos marshallianos ou italianos, os distritos brasileiros, com raras exceções, não conseguiram prosperar. Em alguns municípios não havia um plano de atração de empresas ou política industrial. Em outros, o governo local esperava por incentivos fiscais e/ou fundos de desenvolvimento do governo federal para que seu distrito começasse a alavancar.

Essas ações nos últimos anos vêm sendo reestruturadas, como descreve Neto (2008), em que sob um contexto marcado pelo advento de um paradigma de produção enxuta – ágil e flexível, a emergência de novos empreendimentos está cada vez mais condicionada pelas atuais tendências de descentralização geográfica da produção. No caso do Brasil, pode-se esperar que haja um aumento significativo do número de novas pequenas e médias empresas, que deverão surgir a partir da lógica de maior descentralização produtiva por parte das grandes organizações.

Para tanto, observam-se esforços empreendidos por universidades, empresas, sociedades civis e governos, para que as questões microrregionais sejam discutidas com maior tirocínio, visando ao desenvolvimento econômico e territorial dentro espaço geográfico nacional. Dessa forma, é necessário mitigar políticas que fomentem tais ações, além de buscar entender quais as reais dinâmicas produtivas que existem nas diversas localidades deste país de dimensões continental. Considerando o perfil organizacional dos diversos agentes, é possível pensar em formular estratégias tácitas em consonância com estudos já existentes, e assim obter alavancagens nos sistemas de produção local, gerando ganhos exitosos aos agentes inseridos no universo de produção local.

2.4 Arranjos Produtivos Locais

Amplamente importante para o desenvolvimento econômico local, o conceito de Arranjo Produtivo se torna foco de pesquisa em razão de sua importância no desenvolvimento de distritos industriais, aglomerações produtivas, entre outras formas de organização produtiva. A ideia de aglomerações torna-se explicitamente associada ao conceito de competitividade, principalmente a partir do início dos anos 1990, o que parcialmente explica seu forte apelo para os formuladores de políticas (CASSIOLATO; SZAPIRO, 2003).

Os arranjos produtivos variam de tamanho, amplitude e estágio de desenvolvimento. O seu fortalecimento pode estar ligado a uma política governamental, federal ou estadual, objetivando o desenvolvimento regional e gerando emprego e renda. Na grande maioria dos arranjos, há a necessidade de melhorias de processo gerenciais e de produto. Em determinados casos, verifica-se ser prioritário avaliar o agrupamento, caracterizar as empresas locais e definir as melhorias necessárias (SANTOS; GUARNERI, 2000).

Para Costa (2010), quem pensa que o fenômeno das atividades produtivas aglomeradas de pequenas e médias empresas é apenas um acontecimento recente engana-se categoricamente. A própria gênese da análise dos Arranjos Produtivos Locais (APLs), expressa nas externalidades aglomerativas – aparece já na última década do século XIX em capítulos destinados ao estudo da organização industrial na obra *Princípios de Economia* de Alfred Marshall, quando o autor destaca Lancashire e Sheffield, na Inglaterra, por possuírem uma forma de organização da produção em forma de distritos industriais compostos por pequenas empresas.

Os arranjos são definidos como um fenômeno vinculado às economias de aglomeração, associadas à proximidade física das empresas fortemente ligadas entre si por fluxos de bens e serviços. A concentração geográfica permite ganhos mútuos e operações mais produtivas. Entre os aspectos que devem ser observados, destaca-se o papel de autoridades ou instituições locais para a organização e a coordenação das empresas, pois apenas um grupamento de empresas não é suficiente para ganhos coletivos (SANTOS; GUARNERI, 2000).

O APL pode ser entendido em virtude de suas diversas formas de organização produtiva. De acordo com o Sebrae-ES (2007), o agroturismo implantado em Venda Nova do Imigrante se adequa perfeitamente a este conceito de aglomeração produtiva, observando condicionantes socioculturais existentes na região. Conforme é descrito no documento:

O agroturismo caracteriza-se pelo contato direto entre o produtor e os consumidores (visitantes / turistas). Enquanto fornecedor de produtos e serviços no turismo rural, ele domina toda a cadeia produtiva, o que lhe permite aferir uma renda mais elevada em relação à que normalmente é praticada nas outras propriedades que se dedicam à agricultura tradicional. O sucesso do Agroturismo se deve à combinação de interesses das partes. De um lado o agricultor necessitando de uma agregação de valor à sua produção e/ou renda complementar e do outro os residentes dos centros urbanos, fugindo do ritmo estressante das cidades em busca do modo de vida simples do campo, da vivência com o natural, o saudável e o ecologicamente correto. A adoção do termo “agroturismo” sugere a existência de uma nova atividade com características próprias, num contexto diferente e especial que surgiu em fins da década de 1980 nas montanhas do Espírito Santo, mais precisamente na cidade de Venda Nova do Imigrante, numa fazenda de descendentes italianos. (SEBRAE-ES, 2007 p. 1).

Assim, podemos entender que as configurações que norteiam estas discussões são amplas, e que a chave da composição de uma APL, distrito industrial, aglomeração produtiva, deve partir da premissa identificada por Alfred Marshall.

Segundo Pereira e Ribeiro (2011), o caso do Agroturismo em Venda Nova do Imigrante chama a atenção em razão da boa organização produtiva no território, em que os autores descrevem que permeado pela literatura, verificou-se que a respeito da proximidade entre o meio rural e urbano, como um dos fatores que materializa um distrito industrial, é passível a ocorrência de uma área espacial e culturalmente identificável, em que ambos os empregadores e os trabalhadores vivem e trabalham, chamando, assim, a atenção aos traços descritos pela literatura presente.

Ainda, no contexto da literatura, foram observadas várias unidades produtivas de pequeno porte engajadas em atividades relacionadas a uma única categoria industrial e localizadas em uma comunidade claramente identificável em termos da história, geografia e cultura. Nesse caso, a cultura homogênea tem produzido uma atmosfera de comportamento cooperativo e confiante, em que a ação econômica é

regulada por uma série de regras implícitas e explícitas por convenções sociais e organizações públicas e privadas (PEREIRA; RIBEIRO, 2011).

Foi desta maneira que no Brasil, apesar da diversificação conceitual, morfológica ou de nomenclatura das diversas experiências, passou-se, a partir do final da década de 1990, a utilizar com cada vez mais frequência o termo APL, como sendo um espaço social, econômico e historicamente construído por meio de uma aglomeração de empresas (ou produtores) similares e/ou fortemente inter-relacionadas, ou interdependentes, que interagem em uma escala espacial local definida e limitada mediante fluxos de bens e serviços.

Para isto, desenvolvem suas atividades de forma articulada por uma lógica socioeconômica comum que aproveita as economias externas, o binômio cooperação-competição, a identidade sociocultural do local, a confiança mútua entre os agentes do aglomerado, as organizações ativas de apoio para a prestação de serviços, os fatores locais favoráveis (recursos naturais, recursos humanos, cultura, sistemas cognitivos, logística, infraestrutura, etc.), o capital social e a capacidade de governança da comunidade (COSTA, 2010).

Esta seção apresentou a leitura clássica sobre os distritos industriais, tanto pela visão de Alfred Marshall quanto dos *neo-marshallianos*. Na leitura deste tópico foi possível entender como é composto um distrito industrial, sua organização, como ocorre o fluxo de cooperação produtiva, entre outras peculiaridades inerentes a este tema, além das novas leituras sobre aglomerações produtivas com a explanação sobre os distritos industriais brasileiros e arranjos produtivos locais.

CAPÍTULO 3 – A CAFEICULTURA BRASILEIRA: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

Esta seção apresentará ao leitor um recorte histórico sobre a introdução da cafeicultura no Brasil, o início da produção, expansão e principais crises ocorridas no setor desde sua introdução, além das perspectivas futuras para uma gestão sustentável da cafeicultura nacional.

3.1 A Cafeicultura Brasileira

A história do Brasil será sempre lembrada pelos tempos áureos da Cafeicultura, tempo este em que os barões ostentavam grandes riquezas geradas pelo “*ouro negro*”, produzidos pela mão de obra escrava que imperava sobre os cafezais formados nos diversos estados e províncias do país. O café teve papel extremamente importante no desenvolvimento socioeconômico do Brasil, por intermédio da propagação de comunidades produtoras, aberturas de estradas, surgimento de novas praças onde a rubiácea podia ser produzida.

Conta a história que o café foi introduzido no Brasil em 1727, no estado do Pará, com sementes e mudas oriundas da Guiana Francesa (MATIELLO et al., 2005).

Os fatos relatam que o então Governador do Maranhão e Grão Pará, João da Maia Gama, ouvira falar do grande valor comercial do café, decidindo enviar o sargento-mor Francisco Mello Palheta para uma viagem àquele país vizinho, com duas missões: uma oficial e outra secreta, para resolver problemas de delimitação de fronteiras e trazer o café para nosso país. Palheta cumpriu bem sua missão, retornando ao Brasil com algumas sementes e cinco mudas de café, trazido em seu retorno e cultivado em Belém do Pará (MATIELLO et al., 2005).

Durante décadas, o café foi a atividade econômica mais importante da nação, sendo suplantada aos poucos e apenas recentemente pelo setor industrial, além de atualmente o setor não ter mais o produto como o principal item da balança comercial, o que configurou uma perda significativa no desempenho da *commoditie* na economia brasileira, trazendo como consequência a perda do interesse

político/econômico e da força da cadeia do café como grupo de pressão (ZYLBERSZTAJN, 1993).

Segundo aborda Furtado (1991), o Brasil necessitava reintegrar-se nas linhas em expansão do comércio internacional no final do século XIX. Em um país sem técnica própria e no qual praticamente não se formava capitais que pudessem ser desviados para novas atividades, a única saída que oferecia o século XX para o desenvolvimento era o comércio internacional. Mesmo com essa indicação, ainda existiam entraves econômicos, porém observa-se que pela metade do século já se definia a predominância de um produto relativamente novo. O café, se bem que fora introduzido desde o século XVIII e se cultivasse por todas as partes para fins de consumo local, assume importância comercial no fim deste século, quando ocorre a alta de preços causada pela desorganização do grande produtor que era a colônia francesa do Haiti.

Conforme descreve Pires (2008), o café pode ser considerado uma das primeiras “*commodities*” efetivamente globais; esteve presente desde as origens do mercado internacional, ao menos na forma em que conhecemos hoje. Particularmente sensível às distintas condições de clima e solo, implicando extremas variações em seu tipo e qualidade, o café sempre esteve sujeito às “percepções subjetivas” de consumidores e comerciantes, variando desde o consumo de luxo até as necessidades básicas (TOPICK; CLARENTH-SMITH, 2003, p. 22 apud PIRES, 2008).

No primeiro decênio da independência brasileira o café já contribuía com 18% do valor das exportações do Brasil, colocando-se em terceiro lugar depois do açúcar e do algodão. E nos dois decênios seguintes já passa para o primeiro lugar, representando mais de 40% do valor das exportações (FURTADO, 1991).

Para Ponciano et al. (2008), no Século XX, a cafeicultura assumiu realmente grande importância no desenvolvimento econômico do Brasil. Foi a atividade agrícola pioneira na formação econômica das regiões mais dinâmicas do país. A partir de então, o Brasil sempre ocupou a posição de maior produtor e maior exportador de café.

Conforme Furtado (1991), no último decênio do século XIX criou-se uma situação excepcionalmente favorável à expansão da cultura do café no Brasil. Por um lado a oferta não brasileira atravessou uma etapa de dificuldades, sendo a

produção asiática grandemente prejudicada por enfermidades, que praticamente destruíram os cafezais da ilha de Ceilão.

Outro fator preponderante que corroborou para a forte expansão do café no Brasil foi o efeito estimulante da grande inflação de crédito desse período, que beneficiou duplamente os cafeicultores: proporcionou crédito necessário para financiar a abertura de novas terras e elevou os preços do produto em moeda nacional com a depreciação cambial. A produção brasileira, que havia aumentado de 3,7 milhões de sacas (60 kg) em 1880-81 para 5,5 em 1890-91, alcançaria em 1901 16,3 milhões. (FURTADO, 1991).

No entanto, no final do século XX, houve grande queda da cafeicultura na participação no comércio internacional desse produto. Responsável, no início do século, por 77% das exportações mundiais, o Brasil participa com menos de 30% do total das exportações de café. Nessa mesma linha de raciocínio, a participação das exportações de café no Produto Nacional Bruto (PNB) vem declinando devido ao crescimento da diversificação da pauta de produtos exportáveis e de produtos de consumo doméstico (PONCIANO et al., 2008).

A safra 2011/2012 foi estimada em 43,48 milhões de sacas beneficiadas, a produção brasileira de café (Arábica e Conilon), é 9,6% ou 4,61 milhões de sacas inferior ao volume de 48,09 milhões de sacas produzidas na safra anterior (CONAB, 2011). A média histórica da OIC entre 2000/2001 até 2011/2012 indica que o Brasil produziu em média 38.121 milhões de sacas nesse período (OIC, 2012).

Segundo dados da Organização Internacional do Café (OIC) em 2012, o volume de exportação de café Arábica e Conilon no ano de 2010/2011 atingiu a casa dos 33.858 milhões de *bags*, se comparado com o ano de 2000/2001, onde o país exportou 18.577 milhões de sacas, o volume de crescimento deste mercado de exportação ultrapassa os 80% de crescimento, indicando que a cafeicultura nacional contribui para a economia brasileira (OIC, 2012).

A cadeia agroindustrial de café constitui um dos setores mais importantes da economia brasileira pela sua expressiva participação na pauta de exportação e na geração de emprego e renda, e representa, em médio e em longo prazo, um dos principais produtos estratégicos para o país. A importância da cafeicultura brasileira pode ser visualizada pelo volume de produção, pelo consumo interno, pela sua participação na pauta de exportação e pela capacidade de geração de emprego e de renda na economia.

Em termos gerais, o Brasil é o maior produtor de café, participando com cerca de 30% da produção mundial, seguido da Colômbia (14%), Continente Africano (20%), América Central (13%) e México (5%) (TEIXEIRA, [20--]).

O país ocupa o posto de maior produtor de café do mundo da variedade *Coffea Arábica* (café Arábica) e é o segundo maior produtor do mundo da variedade *Coffea canephora* (café robusta ou café Conilon) pertencentes à família das rubiáceas, cujo nome comum se dá como café.

Os dados supra-abordados indicam pontos importantes no desenvolvimento da cafeicultura nacional, mostrando sua introdução, expansão e conseqüentemente sua mudança no cenário econômico da pauta de exportações nacionais. Este setor tem contribuído durante décadas no desenvolvimento do país, porém é necessário entender que a mudança da configuração econômica nacional pode ser vista como uma nova perspectiva para oportunidades no setor, que tradicionalmente é visto como exportador do grão cru verde, para uma mudança de configuração produtiva em que os produtores possam se organizar em sua forma de produção para gerar ganhos de escalas e alcançar mercados ainda genuínos dentro da cadeia produtiva do café.

Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), o consumo doméstico do setor vem sofrendo grande expansão nos últimos anos. Compreendido entre novembro/2010 e outubro/2011, a ABIC registrou o consumo de 19,72 milhões de sacas, isto representando um acréscimo de 3,11% em relação ao período anterior correspondente (nov. 09 a out. 10), que havia sido de 19,13 milhões de sacas.

Este fato nos mostra que o Brasil ampliou seu consumo em 590 mil sacas nos últimos 12 meses (ABIC, 2012). Quanto ao consumo *per capita* o volume foi de 6,10 kg de café em grão cru ou 4,88 kg de café torrado, quase 82 litros para cada brasileiro por ano, registrando uma evolução de 1,45% em relação ao período anterior. Os brasileiros estão consumindo mais xícaras de café por dia e diversificando as formas da bebida durante o dia, adicionando ao café filtrado consumido nos lares, também os cafés expressos, cappuccinos e outras combinações com leite (ABIC, 2012).

Segundo dados da Organização Internacional do Café (OIC), o consumo doméstico de café Arábica e Conilon no Brasil entre o ano de 2000 a 2010 sofreu

expansão de 44% no volume de café consumido pelo mercado interno nacional. Esses valores mostram a expressão da nova dinâmica de comportamento industrial relativo ao setor produtivo do café, reforçando os dados abordados pela ABIC (OIC, 2011).

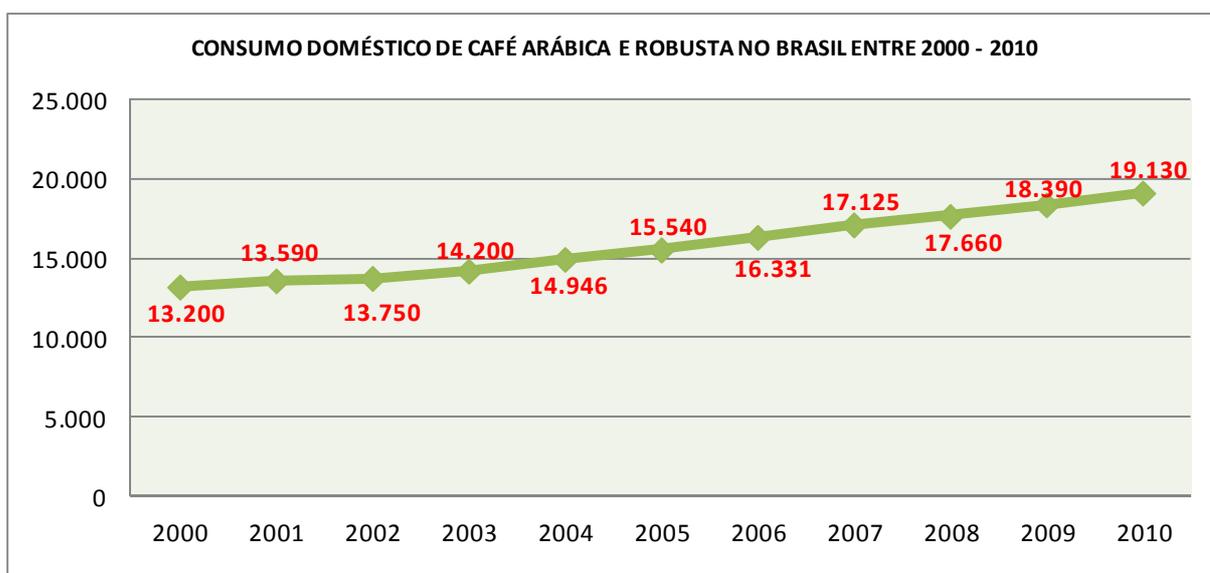


Figura 1 – Consumo doméstico de café Arábica e robusta no Brasil entre 2000 e 2010
Fonte: Organização Internacional do Café (2011).

Essa tendência indica que o Brasileiro está evoluindo e consumindo maiores volumes de café; este fato corrobora com uma indicação importante: o volume de exportação indicado pela OIC (2012) para a safra de 2010/2011 correspondeu a 33.858 milhões de sacas. O volume de consumo interno citado pela OIC para 2010 foi de 19.130 milhões de sacas. Nos últimos 10 anos a média de produção brasileira atingiu 38.121 milhões, ou seja, esses dados indicariam um desequilíbrio entre oferta e demanda interna se as taxas de ambos os lados continuarem crescendo, os níveis de estoques mundiais em 2010 indicaram 18.306.719 milhões de sacas (OIC, 2012).

É necessário pensar em políticas e estratégias para o setor, a fim de se evitar desequilíbrios e mitigar estratégias que possam dinamizar tanto a exportação quanto o consumo interno; essas novas configurações mundiais na produção, consumo *per capita* interno pode abrir portas para diversificação, flexibilização e mudança de paradigmas na cafeicultura nacional.

3.2 Novas Perspectivas para a Cafeicultura Nacional

Nesse contexto de mudanças ocorridas no setor nas últimas décadas, alguns autores descreveram propostas para que a cafeicultura nacional possa alcançar ganhos competitivos na esfera produtiva e econômica.

Para Moreira et al. (2007), o mercado cada vez demanda mais produtos agrícolas certificados, principalmente os países de primeiro mundo exigem em seus produtos informações sobre o processo produtivo e origem, visando tanto sustentabilidade socioambiental quanto qualidade intrínseca do produto. O consumidor quer saber como foi produzido seu alimento e produtos certificados de acordo com diferentes padrões estão cada vez mais presentes nas prateleiras de supermercados do mundo todo.

Nesta perspectiva, a cafeicultura está inserida neste universo de transformações; e cada vez mais são observados novos cenários inerentes ao processo de agregação de valor à imagem do cafeicultor e o seu produto em mercados espalhados nas mais diversas praças de consumo do mundo.

As certificações, a sustentabilidade produtiva e sociocultural, a cooperação, a flexibilização da produção são fatores inerentes a esta mudança que vem ocorrendo nos últimos anos na cafeicultura nacional, proporcionando ganhos de escala competitiva aos cafeicultores nas diversas localidades produtoras de café no Brasil, além das ações de marketing visando à promoção da cafeicultura local. Mesmo assim, Teixeira (2002) observa em sua pesquisa, que no Brasil o café sempre foi tratado como um produto homogêneo, de tal sorte que apenas o preço influenciava a quantidade demandada. Sendo assim, o País adotou uma política que prioriza a quantidade exportada de grãos, não se preocupando, em termos relativos, com as eventuais mudanças no gosto e nas preferências dos consumidores. Para tanto é percebido uma nova geração de consumidores de café no país.

Para Aguiar (2000), o consumidor brasileiro tem mudado seus hábitos em relação ao consumo de café no mercado interno, tanto que é possível observar na pesquisa desenvolvida pela referida autora que ao questionar os entrevistados sobre a percepção da qualidade dos cafés vendidos nos supermercados, a amostra se mostrou dividida. Observou-se que 55,3% consideram os cafés como sendo de qualidade e, 44,7% apontaram certo grau de resistência quanto à qualidade do café

torrado e moído. Começa-se a afastar a ideia de que todo café é igual e que é reservado ao consumidor brasileiro os produtos de pior qualidade. Dos entrevistados, 60% acreditam que o café especial seja o café mais puro, mesmo havendo a alternativa de cafés com qualidade superior, que totalizou 36,7% das respostas. Outros 1,3% acreditam que os cafés especiais sejam produtos mais caros e apenas 2,0% acreditam que os cafés sejam todos iguais.

Outra ação importante a ser desenvolvida pelos agentes do setor para agregar valor interno ao produto no mercado nacional seria a exploração por meio de novos nichos para cafés já industrializados e a abertura de mercados para os jovens, a fim de estimular o consumo de café no mercado interno. Sendo a cadeia de café um setor arraigado em tradições sociais, psicológicas e comportamentais, agir sobre o jovem é basicamente a forma mais fácil de modernizar a cadeia e colocá-la em igualdade de condições para competir dentro do setor de bebidas. Estratégias Políticas e Administrativas: campanhas de marketing institucional devem ser implementadas, principalmente pelas instituições representantes do setor, para reverter a imagem que o jovem tem do café. Campanhas de conscientização sobre os pontos positivos do café, como o poder estimulante, o papel social, o requinte e o aconchego são apelos de comunicação que devem ser usados para reposicionar a imagem do café na mente do consumidor jovem (SETTE, 2000).

Não nos restam dúvidas que o caminho para uma mudança de comportamento interno no mercado cafeeiro tende a ser remodelada pelos hábitos do consumo, pois o consumidor sempre motivará o mercado em suas ações, visando produtos de qualidade superior, em detrimento da composição econômica nacional e da nova modelagem de classes no Brasil. Esse caminho pode ser uma oportunidade para introdução de novos produtos oriundos do café no mercado local, estimulando o consumo, gerando renda e agregando valor final ao produto nacional.

Na Europa, principalmente na Itália, em Portugal e nos países escandinavos, o crescimento do consumo é decorrente da elevação da renda *per capita*, com exceção da Grã-Bretanha, onde o chá é preferido. O mercado alemão tem preferência por *blends* em que prevalecem os cafés lavados (colombianos e outros suaves). Na compra, o consumidor europeu considera a problemática social dos países produtores, sendo capazes de pagar pela certificação de negociações justas. No Oriente Médio, há preferência pelo café Conillon, típico em países árabes, que

tem tradição na forma de prepará-lo. O Japão passa a substituir o chá pelo café, com a ocidentalização dos hábitos de consumo, o que o torna o país promissor em termos de consumo, preferencialmente fora do ambiente doméstico, além de ser um mercado extremamente exigente em qualidade (BATISTA, 2000).

Assim, podemos perceber que ações precisam ser mitigadas para desenvolver novas estratégias para que a cafeicultura nacional encontre novos nichos de mercados, agregando valor ao produto nacional e dinamizando a produção, a fim de torná-la mais flexível.

Nesta seção discutiu-se a introdução do café em solo brasileiro, suas principais características, as crises ocorridas no setor ao longo dos séculos, bem como a força econômica expressada pelo setor para a balança comercial deste país, além da apresentação sobre as perspectivas futuras para que a cafeicultura nacional continue fomentando e gerando propagação de renda para as pessoas que dependem desta *commoditie* para sua sobrevivência.

Na próxima seção é abordada a caracterização socioeconômica da microrregião Sudoeste Serrana e microrregião do Caparaó, fechando a discussão da pesquisa bibliográfica do trabalho.

CAPÍTULO 4 – CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA NA MICRORREGIÃO DO CAPARÁO E MICRORREGIÃO SUDOESTE SERRANA DO ESPÍRITO SANTO

Esta seção tem por finalidade sustentar a discussão em torno do tema deste trabalho. Nas próximas páginas são descritas as principais características das microrregiões que fazem parte do universo pesquisado, suas peculiaridades, sua formação socioeconômica, dados demográficos e o universo produtivo da cafeicultura nestas microrregiões. Na primeira parte será apresentada de forma breve ao leitor a introdução da cafeicultura em solo espírito-santense; após essa abordagem a caracterização das duas microrregiões.

4.1 Introdução do café em solo espírito-santense

A cafeicultura de Arábica no Estado do Espírito Santo teve seu início na segunda década do século XIX, consolidando-se como importante elo da economia capixaba a partir de 1850, com o advento da imigração italiana e alemã. Inicialmente plantada no sul do Estado e região centro serrana, a partir de 1920 expandiu-se também para o norte do Rio Doce, ocupando áreas recém-desbravadas da Mata Atlântica. Até o ano de 1962, o café Arábica foi o senhor absoluto da economia estadual ocupando mais de 500 mil hectares. A partir dessa época, os solos com café começaram a apresentar sinais de exaustão que foram agravados com o surgimento da "ferrugem", doença até então inexistente em território brasileiro (CETCAFE, 2011).

Oliveira (2008) descreve que, embora continue sendo uma incógnita histórica a introdução da cultura do café no território Espírito-Santense, pode-se acentuar que em 1812, as lavouras do Rio Doce já produziam para exportação. Fato este que o lote vendido alcançou o preço de U\$\$ 3000 por arroba. Só mais tarde, entretanto, lá para meados do século, a rubiácea alcançaria o lugar proeminente que vem mantendo no conjunto dos produtos que constituem a riqueza do Estado.

Matiello (2005) argumenta que em 1774 o café foi trazido do Maranhão para o Rio de Janeiro, estado onde os cafezais se ampliaram. Do Rio de Janeiro as plantações de café se expandiram pelos contrafortes das regiões circunvizinhas,

atingindo grande expressão e volume de produção o estado do Espírito Santo, em 1920.

Neste período, grande atenção já despertava o café capixaba. Costa Pereira explicaria a razão da troca da cana de açúcar pelo café: o preço cada vez mais animador da rubiácea (café), e transmigração de mineiros e fluminenses, dados de preferência à cultura do café (OLIVEIRA, 2008, p. 420), acentuando assim o desenvolvimento da produção de café no Estado do Espírito Santo. A seguir é possível visualizar o ponto enfatizado acima por Costa Pereira sobre a Exportação de Café e de Cana de Açúcar no Espírito Santo entre 1858 a 1861.

Tabela 1 – Exportação de Café e Açúcar da província do Espírito Santo

ANOS	CAFÉ	AÇÚCAR
1858	151.227	46.222
1859	136.102	39.822
1860	202.117	29.550
1861	223.809	21.843

Fonte: Oliveira (2008, p. 420).

Buffon (1992) cita por meio de seus estudos que o café atuou de forma direta no desenvolvimento de vários núcleos do Espírito Santo com a expansão da cafeicultura que foi fundada pela base familiar, imprimindo certa urbanização com a rota do café.

O governo do Império iniciou então tentativas para o estabelecimento de núcleos de colonização. Em 1824 inicia-se uma colonização subvencionada e dirigida às províncias sulistas, recrutando da Europa Central, camponeses oprimidos e soldados desengajados no exército de Napoleão. Os diversos núcleos coloniais foram assim estabelecidos em vários pontos do território brasileiro: Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul (LEVI, 1974).

No mesmo período em que ocorreu a marcha do café, advinda do estado do Rio de Janeiro para a região do Caparaó, quase na mesma época iniciava-se o ciclo de imigração alemã e italiana para a expansão da cultura do café na região conhecida hoje como Serrana, conforme descreve Oliveira (2008, p. 356):

“Os colonos europeus, tanto germanos, chegados entre 1847 e 1880, como italianos, introduzidos em 1847 a 1895, contribuíram poderosamente para o

progresso demográfico e econômico do Estado”. A contribuição estimada pelos analistas foi, respectivamente, de 11.000 austro-alemães e 40.000 italianos. No campo econômico, a produção de café teve a marca: em 1860, 50.529 sacas, em 1890, 250.000; em 1900, 394.150! O italiano, que por primeiro se miscigenou, deu sadio exemplo de perseverança, amor ao trabalho e a família. Introduziu novos hábitos e restaurou a moral doméstica. Os colonos venceram sós. As autoridades públicas não lhes davam a menor assistência.

A marcha do café foi que propiciou, efetivamente, a ocupação das terras capixabas. No início e até meados do século XIX, esgotavam-se as condições de plantio de café nos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, necessitando assim de expansão para a lavoura de café, fazendo com que se ocorresse um fluxo de migração da população destes estados para terras capixabas (CAMPOS, 1987).

Oliveira (2008) acentua este fato, atribuindo que o café não constitui a especialidade de um município apenas, ou de uma comarca apenas, e sim de todos os pontos da Província, pois este gênero por seu preço, que se tem conservado sempre elevado, em geral torna-se a esperança tanto para o grande quanto para o pequeno cultivador (OLIVEIRA, 2008, p. 424).

Os autores citados descrevem um recorte histórico da introdução de povos oriundos de outros países e estados em dois extremos geográficos do estado do Espírito Santo durante meados do século XIX com a marcha do café.

O agronegócio capixaba responde hoje por mais de 30% do Produto Interno Bruto (PIB Estadual) e absorve, aproximadamente, 40% da produção economicamente ativa, dos quais estão 28% diretamente vinculados à produção.

O Espírito Santo ocupa menos de 0,5% do território brasileiro. Nesse pequeno espaço está inserida uma das mais imponentes cafeiculturas do mundo, em uma área aproximada de 460 mil hectares, que acomoda um parque de 1,1 milhão de covas, que são responsáveis pela produção anual de mais de 10 milhões de sacas, oriundas de 61 mil propriedades das (90 mil existentes) (TOMAZ et al., 2011).

Esses dados reforçam a discussão em torno do tema de que a cafeicultura demonstra importância para a alavancagem da economia capixaba, contribuindo socioeconomicamente com uma parcela significativa da população local.

No estado do Espírito Santo o café Arábica é cultivado há mais de 150 anos e sempre foi uma atividade muito importante no Espírito Santo. Por volta de 1960, verificou-se redução substancial na produtividade e perda na qualidade final do

produto. Esses problemas, associados à oferta muito grande de café no mundo, levaram o Estado a ingressar de forma muito intensa num programa de erradicação de cafezais, estabelecido pelo governo federal, que trouxe prejuízos sociais e econômicos importantes (TOMAZ et al., 2011).

O estado do Espírito Santo se destaca por ser o maior produtor de café Conilon do Brasil e o terceiro maior produtor de café Arábica do país. A economia capixaba sofreu várias transformações ao longo das últimas décadas, dinamizando-se e expandindo para novos campos e áreas de atuação; mesmo assim o café continua tendo papel importante no interior e nas microrregiões produtoras. No decorrer desta seção abordam-se as peculiaridades destas microrregiões que compõem a amostragem em estudo, mostrando mediante a organização econômica como estas microrregiões se organizam produtivamente.

Acompanhando a conjuntura econômica da cafeicultura capixaba, a Figura 2 a seguir mostra a evolução do PIB do café, mostrando a evolução econômica ocorrida no setor entre 1996 e 2010.

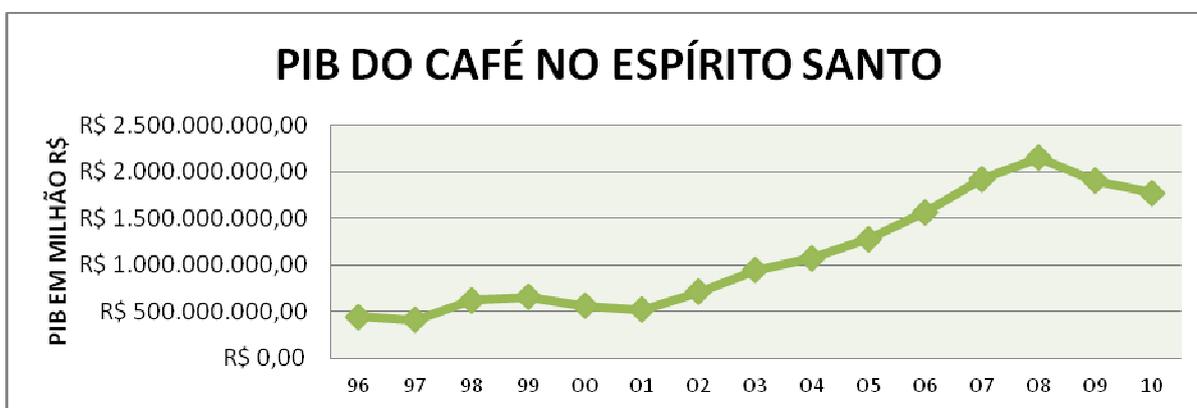


Figura 2 – PIB do café no Espírito Santo entre 1996 e 2010
Fonte: CETCAFE (2011).

Isto reforça a discussão em torno do tema central desta pesquisa, mostrando que mesmo com todo o dinamismo ocorrido na cafeicultura nacional, o café no Estado do Espírito Santo possui grande importância econômica na conjuntura local.

Na busca de um melhor entendimento sobre a conjuntura econômica mundial, é possível visualizar que o café no cenário nacional e internacional convive com ciclos econômicos que reconfiguram a vida de diversos agentes. Furtado (1991) descreve que a crise de 1929 trouxe vários impactos na economia nacional.

Segundo o autor, a grande acumulação de estoques de 1929, a rápida liquidação das reservas metálicas brasileiras e as precárias perspectivas de financiamento das grandes safras previstas para o futuro aceleraram a queda do preço internacional do café (FURTADO, 1991).

Essa queda assumiu proporções catastróficas, pois de setembro de 1929 a setembro de 1931, a baixa foi de 22,5 centavos de dólar por libra para 8 centavos (FURTADO, 1991).

Estes dados indicam como a rubiácea oscila em meio às questões de económica internacional, em razão de diversos fatores que fazem com que o cafeicultor do século XXI tenha faro aguçado para a gestão da propriedade rural em sua essência organizacional.

Os preços acumulados indicados pela OIC (2012), entre 1990 e 2009 indicam que a rubiácea manteve-se relativamente em posição favorável de valorização neste período. A Figura 3 expressa a média observada na Organização Internacional do Café sobre o volume indicativo de preço composto das médias mensais e anuais de 1990 a 2009:

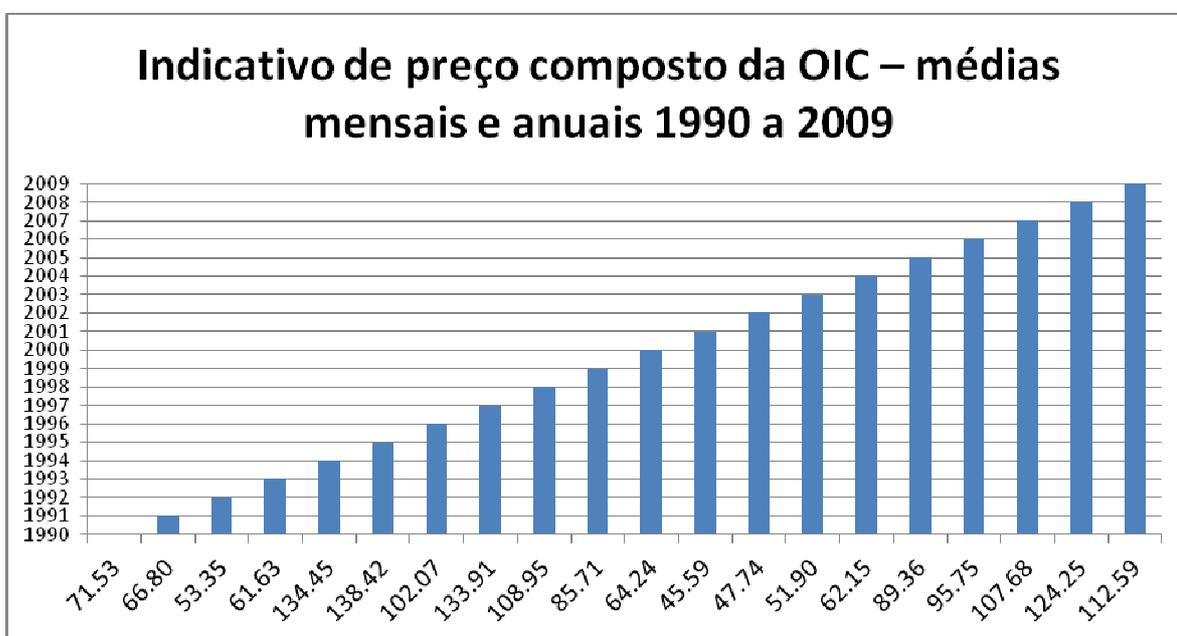


Figura 3 – Indicativo de preço composto da OIC: médias mensais e anuais 1990 a 2009
 Fonte: ICO composite indicator price annual and monthly averages 1990 to 2009, (US cents per lb) (OIC, 2012).

No final do ano de 2011 e início de primeiro trimestre de 2012 o preço da *commoditie* vem sofrendo forte valorização, em razão das baixas nos estoques mundiais. Conforme as tabelas abaixo será possível entender a diferença de preços em US\$ nas cotações do café Arábica e Conilon sobre as bolsas de Londres e New York.

Tabela 2 – Cotações da Bolsa de NY para o café Arábica

Contrato	FECHAMENTO	U\$	VARIAÇÃO	R\$
MAR12	23/12/11	219.65	-175 ↓	540,17
MAY12	23/12/11	222.40	-175 ↓	546,90
JUL12	23/12/11	224.95	-165 ↓	553,17
SEP12	23/12/11	226.95	-165 ↓	558,08
DEC12	23/12/11	228.85	-155 ↓	562,76
MAR13	23/12/11	231.35	-130 ↓	568,90

U\$ cnt / Lb - R\$ / saca 60 kg (contrato C)

Fonte: Carvalhaes – Boletim Semanal (2011).

Tabela 3 – Cotações da bolsa de Londres (LIFFE) para o café Conilon

Contrato	FECHAMENTO	U\$	VARIAÇÃO	R\$
JAN12	23/12/11	1,784.00	-23 ↓	3.316,46
MAR12	23/12/11	1,831.00	-27 ↓	3.403,83
MAY12	23/12/11	1,868.00	-27 ↓	3.472,61
JUL12	23/12/11	1,897.00	-26 ↓	3.526,52

U\$ cnt/por tonelada - café robusta

Fonte: Carvalhaes – Boletim Semanal (2011).

Os dados acima reforçam que a cafeicultura mundial vive em cima da balança de oscilação de preços, ou seja, é indispensável ao cafeicultor não ter controle da gestão e organização interna da empresa rural. Isso corrobora para o entendimento de que cada vez mais o pequeno produtor precisa construir formas de agregar valor à produção para minimizar os impactos externos da economia em sua atividade produtiva.

Só assim será possível evitar ciclos como foram descritos nos relatos acima. As incertezas estarão sempre presentes na atividade econômica, porém a estruturação da gestão interna das propriedades capixabas precisa ser eficaz, para que não somente o produtor tenha solidez econômica, mas sim todo o território inserido neste contexto geográfico, a fim de que as regiões produtoras possam promover ganhos exitosos em sua composição econômica e social.

A seguir serão apresentados os dados socioeconômicos da microrregião do Caparaó e da microrregião Sudoeste Serrana do Estado.

4.2 Microrregião do Caparaó

A microrregião do Caparaó se caracteriza por sua diversidade cultural, pela predominância da agricultura familiar e pelo alto potencial econômico ligado à atividade cafeeira.

Formado por dez municípios, o território do Caparaó foi homologado pelo Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável do Espírito Santo, em 6 de agosto de 2003, o que lhe confere o *status* de ser um dos primeiros territórios de identidade no Brasil a ser apoiado pelo Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais “PRONAT” (PTDRS, 2006).

Segundo Campos (1987), o clima, a fertilidade que vinha do solo e a altitude, permitiam cultivar os cafeeiros do tipo *Bourbom*, da mesma maneira que na região de Itaperuna ou de Carangola, de onde vinha a maior parte dos fazendeiros que adquiriam suas fazendas nos meridionais da Serra, descendo aos poucos os vales do Itabapoana e do Itapemirim, assinalando a penetração com a fundação de São José do Calçado, São Pedro do Itabapoana, Alegre, Jerônimo Monteiro e Cachoeiro de Itapemirim.

Em meados do século XIX a cafeicultura começa seu ciclo migratório nos municípios do Caparaó, introduzindo a cafeicultura nos municípios circunvizinhos do território com a chegada de barões e imigrantes.

Não existem dados que possam expressar em percentuais qual foi o fluxo exato de imigrantes que se introduziram nas terras capixabas, tanto no Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana. Esse entendimento sobre os imigrantes inseridos nestas regiões pode contribuir para o entendimento da organização destes povos, considerando algumas peculiaridades oriundas da origem de cada povo trazido para terras capixabas.

Sabe-se que no Caparaó o ciclo de imigração mais fácil de ser identificado nestas terras foi o de imigrantes libaneses e sírios, nas cidades de Alegre e Guaçuí e portugueses e italianos em municípios circunvizinhos, como Lúna, Ibitirama, entre

outros. Na região tida como Serrana, observa-se um grande fluxo de italianos, alemães, espanhóis e suíços.

Campos (1987) explica, em sua pesquisa, que grande parte da colônia libanesa não obteve condições favoráveis para sua instalação. Na época grande confusão ocorria com a identificação entre turcos, sírios e libaneses, mas que em sua pesquisa foi possível encontrar que grande parte dos libaneses instalou-se em Alegre, Cachoeiro, Guaçuí entre 1880 e 1900, advindos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, em razão da construção de ferrovias e do comércio que já se estruturava com a presença da cafeicultura local na região.

Segundo o Diagnóstico Socioeconômico BANDES (2005), o contínuo desmatamento desta região iniciou-se com a implantação da cafeicultura a partir da segunda metade do século XIX, resultado da migração de cafeicultores do Rio de Janeiro e do Sul de Minas Gerais e, num segundo momento, ao final do século XIX, do processo de imigração europeia, principalmente com a vinda de colonos italianos, sírios, libaneses, entre outros. Segundo os dados econômicos, o território tem pouca expressividade na economia do Estado do Espírito Santo, participando com 2% no PIB estadual e com renda *per capita* de R\$ 7.702,23 enquanto a do Estado é de R\$ 8.000,00.

Contudo, quando se observa a participação na geração de renda do setor agrícola, verifica-se que ela é mais alta, girando em torno de 10%, o que confirma a especialidade da economia, predominantemente agrícola (PTDRS, 2006).

O PIB da microrregião do Caparaó no período de 1999 a 2008 em valores correntes (R\$ mil) pode ser observado na Figura 4.

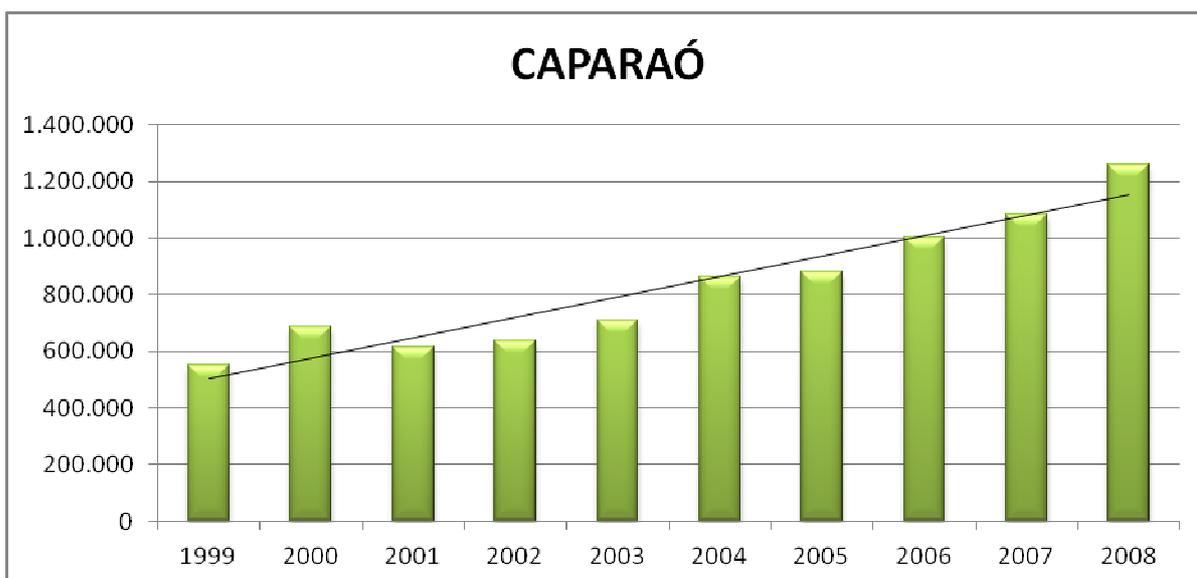
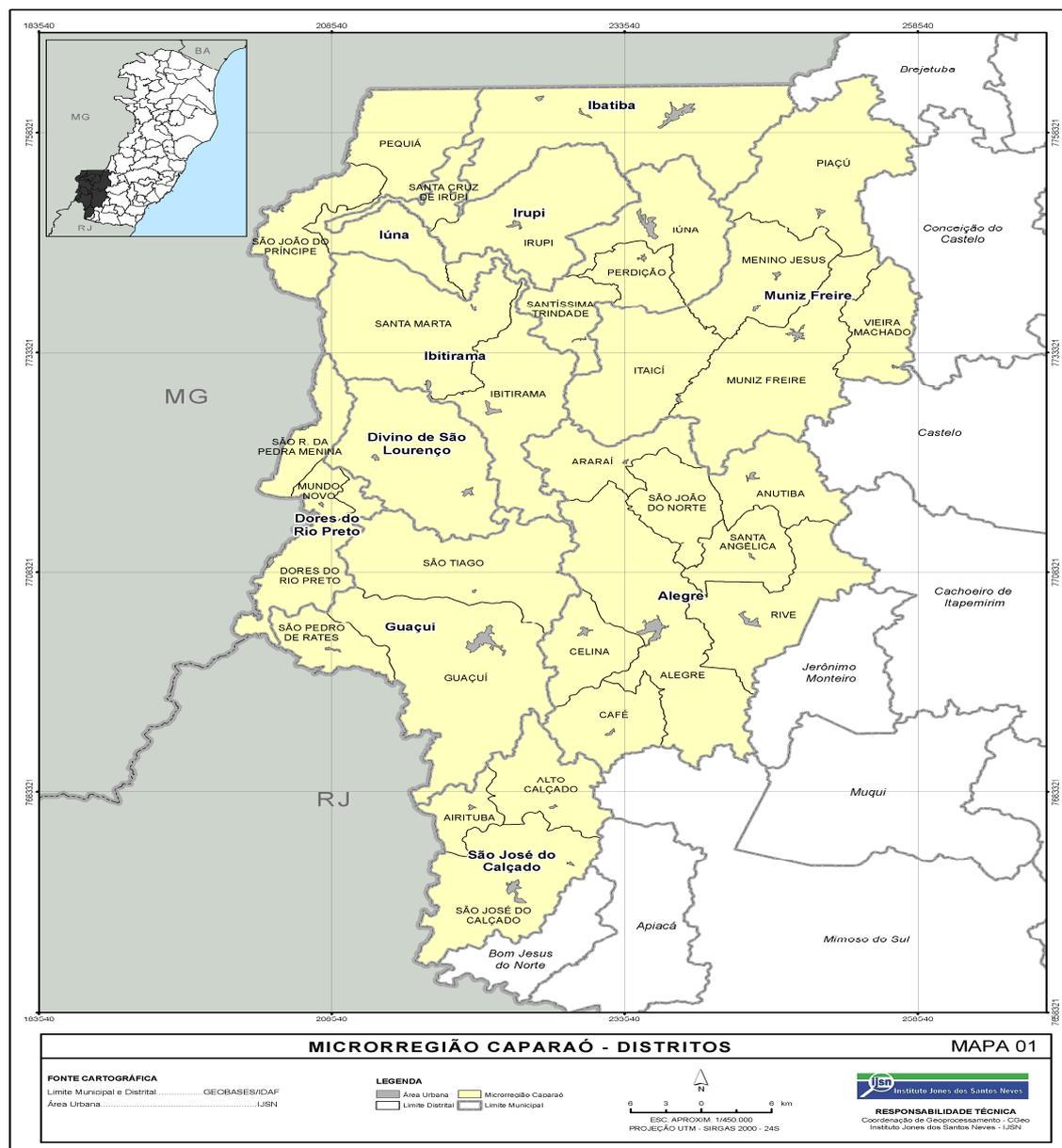


Figura 4 – PIB do ES segundo as regiões em valores correntes – 1999 a 2008 (R\$ 1,000)
Fonte: Adaptado de Anuário 2011 – Jornal a Gazeta, p. 86.

Os números demonstram crescimento econômico no território do Caparaó nos últimos anos. O PIB do território mais que dobrou de 1999 a 2008, acompanhando a trajetória acima pelo gráfico exposto.

A microrregião do Caparaó faz divisa com o estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Grande parte deste território foi formado pela migração de povos advindos dos estados citados anteriormente, em virtude do deslocamento da marcha cafeeira, como já abordado no início da Seção 4. O Mapa 1 mostra a área ocupada geograficamente pela microrregião do Caparaó no Estado do Espírito Santo.

Mapa 1 – Microrregião Caparaó, Distritos



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2011).

A população total do Território Caparaó no ano 2000, segundo o Censo Demográfico do IBGE, era de 163.268 habitantes, o que representava aproximadamente 5% da população do Estado do Espírito Santo.

Observou-se que a taxa de crescimento da população rural para o período 1991-2000 foi decrescente numa proporção maior que a média estadual. Segundo o Diagnóstico Socioeconômico (BANDES, 2005), a taxa de urbanização do Território Caparaó no ano de 2000 era de 54,22%, enquanto que a taxa estadual era de 79,52%.

No acumulado de produção cafeeira, a microrregião do Caparaó apresenta um volume de 1.141.087 de sacas de café, conforme a Tabela 4.

Tabela 4 – Média de produção e de área plantada dos municípios da microrregião do Caparaó entre 2004 e 2010

MUNICÍPIOS	PRODUÇÃO - MÉDIA 2004/2010	ÁREA PLANTADA MÉDIA 2004/2010
ALEGRE	95.197,00	7.367,00
DIVINO DE SÃO LOURENÇO	46.338,00	2.901,00
DORES DO RIO PRETO	57.678,00	3.853,00
GUAÇUI	78.138,00	5.244,00
IBATIBA	151.545,00	8.634,00
IBITIRAMA	112.242,00	7.702,00
IRUPI	157.143,00	9.217,00
IÚNA	249.750,00	16.619,00
MUNIZ FREIRE	154.463,00	11.875,00
SÃO JOSÉ DO CALÇADO	38.593,00	3.233,00
TOTAL ACUMULADO	1.141.087,00	76.645,00

Legenda: Milhão sacas 60kg

Mil hectares

Fonte: Adaptado de IBGE (2012).

A Figura 5 apresenta a participação percentual do volume de produção de cada município dentro da microrregião do Caparaó:

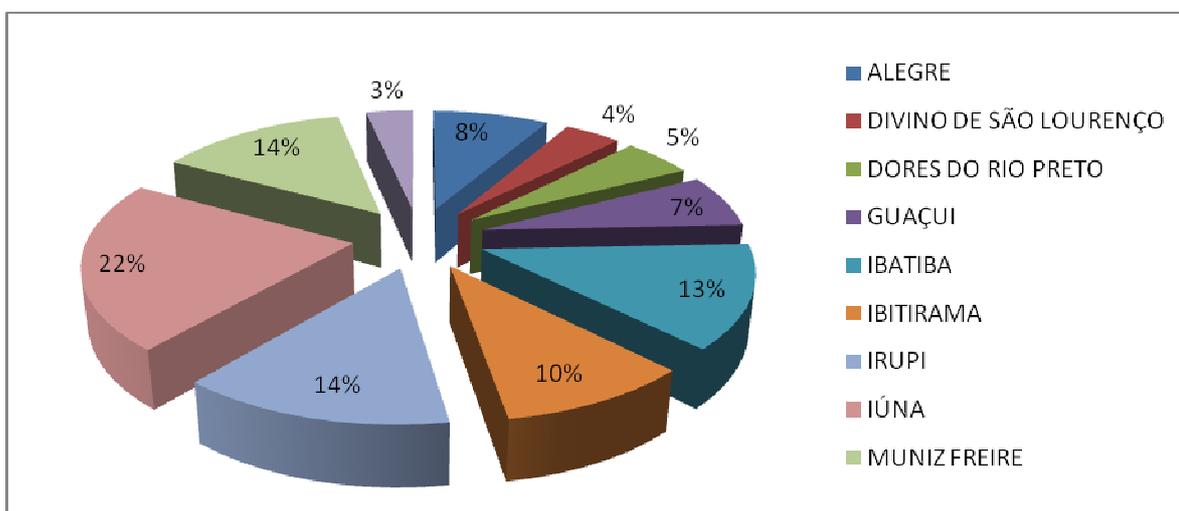


Figura 5 – Volume de produção na microrregião do Caparaó

Fonte: Adaptado de IBGE (2012).

A cafeicultura está presente em todos os municípios desta microrregião, onde milhares de famílias encontram nesta cultura uma forma de sobrevivência por meio da produção de cafés, gerando renda e desenvolvimento regional.

A cafeicultura é o braço forte de muitos municípios nesta microrregião; municípios, como Lúna, Irupi, Ibatiba, são destaques pelo alto volume de produção e importância como grandes centros comerciais que movimentam a economia regional nestas áreas.

Ferraz (1986) descreve que em 1º de setembro de 1920 realizou-se o primeiro recenseamento no regime republicano. Alegre, com 48.000 habitantes, era o município mais populoso do Estado, do qual era também o maior produtor de café. Atualmente a situação produtiva destes municípios é bem diferente, indicando possível esgotamento econômico da atividade.

Nas últimas décadas o município vem sofrendo com o abandono de produtores nesta atividade. As crises passadas no setor afetaram a cafeicultura *in loco*. Problemas com os preços da *commoditie*, mudança de variedades em razão da mudança climática, a migração das pessoas do campo para o centro urbano, má-infraestrutura do interior tem contribuído para a forte depressão do setor naquela região (PEREIRA; RIBEIRO, 2010).

Esses indicadores socioeconômicos mostram que a cafeicultura no Caparaó passou por diversas crises e tem sofrido modificações nos últimos anos, alterando sua composição territorial e se firmando em regiões que conseguiram promover ganhos de escala no território.

4.3 Microrregião Sudoeste Serrana

A microrregião Sudoeste Serrana é composta por seis municípios: Afonso Cláudio, Conceição do Castelo, Domingos Martins, Laranja da Terra, Marechal Floriano e Venda Nova do Imigrante. O município de Cachoeiro, pertencente à microrregião Polo, está inserido nesta análise devido ao grande número de imigrantes italianos, além da grande inclinação do café como fonte de renda do município e pela divisão territorial com outros três municípios da região Sudoeste Serrana. São eles, Domingos Martins, Marechal Floriano e Venda Nova, ligando o município de Vargem Alta a esta região pela proximidade das famílias e produtores de café, e pela forte influência exercida de Venda Nova e Domingos Martins na cultura local Vargem-altense (PEREIRA; RIBEIRO, 2011).

O ciclo de imigração de italianos, alemães e portugueses é predominante na microrregião Sudoeste Serrana. Observa-se que os imigrantes italianos têm a tendência natural de apego a terra e ao cultivo da lavoura, propiciando assim uma atmosfera mais ligada à cultura do café nesta microrregião.

Pereira e Ribeiro (2011) em pesquisas preliminares na microrregião Sudoeste Serrana, identificaram que a composição socioeconômica deste território, possui um perfil econômico mais elevado que o Caparó Capixaba. Embora as duas regiões apresentem a cafeicultura como fonte de renda primária, a microrregião Sudoeste Serrana, nos últimos anos, tornou-se referência internacional na produção de cafés especiais, além do alto grau de exploração do turismo dentro das propriedades rurais com a criação do agroturismo, implantado inicialmente em Venda Nova do Imigrante e propagado nos últimos anos para vários municípios circunvizinhos.

Segundo o SEBRAE-ES (2007), no final dos anos 1980, alguns produtores de Venda Nova do Imigrante propuseram um melhor planejamento e manejo das atividades agrícolas que antes se guiavam mais pela intuição e até pela crença. Tal planejamento passou a ganhar forma e no futuro se tornaria um projeto mais amplo que se expandiria para todo o território Sudoeste Serrano, conhecido como agroturismo.

Tal fenômeno tomou tamanha proporção que Nogueira (2004) descreve em sua pesquisa que Venda Nova do Imigrante pode ser vista como um município com forte identidade rural, pois essa identidade é construída devido às características das práticas sociais, dos costumes e dos símbolos de grande parte de sua população. Ela aparece na representação do próprio grupo social enquanto rural, e pela atribuição de ruralidade, dada ao grupo, por pessoas de fora; por exemplo, pelos moradores dos grandes centros urbanos e pelos turistas, em especial. Ademais, é importante frisar que um dos símbolos mais importantes dos vendanovenses, a identidade étnica italiana de grande parte da população, está associado com a origem italiana e camponesa de seus antepassados. O processo de construção da identidade dos vendanovenses encontra-se imbricado em dois fatores: o primeiro relativo à sua origem étnica italiana (que os remete a um passado camponês e sofrido), vivido por seus antepassados na segunda metade do século XIX, na Itália, e o segundo mediante sua identidade rural.

Outros pontos merecem atenção sobre a organização produtiva dos cafeicultores na microrregião Sudoeste Serrana. Na microrregião os cafés eram vistos como os piores cafés arábicos produzidos no país, conforme descrevem Melo e Carnielli (2007).

Por iniciativa do Emcaper (2000), por meio do programa “Café das Montanhas do Espírito Santo”, surgia então um esforço conjunto de componentes da cadeia produtiva, do agronegócio Café no Espírito Santo, envolvendo organismos governamentais e não governamentais, com o intuito de impulsionar a projeção dos cafés aqui produzidos no Cenário Brasileiro e Internacional mediante a difusão da qualidade.

As principais ações do programa foram desenvolvidas por intermédio dos seguintes canais:

- a) Marketing do café capixaba, por meio de feiras internacionais;
- b) Elaboração de projetos de pesquisa com café Arábica pela Emcaper, com ações específicas para sustentabilidade do café e a maior qualidade do produto;
- c) Realização de treinamento de técnicos da Emcaper na atividade café x qualidade x sustentabilidade;
- d) Treinamento de provadores CDA, prefeituras, cooperativas, etc. (EMCAPER, 2000).

Estas ações, sem dúvida, colaboraram significativamente para o desenvolvimento da qualidade na microrregião Serrana do Estado do Espírito Santo. Melo e Carnielli (2007) reforçam os pontos abordados acima, descrevendo que alguns produtores e técnicos da região montanhosa do Espírito Santo entenderam que era necessário buscar conhecimento para produzir cafés especiais, visto que a bebida dos cafés das montanhas capixabas era considerada péssima (a pior bebida do Brasil), em consequência do manejo pós-colheita e outra série de condicionantes.

Melo e Carnielli (2007) descrevem em seu livro *Impacto dos Cafés Especiais sobre o Turismo no Espírito Santo*, que no ano de 2000 foram enviadas amostras de alguns produtores para a torrefadora italiana Illy, que já vinha realizando o Concurso Nacional para Café Expresso. Para grande satisfação de todos, alguns produtores

se classificaram entre os melhores, além de conseguirem vender seus lotes a preços bem acima do mercado.

Estes resultados somente foram possíveis de ser alcançados em razão do projeto empreendido pela Emcaper em parceria com diversos agentes inseridos nas regiões produtoras de café Arábica do Estado do Espírito Santo, demonstrando que tais interações entre a esfera pública e o setor privado podem proporcionar alavancagens ao território, quando bem estruturadas.

O fato narrado mostra que esta microrregião possui um papel importante e influenciador na mudança de comportamento da produção de cafés especiais do Espírito Santo. Na safra de 2011/2012 o café fino injetará cerca de R\$ 200 milhões a mais na economia local. Segundo A gazeta (2011), os cafeicultores capixabas parecem ter despertado para a importância de produzir café de qualidade. Na safra colhida no ano de 2011/2012, estima-se que 30% da produção de café Arábica, o que equivale a 1 milhão de sacas, seja de qualidade superior. Considerando-se que a remuneração do café fino é, em média, R\$ 200,00 a mais por saca, a comercialização dos cafés de qualidade estará injetando R\$ 200 milhões a mais na economia do Espírito Santo.

Estes dados reforçam a dinâmica produtiva da microrregião Sudoeste Serrana. Para reforçar a discussão, podemos observar que o PIB *per capita* da Microrregião Sudoeste Serrana, segundo dados do IBGE (2009), na média concentra-se na casa dos R\$ 9.372,05 e o volume de produção destes municípios acumula 806.619,00 mil sacas de café pela média de 2004 a 2010, conforme a Tabela 5 abaixo:

Tabela 5 – Média de produção e de área plantada dos municípios da microrregião Sudoeste Serrana entre 2004 e 2010

MUNICÍPIOS	PRODUÇÃO - MÉDIA 2004/2010	ÁREA PLANTADA MÉDIA 2004/2010
AFONSO CLÁUDIO	200.216,00	16.346,00
CONCEIÇÃO DO CASTELO	81.789,00	5.238,00
DOMINGOS MARTINS	118.661,00	7.039,00
LARANJA DA TERRA	54.693,00	3.580,00
MARECHAL FLORIANO	67.652,00	4.060,00
VARGEM ALTA	224.122,00	15.381,00
VENDA NOVA DO IMIGRANTE	59.486,00	3.601,00
TOTAL ACUMULADO	806.619,00	55.245,00

Legenda: MIL SACAS 60 KG. MIL/HECTARES.

Fonte: Adaptado de IBGE 2012.

Para entender melhor a participação percentual da produção de cada município dentro da microrregião, a Figura 6 expressa os percentuais de cada município da microrregião Sudoeste Serrana:

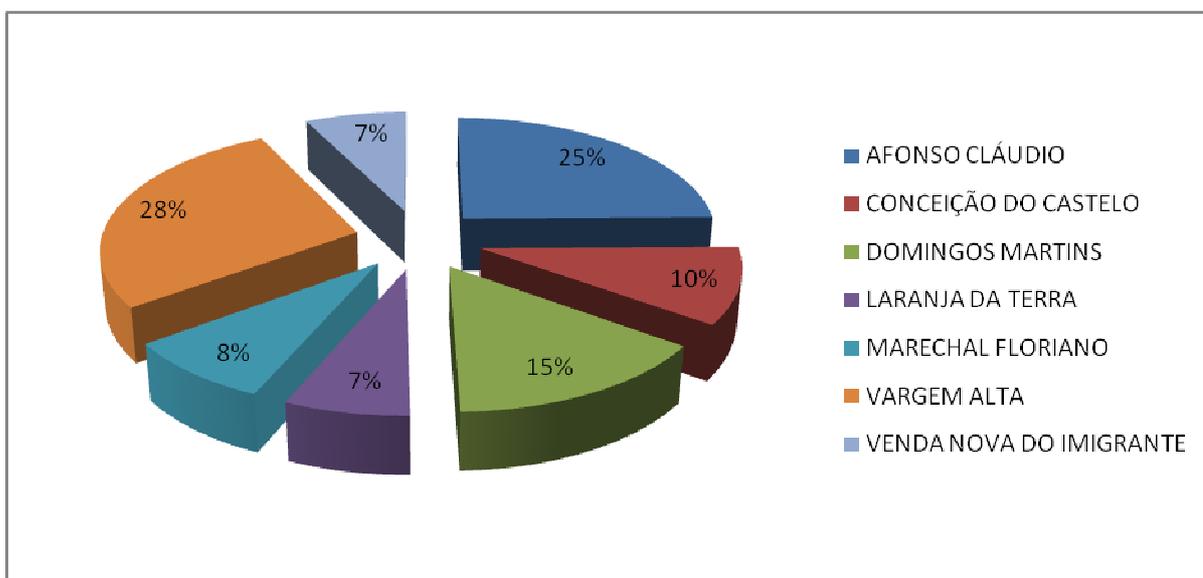


Figura 6 – Volume de produção na microrregião Sudoeste Serrana sob o percentual dos municípios
Fonte: IBGE (2011).

O acumulado de produtividade da microrregião Sudoeste Serrana mostra-se abaixo do volume produzido pela microrregião do Caparaó, porém o PIB/PM dos municípios da região Sudoeste Serrana apresenta-se acima do PIB/PM do Caparaó. A microrregião Sudoeste Serrana é um pouco maior em extensão territorial que a microrregião do Caparaó, porém a produção total de café na microrregião do Caparaó é mais acentuada; o que consolida o destaque da microrregião Sudoeste Serrana é justamente sua organização e flexibilização das unidades produtivas que foram integradas ao sistema de agroturismo.

A população do território da microrregião Sudoeste Serrana segundo dados do Instituto Jones dos Santos Neves (2011), no censo de 2009 era de 131.253 mil habitantes, sua taxa de crescimento geométrico é de 0,57 em relação ao Estado com uma densidade demográfica de 34,28 habitantes por km². A área total do território abrange 3818 km².

Segundo dados anuário 2011 o PIB da microrregião Sudoeste Serrana em relação ao ES, segundo as regiões em valores correntes de 1999 a 2008 pode ser observada sob a Figura 7.

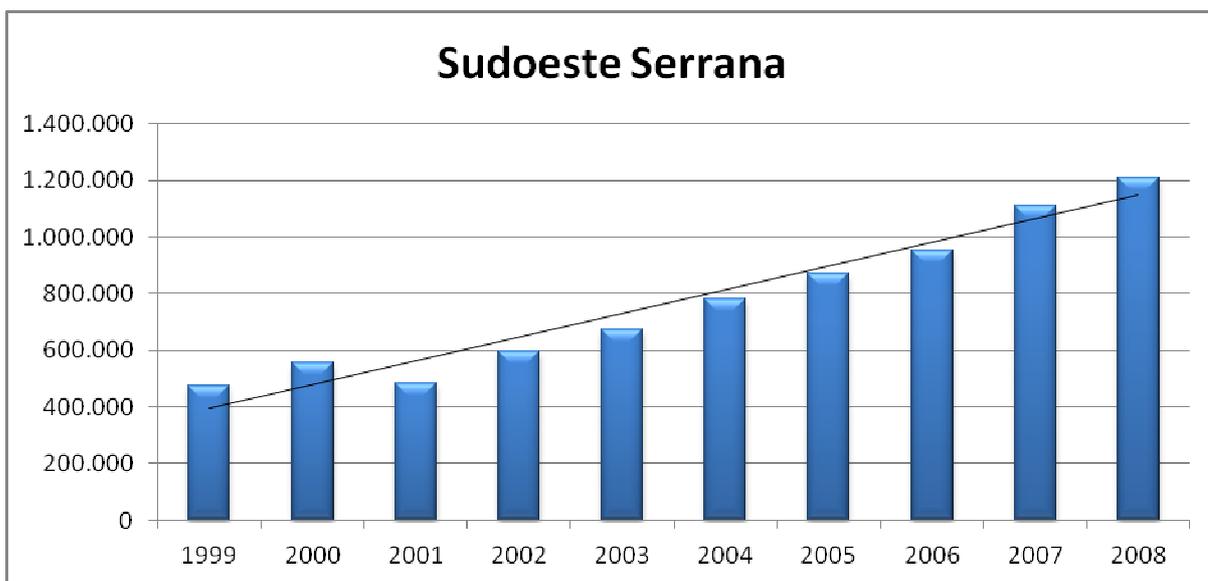


Figura 7 – PIB do ES segundo as regiões em valores correntes – 1999 a 2008 (R\$ 1.000)
 Fonte: Adaptado de Anuário 2011 – Jornal a Gazeta, p. 86.

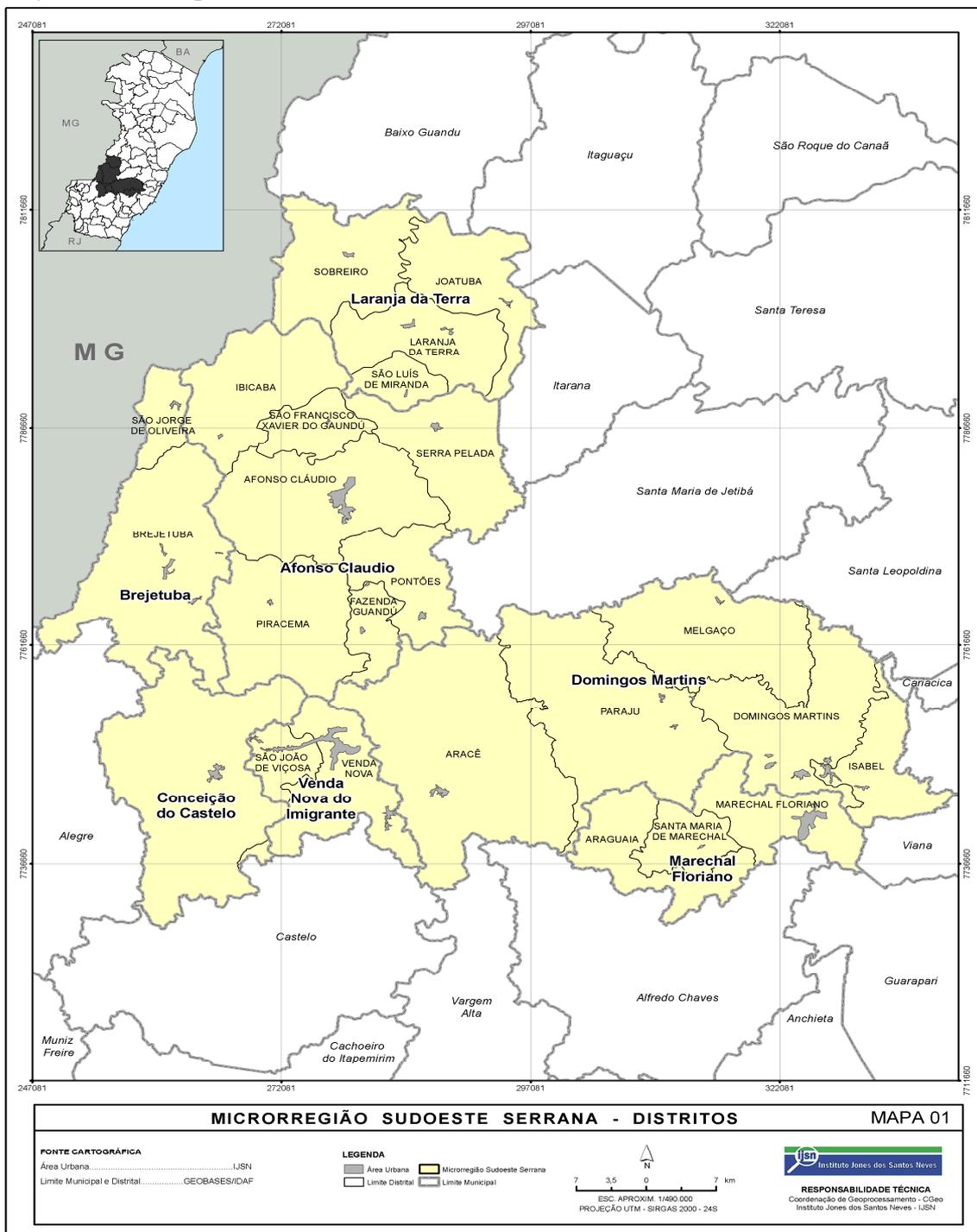
A microrregião Sudoeste Serrana, assim como a microrregião do Caparó Capixaba possui forte ligação com a cafeicultura, porém a microrregião Sudoeste Serrana possui sua economia mais sólida e diversificada na produção, como relatado acima.

Nogueira (2004, p. 6) reforça este fato da seguinte forma:

Observamos, ademais, que, na última década, passou a ser explorada em Venda Nova, uma nova atividade produtiva, o agroturismo. Segundo documento impresso da Prefeitura Municipal de Venda Nova, em 1994 um grupo de aproximadamente dez produtores rurais criou o Centro de Desenvolvimento Regional do Agroturismo, que passou a ser o responsável pela organização e gerenciamento do agroturismo na região. No cadastro inicial havia cerca de 150 associados, tanto do município de Venda Nova como de municípios vizinhos: Castelo, Vargem Alta, Afonso Cláudio, Domingos Martins, Viana e Conceição do Castelo. Atualmente este antigo centro regional recebe o nome de Associação de agroturismo de Venda Nova (Agrotur).

Ou seja, as ações locais de Venda Nova do Imigrante têm proporcionado o desenvolvimento do território circunvizinho, através destas ações pensadas de forma coletiva. A seguir é descrita a formação do território da microrregião Sudoeste Serrana dentro do mapa geográfico do ES.

Mapa 2 – Microrregião Sudoeste Serrana – Distritos



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (2011).

No subitem 4.4 apresenta-se uma breve comparação econômica das duas microrregiões, com a finalidade de construir uma real visualização da participação microeconômica destas duas regiões sob a economia capixaba nos últimos anos.

4.4 Comparações socioeconômicas das microrregiões em estudo

Para reforçar o construto teórico em torno deste trabalho, faz-se necessário abordar a conjuntura econômica de cada microrregião de estudo, em especial os municípios que fazem parte do ambiente estudado.

Analisando os dados dos municípios da microrregião do Caparaó que fazem parte da pesquisa, o PIB/PM (Participação do produto interno bruto a preços correntes no produto interno bruto a preços correntes da microrregião geográfica) pode ser observado nos gráficos abaixo na seguinte composição:

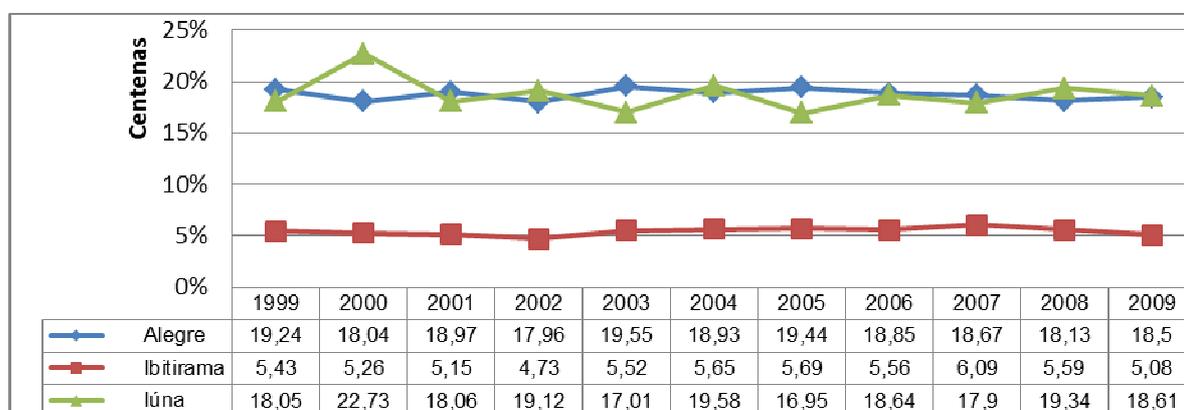


Figura 8 – PIB/PM municípios em estudo – Região Caparaó
Fonte: IBGE/Sidra (2012).

Nota-se no Gráfico 8 que a economia de Alegre se contrai neste espaço temporal de 1999 a 2008. Alegre já não possui a mesma representação produtiva que gozava na primeira metade do século XX. Em sua representação produtiva junto ao Estado, o gráfico, indica que a economia alegreense pode estar sofrendo alterações em relação à participação no território. Iúna mantém-se como grande centro cafeeiro da microrregião do Caparaó, assim como Ibitirama, que se mantém estável na participação na microrregião.

Na região Sudoeste Serrana o PIB/PM (Participação do produto interno bruto a preços correntes no produto interno bruto a preços correntes da microrregião geográfica) dos municípios que fazem parte do estudo podem ser vistos da seguinte forma:

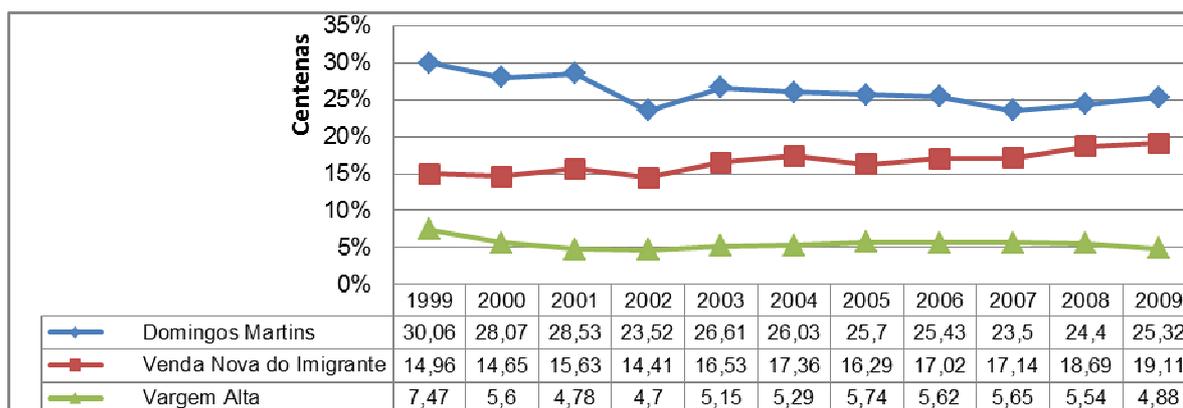


Figura 9 – PIB/PM dos municípios em estudo – Região Sudoeste Serrana

Fonte: IBGE/Sidra (2012).

Isoladamente é possível observar que os números são bem próximos, porém quando agrupamos os dados dos municípios que fazem parte do universo estudado, observa-se que mesmo tendo um número mais reduzido de municípios a microrregião Sudoeste Serrana consegue se sobressair ligeiramente sobre os municípios que fazem parte da análise na microrregião do Caparaó.

É importante salientar que os municípios de Venda Nova e Vargem Alta possuem 20 anos de emancipação, enquanto o município de Alegre possui 122 anos de emancipação, ou seja, estas configurações socioeconômicas podem estar modificando a estrutura participativa dos municípios em relação à economia capixaba.

Venda Nova do Imigrante foi o único município que apresentou um relativo crescimento sobre os demais municípios inseridos no estudo. Analisando a evolução local, Pereira e Chagas (2011) descobriram que projetos, como o agroturismo local tem conseguido fomentar ganhos de escala ao universo produtivo que pode ser considerado como agrícola, mudando a composição local da produção tipicamente tradicional para um sistema mais flexível, dinâmico, em que vários agentes trabalham visando atingir ganhos de escala produtiva mediante a flexibilidade.

Para entender melhor essa dinâmica, abaixo é apresentada a leitura sobre a mudança da configuração econômica local de Venda Nova do Imigrante, segundo Pereira e Ribeiro (2011).

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DO PIB SETORIAL EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE			
Setores	2000	2008	Var %
Agropecuário	43,6	21,3	-51,1
Industrial	13,6	12,5	-8,1
Serviços	42,8	66,2	54,7
Total	100,0	100,0	

Figura 10 – Participação percentual do PIB Setorial em Venda Nova do Imigrante
Fonte: Pereira e Ribeiro (2011).

Esses números podem expressar vários aspectos de indicadores sobre o perfil das microrregiões, bem como a forma que os agentes se organizam economicamente, corroborando com o pressuposto defendido pela teoria de Marshall e dos neo-marshallianos; que a organização produtiva, a atmosfera industrial e o senso de pertencimento ao território podem proporcionar ganhos de escala econômica ao território (MARSHALL, 1982).

Na Figura 10 é possível ponderar sobre um fato importante. A mudança econômica observada em Venda Nova do Imigrante é fruto da diversificação que se observa localmente, tradicionalmente agrícola, o município reconfigura-se por intermédio do agroturismo, como descrevem Pereira e Ribeiro (2011).

Na observação da média do PIB/PM das microrregiões, é possível visualizar que a região Sudoeste Serrana possui maior diversificação econômica que o território da microrregião do Caparaó Capixaba, em razão de diversos fatores. Na análise primária utiliza-se das caracterizações de PIB *per capita* e PIB aos valores correntes das microrregiões.

Para efeito de comparação entre as duas microrregiões, a Figura 11 indica a relação do PIB na representação das microrregiões em estudo.

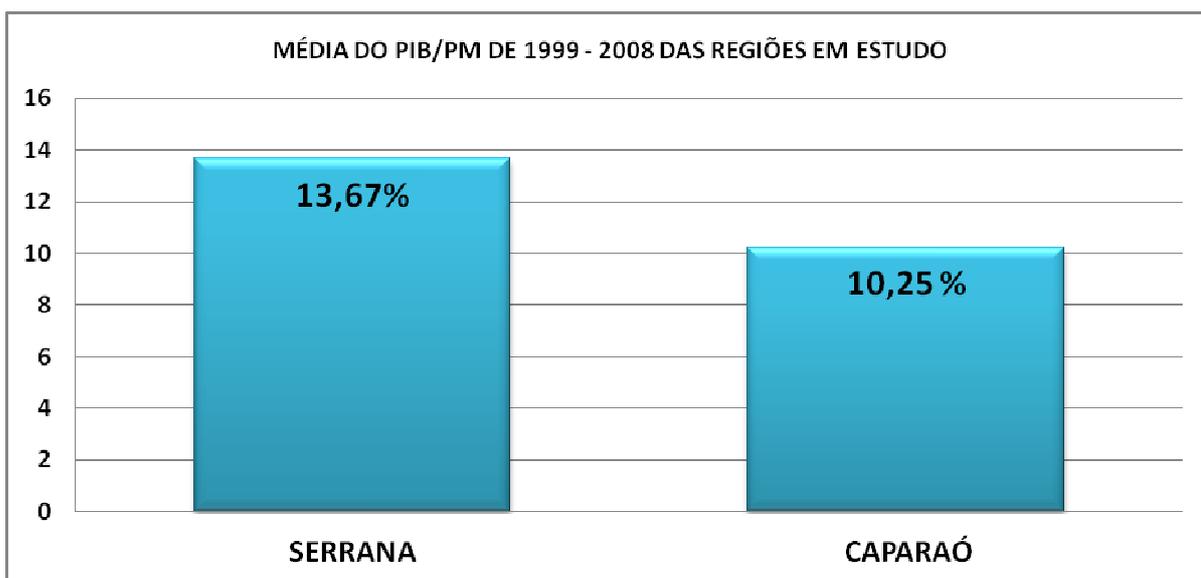


Figura 11 – Média do PIB/PM de 1999 a 2008 das regiões em estudo
Fonte: IBGE/Sidra (2011).

Analisando os dados referentes ao PIB *per capita*, a microrregião Sudoeste Serrana mostra-se superior sobre a média dos municípios em relação à microrregião do Caparaó.

Conforme a Figura 12, pode-se visualizar que:

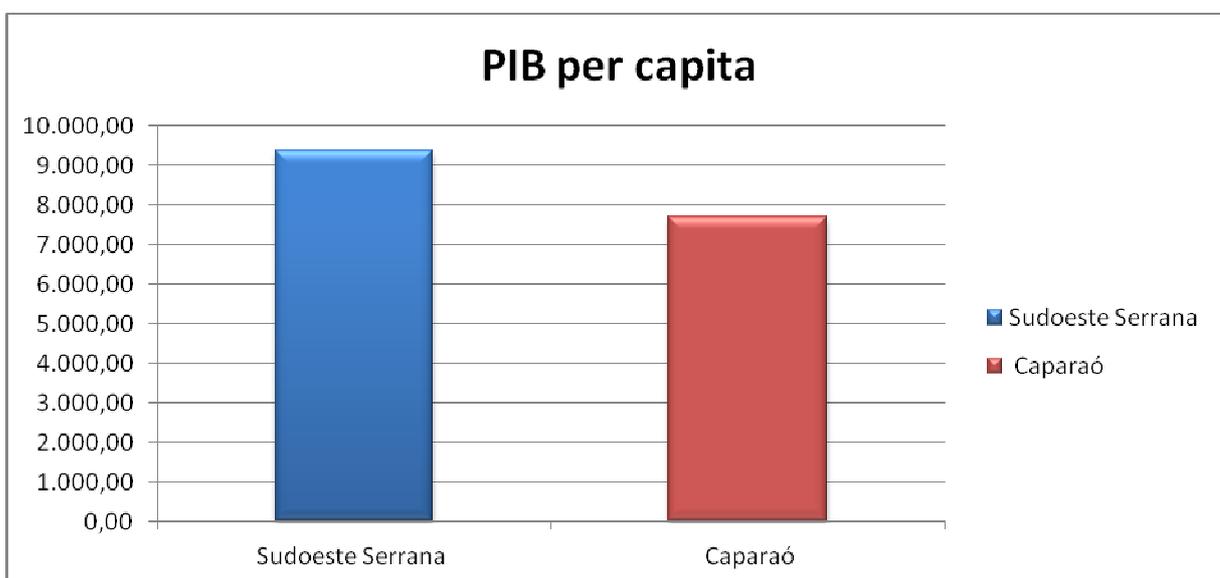


Figura 12 – Média do PIB *per capita* das microrregiões em estudo
Fonte: Adaptado de IBGE/Cidade (2012).

O comportamento dos agentes que estão envolvidos no ambiente econômico pode orientar como estas organizações produtivas de cafeicultores têm influenciado

as comunidades locais, indicando de que forma os agentes podem estar provendo o desenvolvimento nessas microrregiões.

Vangelista (1998) descreve que na colônia agrícola evidencia-se a função econômica, social e cultural da família imigrante, tanto alemã quanto italiana; no caso italiano, a família, muitas vezes, definida como “patriarcal”, termo que subentende não somente determinadas relações econômicas, mas também de conjunto cultural de valores e de comportamentos de alguma forma imutáveis.

Pode-se interligar a teoria *neo-marshalliana* que sustenta este trabalho, onde os autores descrevem inúmeras vezes que na Itália, na Inglaterra e outros países, esses valores são devidamente identificáveis na sociedade local.

Segundos dados do IBGE (2011), o Estado do Espírito Santo possui grande população inserida no campo. Dos 3.514.952 de habitantes, 16,7% da população residem no campo, nas zonas rurais. Estima-se que 330 mil pessoas estejam ligadas diretamente à atividade cafeeira no Espírito Santo, segundo dados do Centro de Desenvolvimento Tecnológico do Café (CETCAFE, 2011). O PIB do setor no ano de 2010 chegou à casa dos R\$ 1.775.655.800,00 em preços médios pago ao produtor (CETCAFE, 2011).

Na microrregião do Caparaó a área corresponde atualmente a 3.738 km²; sua densidade demográfica é de 44,19. Na microrregião Sudoeste Serrana a área corresponde a 3.818 km² e a densidade demográfica de 34,38 (IJSN, 2012).

Já a população total do Caparaó em 2010 correspondia a 176.052 habitantes e na Sudoeste Serrana a 132.069 habitantes. Em 2010 a população residente na zona rural do Caparaó era de 70.285 habitantes perfazendo 39,3% da população do território no campo, na Sudoeste Serrana no mesmo período correspondia a 73.401 habitantes perfazendo assim 55,6% da população do território na zona rural, a taxa de crescimento populacional do Caparaó de 2001 a 2011 foi de 0,41% e a microrregião Sudoeste Serrana de 0,62% (IJSN, 2012).

No que se refere à taxa de urbanização, o território urbano no Caparaó apresentou maior crescimento sobre a microrregião Sudoeste Serrana. Em 2000 a taxa de urbanização da microrregião do Caparaó foi de 54,2% e a microrregião Sudoeste Serrana foi de 35,6% (IJSN, 2012), ou seja, na microrregião do Caparaó ocorre maior fluxo de migração do campo para cidade, e na microrregião Sudoeste Serrana a população do campo é maior que na microrregião do Caparaó.

Além de ter mais pessoas ligadas às atividades agrícolas, a microrregião Sudoeste Serrana vem se desenvolvendo mais intensamente que a microrregião do Caparaó; os indicadores nos mostram o perfil econômico destas regiões, indicando que o Caparaó talvez necessite de políticas que induzam o crescimento econômico local e regional, para assim promover e elevar as potencialidades do território.

Em relação aos dados da produção agrícola, a tabela abaixo expressa dados importantes do território, na microrregião do Caparaó a lavoura permanente se encarrega de 85,06% do valor da produção, enquanto na Sudoeste Serrana a lavoura permanente se encarrega de 69,99% do valor da produção.

É possível entender que na microrregião Sudoeste Serrana existe maior flexibilidade da produção no que diz respeito à mescla de produção agrícola, mostrando diversificação, característica esta descrita pelos *neo-marshallianos* sobre a flexibilidade produtiva de determinadas unidades estudadas na Itália em diversos setores da economia local.

Tabela 6 – Valor corrente da produção agrícola em moeda corrente

Ano	Microrregião	Atividade	Valor	%
2008	Caparaó	Lavoura permanente	231.344	85,06
		Lavoura temporária	34.671	12,74
		Extração vegetal	108	0,04
		Silvicultura	5.835	2,14
	Sudoeste Serrana	Lavoura permanente	208.255	69,99
		Lavoura temporária	66.753	22,43
		Extração vegetal	288	0,10
		Silvicultura	22.222	7,47

Fonte: IBGE/PAM/PEVS.

De forma preliminar, entende-se que as ações locais da microrregião Sudoeste Serrana tem se sobressaído sobre a microrregião do Caparaó Capixaba. Os laços predominantes da cultura local dos imigrantes Italianos e Alemães podem ter contribuído para o desenvolvimento do território como um todo.

É importante salientar na conclusão desta seção que inúmeras ações foram observadas nas coletas de dados na microrregião do Caparaó, que corroboram para o fato de que o território vive um momento de resgate cultural e econômico, buscando formas de alavancar a economia local.

Esta seção propôs entender o comportamento socioeconômico dos agentes que estão inseridos nestas microrregiões; Caparaó e Sudoeste Serrana, de forma a visualizar como estes agentes organizam-se, como é composta a organização microeconômica desta região, bem como as características que compõem estas duas microrregiões em análise estudando o perfil destes produtores de café, e da população residente nestas áreas.

A seguir é apresentado o ferramental técnico e metodológico que sustenta esta pesquisa, bem como a forma utilizada para se obter os resultados necessários para conclusão deste trabalho.

CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA

Esta seção é dedicada aos procedimentos metodológicos que serão empregados para analisar o comportamento da organização produtiva cafeeira nas microrregiões Serrana e Caparaó Capixaba. Além de revisão bibliográfica, utiliza-se de pesquisa de campo com uso de questionário com escala do tipo Likert e formulário semiestruturado para entrevistas.

5.1 Classificação da Pesquisa

Uma pesquisa pode ser classificada de quatro formas: quanto à natureza, quanto à forma de abordagem, quanto aos objetivos e quanto aos procedimentos técnicos (SILVA; MENEZES, 2001). Nos parágrafos abaixo serão descritos os caminhos que o estudo deverá trilhar.

5.2 A Natureza da Pesquisa

Este trabalho busca desenvolver uma pesquisa aplicada, onde se propõe entender, identificar, de forma teórica e empiricamente como os produtores de café se organizam em consonância com a teoria proposta pelos *neo-marshallianos*. A pesquisa aplicada, segundo a percepção de Silva e Menezes (2001), objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais (SILVA; MENEZES, 2001).

5.3 A forma de abordagem da pesquisa

A forma de abordagem da pesquisa pode ser entendida como *quantitativa ou qualitativa*. *Este trabalho emprega uma análise qualitativa*, este termo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair deste convívio, os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácias e competências

científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003).

5.4 As formas e procedimentos técnicos

Os procedimentos da pesquisa podem ser descritos da seguinte forma: bibliográfica, documental, experimental, levantamento, estudo de caso, pesquisa *ex-post facto*, pesquisa-ação ou pesquisa participante (GIL, 2010).

Assim essa pesquisa foi desenvolvida respeitando os seguintes pontos:

✓ Exploratória

A elaboração do modelo assume um caráter exploratório, pois questões da pesquisa buscam gerar conhecimento sobre o assunto em questão. A pesquisa procura ocupar-se do entendimento de um dado fenômeno, característico da abordagem qualitativa e não da verificação da frequência de ocorrência do citado fenômeno (ABERTIN, 2003).

✓ Bibliográfica

A partir do tema proposto iniciou-se uma busca por meio da pesquisa bibliográfica em livros, artigos, *sites* especializados, teses, revistas e bancos de dados que pudessem corroborar para o estado da arte deste presente estudo.

✓ Levantamento de dados

Os levantamentos realizados foram divididos em duas partes, a primeira se ocupou da revisão de literatura mediante os dados já publicados e citados acima, a segunda parte corresponde aos dados extraídos do trabalho de campo, onde o pesquisador se propõe em entender os fatores que norteiam o campo de trabalho.

✓ **Estudo de Caso**

Segundo Gassman et al. (2008 apud MERCY, 2008), o estudo de caso tem as seguintes características; é holístico, já que tem o intuito de olhar o problema como um todo coeso; pode ser só de um caso ou de múltiplos casos: o ideal é que o estudo seja baseado em pelo menos dois casos, os quais devam ser contrastantes nos seus resultados para tornar as evidências mais robustas, e utiliza de dados qualitativos e quantitativos; este tipo de pesquisa pode trabalhar tanto com dados qualitativos quanto quantitativos.

✓ **Plano de Estudo do Caso**

Foram pesquisados ao todo seis municípios em duas microrregiões, microrregião Sudoeste Serrana e microrregião do Caparaó. É necessário enfatizar que as entrevistas ocorreram com grupos de interesse definidos e produtores de café através de estudos exploratórios em parte destes municípios, ou seja, em algumas comunidades, associações, cooperativas de café e agentes públicos.

Para tanto, foram realizados dois estudos de caso exploratórios, um em cada microrregião, representando os municípios que fazem parte da unidade de estudo. O objetivo foi identificar, analisar, e mapear todo o comportamento da organização produtiva da atividade cafeeira de cada microrregião e assim comparar os fatores para se extrair conclusões que fortaleçam o estudo.

Os municípios que fazem parte do estudo na microrregião do Caparaó são representados por: Alegre, Ibitirama e Lúna. O município de Alegre no passado ostentava o título de maior produtor de café Arábica do Estado do Espírito Santo. Segundo dados do IBGE (2012) o município possui pequena representação na produção total do estado, participando com volume de 95.197 sacas segundo levantamento do IBGE (2012). Ibitirama e Lúna têm a cafeicultura como base de suas economias e são considerados centros comerciais na microrregião do Caparaó.

Os municípios que fazem parte do estudo na microrregião Sudoeste Serrana são representados por: Venda Nova do Imigrante, Domingos Martins e Vargem Alta.

A escolha dos municípios ocorreu em função do forte desenvolvimento regional observado em visitas preliminares que antecederam esta pesquisa.

A forma como os produtores de café da região se organiza é vista como um possível fator competitivo desta microrregião, segundo Pereira e Ribeiro (2011), o potencial da esfera de organização produtiva observada em Venda Nova do Imigrante chama a atenção para essa dinâmica de organização por parte dos produtores, de modo que a região se sobressaia pela forma como a cafeicultura se organiza. Domingos Martins é conhecida pelo forte apelo do turismo rural e Vargem Alta possui forte proximidade com os dois municípios em questão, fazendo com que a interação local e produtiva seja forte.

5.5 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos selecionados para participar da pesquisa são os produtores de café de cada microrregião, embora existam comerciantes, exportadores, cooperativas e grandes indústrias nestas proximidades, nosso foco de estudo foi entender o comportamento destes agentes (produtores), bem como suas peculiaridades e formas de organização produtiva.

Devido à grande proporção de produtores de café em cada município, entendemos que agentes como: *sindicato rural, cooperativa de café, associação de produtores e personalidades públicas competem como representantes dos produtores de café, que fizeram parte representativa do estudo de caso.*

De forma inicial, foram selecionados grupos de interesse envolvidos no setor cafeeiro nas microrregiões Sudoeste Serrana e Caparaó: cooperativa de café e associações de produtores rurais, produtores rurais de café (representados por alguns sindicatos nos municípios), secretários de agricultura dos municípios que fazem parte do estudo, além de algumas personalidades públicas nestes municípios (que possuem amplo contato com a cafeicultura em cada microrregião).

A pesquisa foi realizada inicialmente em Venda Nova do Imigrante, Domingos Martins, Vargem Alta – municípios da microrregião Sudoeste Serrana e no município de Alegre, Ibitirama e Lúna pertencentes à microrregião do Caparaó Capixaba.

Abaixo será descrito em forma de fluxograma a ordem de entrevistas, bem como os agentes que fazem parte dos grupos de interesse:



Figura 13 – Microrregiões, municípios e agentes do grupo de interesse da pesquisa
 Fonte: o autor.

5.6 Grupos de Interesse

Para cada grupo de interesse foram entrevistados os membros mais relevantes que possuem grande vivência com a atividade cafeeira, no caso das personalidades públicas; este grupo é representado por pessoas que possuem contato direto com o poder público e por formadores de opiniões, que geralmente são muito conhecidos nestas microrregiões por suas participações nas ações locais do território.

MICRORREGIÃO SUDOESTE SERRANA

- Município de Venda Nova do Imigrante:
 - Cooperativa Pronova (associados), Irmãos Carnielli e personalidades locais.
- Município de Domingos Martins:
 - Centro de Pesquisa do Incaper e produtores rurais de café.
- Município de Vargem Alta:
 - Cooperativa Pronova (associados), Associações de Produtores e personalidades locais.

MICRORREGIÃO CAPARAÓ

d) Município de Alegre:

- Cooperativa Cooparaíso (associados), Associações de Produtores e personalidades locais.

e) Município de Ibitirama:

- Produtores rurais de café e personalidades locais.

f) Município de Lúna:

- Cooperativa Coocafé (associados), Café Teeiro e personalidades locais.

5.7 Elaboração da Pesquisa de Campo

Inicialmente foram levantados 03 grupos de interesse na microrregião Sudoeste Serrana e mais 03 na microrregião do Caparaó que possuíam grande ligação com a cafeicultura local, as cooperativas de café, as associações de produtores rurais e as personalidades. Por se tratar de um grande número de produtores em todos os municípios seria impossível entrevistar todos os agentes de cada município, sendo assim decidiu-se adotar grupos de interesses, ou seja, personalidades, entidades e grupos que possuem contato direto com os cafeicultores nestas microrregiões.

A pesquisa foi planejada para ser aplicada em Alegre, Ibitirama, Lúna, Venda Nova do Imigrante, Vargem Alta e Domingos Martins, com os presidentes de associações de produtores rurais de café, gerentes de cooperativas, secretários de agricultura, presidente de sindicato de produtores rurais e alguns produtores de café.

A maior parte das entrevistas ocorreu em Venda Nova do Imigrante e Alegre, dois centros importantes do universo estudado, Alegre por ter sido o maior produtor de café do Estado até a década de 1930 e Venda Nova do Imigrante pelo forte apelo do agroturismo e pela ampla difusão da produção de cafés finos no território Sudoeste Serrano.

Foram entrevistados os gerentes das cooperativas, personalidades públicas (presidente de sindicatos, secretários de agricultura, líderes locais) e representantes das associações.

Inicialmente previu-se a realização de 60 entrevistas. Foram concluídas com êxito 52 entre os meses de agosto e novembro de 2011.

Foram elaborados dois tipos de formulários de pesquisa, um primeiro formulário contém uma escala do tipo Likert, que foi direcionado aos gerentes das cooperativas, personalidades públicas e aos *expertos* do assunto, com o intuito de ranquear o perfil da organização produtiva dos produtores de café nestas microrregiões. O segundo formulário de entrevistas foi desenvolvido de forma semiestruturada, para ser aplicado somente aos produtores de café, devido ao grau de escolaridade, o que poderia ser um entrave no momento de aplicar o questionário com escalas, assim, optou-se por formular tal modelo para dinamizar as entrevistas com os produtores, com o intuito de extrair maiores resultados.

O maior problema encontrado durante a aplicação dos questionários ocorreu em decorrência do final de safra; muitos agentes estavam envolvidos em concursos de qualidade, simpósios entre outras atividades nas regiões, o que dificultou a ação no campo. Com os produtores não houve grandes dificuldades, pois as entrevistas foram conduzidas aos sábados para conseguir encontrar os produtores em suas residências.

O formulário foi aplicado com êxito na Pronova, na Cooparaíso, no Centro de Pesquisa do Incaper, nos Sindicatos rurais e nas associações entrevistadas, além das propriedades rurais visitadas.

As únicas localidades (municípios) com dificuldades para aplicação dos questionários ocorreram em Domingos Martins e Ibitirama, por várias vezes foi tentado contatar os secretários de agricultura e presidentes de associações sem retorno, demonstrando assim baixo interesse em colaborar com a pesquisa.

5.8 Formulário de Entrevistas

Foram elaborados dois modelos de questionários, o primeiro questionário (anexo I) contém sete perguntas sobre o *nível de organização produtiva* nestas microrregiões. O primeiro questionário desenvolvido segue o modelo proposto por Castro (2009), com adaptações inerentes ao contexto da pesquisa, as questões foram colocadas de forma que o respondente possa apresentar sua percepção, marcando sua resposta, em uma escala do tipo Likert, de 1 a 5, com a seguinte

pontuação: Inexistente (1), Baixo (2), Médio (3), Bom (4) e Excelente (5). O questionário foi conduzido pelo pesquisador, que marcou a resposta após a apresentação da pergunta ao agente entrevistado.

Os pontos tratados no questionário são relativos a: a) cooperação entre produtores; b) intercâmbio de mão de obra na atividade; c) relação dos produtores com a esfera pública municipal; d) relação de respeito dos produtores com o universo produtivo; e) nível de organização dos produtores em relação à economia local; f) nível de identificação cultural dos produtores com a atividade cafeeira e g) o nível de interesse nas decisões tomadas no território que estes agentes estão inseridos.

A escala do tipo Likert empregada neste trabalho apresenta facilidade de montagem e aplicação, o que a torna adequada para entrevistas. Como desvantagem, aponta-se o tempo maior exigido pelo respondente para completá-la (MALHOTRA, 2006).

O segundo formulário (anexo II) contém dezesseis perguntas semiestruturadas entre abertas e fechadas sobre o perfil da organização produtiva, para que o entrevistado possa explicar alguns pontos de forma mais aprofundada e assim gerar maior entendimento sobre o perfil da organização produtiva dos cafeicultores em consonância com a teoria dos neo-marshallianos.

5.9 Tabulação dos Dados

No desenvolvimento da tabulação dos dados (Anexo III), após a contagem de respostas para cada item do primeiro formulário de entrevistas, gerou-se um índice (ou Ranking Médio – RM), que estabeleceu o nível de organização produtiva dos cafeicultores em consonância com a teoria dos *neo-marshallianos* para cada questão:

- a) Para o índice (RM) com valor menor que 3 » nível de organização produtiva dos cafeicultores é baixo (ruim);
- b) Para o índice (RM) com valor igual a 3 » nível de organização produtiva dos cafeicultores é médio (bom);

- c) Para o índice (RM) com valor maior que 3 » nível de organização produtiva dos cafeicultores é alto (excelente), adaptado de Castro (2010).

5.9.1 Limitações da Pesquisa

Uma deficiência do trabalho, com referência às entrevistas realizadas, foi o alto volume de produtores nos municípios, fazendo com que tivéssemos de direcionar as entrevistas para grupos de interesse. Outro fato relevante é que os entrevistados poderiam ter dado respostas visando aos interesses pessoais, o que poderia mascarar as respostas; para minimizar esse fato, utilizou-se do questionário semiestruturado com os produtores para comparar as respostas e extrair outros dados passíveis de entendimento.

Esse trabalho poderá ser replicado para outras regiões que trabalham com a cafeicultura, porém dificilmente se adaptaria a outros cenários em razão das peculiaridades intrínsecas da pesquisa.

Outra dificuldade encontrada durante a pesquisa de campo se deu em decorrência das fortes chuvas no ES que causaram incômodos nas zonas rurais, dificultando muito as idas e vindas ao campo pelo fato das estradas serem de terra batida.

Nesta seção foi possível apresentar o ferramental metodológico empregado nesta pesquisa, como foi pensado, planejado e executado as cinquenta e duas entrevistas nas microrregiões Sudoeste Serrana e microrregião do Caparaó. Foi feita a caracterização de cada grupo de interesse, bem como as dificuldades encontradas na pesquisa, além da forma científica empregada para realizar este estudo durante o período de pesquisa.

Na seção seguinte são apresentados os resultados da pesquisa extraídos das entrevistas realizadas com os agentes, que possibilitou amplo entendimento sobre o perfil da organização produtiva dos cafeicultores inseridos nas microrregiões Sudoeste Serrana e microrregião do Caparaó.

CAPÍTULO 6 – DISCUSSÃO E ANÁLISES

Esta seção tem por finalidade apresentar as discussões e análises obtidas neste estudo, de forma a corroborar para o entendimento sobre os fatos que foram extraídos após o trabalho de pesquisa de campo e analisados de acordo com a teoria que sustenta esta pesquisa em consonância com a metodologia proposta.

Considerando que a organização é um fator extremamente importante para o sucesso econômico de qualquer atividade, podemos entender primariamente que a microrregião Sudeste Serrana demonstrou melhor perfil organizacional em relação à microrregião do Caparaó. Os esforços empreendidos na pesquisa permitiram gerar um conhecimento importante sobre o perfil organizacional destes agentes. Os entrevistados foram divididos em grupos de interesse já descritos na metodologia na seção 05.

Abaixo são descritos os dados que compõem as sete variáveis estudadas através da escala do tipo Likert no primeiro questionário. Durante a explanação dos dados obtidos é inserida juntamente a discussão os dados do questionário semiestruturado, aplicados com os produtores de café destas microrregiões em estudo, com o objetivo de promover maiores entendimentos sobre os assuntos abordados em questão.

6.1 Nível de cooperação entre os produtores de café dentro da comunidade onde residem

O primeiro item estudado para comparação das duas microrregiões diz respeito à relação de cooperação dos produtores entre si, ou seja, o objetivo desta variável é entender o comportamento dos produtores de café dentro de uma comunidade, tendo em vista que a relação de cooperação é amplamente discutida pela teoria *neo-marshalliana*.

Observou-se um nível de cooperação idêntico de 3,3 em ambas as regiões em relação à escala de 1 a 5. Segundo os dados levantados, os agentes entrevistados descreveram que o fator cooperação é facilmente percebido nas comunidades produtoras de café. Embora existam algumas dificuldades no dia a dia

de quem vive no campo, os produtores costumam participar ativamente nas relações de cooperação da comunidade juntamente com as associações de produtores.

Segundo relato de representantes do governo, na microrregião do Caparaó vem ocorrendo, nos últimos anos, um grande resgate dos valores do homem da terra. Diversos trabalhos e programas estão sendo implantados por grupos não oficiais e sociedades organizadas, especialmente associações, visando disseminar ações coletivas entre os produtores de café e, conseqüentemente, a promoção do território.

Já na microrregião Sudoeste Serrana, é muito comum observar algumas ações que são desenvolvidas por laços coletivos dentro do território local. É muito comum a presença de despoldadores de café comunitários, que funcionam em sistema de uso coletivo nas comunidades. Estas máquinas foram doadas pelo governo Estadual para beneficiar pequenos produtores que não possuem maquinário próprio (despoldadores de café) para o beneficiamento de cafés especiais via úmida.

É fácil perceber os laços de cooperação entre os produtores na microrregião Sudoeste Serrana e na microrregião do Caparaó. Os produtores de café desenvolveram ampla facilidade de cooperação entre si, visando à promoção das comunidades pela troca de experiências no dia a dia da produção cafeeira.

A microrregião do Caparaó se mobiliza para desenvolver essas ações. Na comunidade de Sumidouro (Alegre) está sendo implantada uma máquina de beneficiamento comunitário para estimular a produção de cafés cerejas descascados, com a finalidade de elevar a renda das famílias que residem no campo. Essa ação também foi observada em Lúna e Ibitirama, porém os produtores reforçam que ainda não possuem organização plena em relação à gestão destes recursos, os quais são destinados a várias comunidades do território.

Segundo os respondentes da microrregião Sudoeste Serrana, as ações de cooperativismo foram fortemente incentivadas pelos imigrantes, em virtude do passado sofrido na chegada destes povos no território local. Segundo a percepção de alguns respondentes, alguns fatores podem corroborar com este fato, sendo narrado da seguinte forma;

Quando os imigrantes chegaram à região Serrana do ES no final do século XIX, não existiam estradas que comportassem o escoamento do café e a

vinda de mercadorias para os vilarejos, tudo era muito difícil, a primeira rodovia que ligou Venda Nova ao município de Castelo (ES) foi feita a enxadão pelos produtores rurais, que necessitavam escoar a produção de café que se iniciava na região, a fim de ser levada para Cachoeiro de Itapemirim (porto para escoamento até Vitória – Capital). O hospital local de Venda Nova, a prefeitura e os canteiros que hoje são sinônimos de orgulho do povo que reside em Venda Nova foram construídos por produtores de café, que sempre se ajudaram, desde o início da chegada destes povos na região Serrana. (Benjamim Falchetto – personalidade pública) (informação verbal).

Para entender como a cooperação foi difundida e desenvolvida entre estes agentes (produtores de café), é necessário tecer alguns pontos que foram captados junto às pesquisas de campo. A seguir são apresentados alguns pontos abordados como possíveis causas para que a cooperação tenha forte relação com estes agentes:

- a) *Passado sofrido*: segundo os produtores e grupos de interesse que responderam os questionários, o passado sofrido colaborou para que estes povos pudessem desenvolver boas ações de cooperação entre si dentro do território local. Como na chegada destes produtores as dificuldades eram enormes, a única saída foi colaborar e o laço de colaboração permanece firme até os dias atuais nas comunidades produtoras de café.
- b) *Crises Cafeeiras*: as crises vividas no passado fizeram com que os produtores pudessem fortalecer os laços de amizade entre si para se organizarem em associações, cooperativas; visando à elevação dos preços e busca de mercados genuínos. Estes fatos podem ser ligados com a realidade observada hoje no estado, onde em várias propriedades observa-se grande inclinação para a produção de cafés finos.

Foi relatado por produtores da microrregião Sudoeste Serrana que no período em que o concurso estadual de qualidade é realizado, vários produtores se juntam para enviar um lote. Tal fato ocorre por não terem condições de produzir o volume de café exigido sozinhos, necessitando assim, da ação cooperativa. Várias ações como esta são observadas no território, mostrando a força da cooperação.

Na microrregião do Caparaó esse laço de união em prol da produção de cafés especiais não é muito comum, embora existam outras ações de cooperação por parte dos produtores. Nos últimos anos os produtores de lúna e Ibitirama vêm buscando a produção de cafés de altíssimo padrão de qualidade, como descreveu a família Teeiro, em lúna:

Nossa grande dificuldade era produzir cafés especiais que pudessem atingir altos padrões de qualidade e serem enviados a concursos de qualidade. No início dos anos 2002/2003 passamos a observar a grande organização e mobilização ocorrida em Venda Nova pelos produtores de café, essas ações nos motivaram a começar a produzir café de alta qualidade levando em consideração os aprendizados que obtivemos com produtores daquela região, e conseqüentemente, instalar uma agroindústria em nossa propriedade para agregar valor ao café produzido, bem como outros produtos de nossa propriedade. (Depoimento família Teeiro em lúna) (informação verbal).

- c) *Fatores Culturais*: segundo os entrevistados a própria cultura local influencia positivamente as ações de cooperação entre os produtores, fazendo com que exista maior união para cooperar entre si dentro das comunidades produtoras de café. Essa cultura de cooperação é bem solidificada tanto na microrregião Sudoeste Serrana quanto na microrregião do Caparaó, por meio das cooperativas Pronova em Venda Nova do Imigrante e Coocafé em lúna, organizadas inicialmente por produtores de café.

Sobre a percepção dos produtores de café, os que residem na microrregião Sudoeste Serrana explanaram que as ações de cooperação são muito solidificadas no território, fazendo com que a agricultura familiar se perpetue e tenha solidez.

Na microrregião do Caparaó os produtores acreditam que as ações de cooperação precisam ser mais trabalhadas junto aos produtores, elas existem, porém eles acreditam que é necessário alavancar o cooperativismo da mesma forma como foi desenvolvida na microrregião Sudoeste Serrana, visando à promoção do território, explorando as potencialidades naturais e culturais já existentes.

A percepção sobre a cooperação mostrou-se um fator forte no dia a dia dos produtores de café, porém observa-se que o cooperativismo sofreu diversos “baques” nas últimas décadas. As cooperativas de café e associações levaram produtores a acumularem prejuízos, acarretando certa desconfiança entre os produtores locais, principalmente no Caparaó sem, entretanto, inibir a propagação do cooperativismo.

Várias ações no território estão sendo desenvolvidas para fortalecer esses laços, como: compras coletivas de adubo, de agroquímicos, venda futura de café pelas cooperativas Pronova e Coocafé, visando à elevação dos valores cooperativos locais. Pode-se enfatizar que tanto na microrregião do Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana, o nível de cooperação entre os produtores de café possui forte relação entre os agentes.

Tal fato está de acordo com a prerrogativa da cooperação discutida na teoria *neo-marshalliana*, e apresentada por Pereira e Ribeiro (2010) por ocasião da análise do comportamento cooperativo dos produtores vendanovenses, tanto no momento de agregar esforços nas unidades produtoras quanto na transferência de conhecimento.

6.2 Nível de intercâmbio de mão de obra no período de colheita entre os produtores vizinhos na comunidade visando cooperação

O segundo ponto da presente análise diz respeito ao intercâmbio de mão de obra de produtores no período de colheita visando à ajuda mútua dentro das comunidades produtoras de café. Este ponto foi levantado em decorrência da literatura *neo-marshalliana* descrever em várias ocasiões a existência de ações coletivas no processo de trabalho de um distrito industrial. Nesta condição, vários agentes se doam visando sempre à promoção coletiva das ações produtivas.

O modelo *neo-marshalliano* serve puramente como um padrão heurístico para formulação de um entendimento maior sobre as transformações ocorridas no mundo da produção industrial e agroindustrial nas últimas décadas.

No ponto discorrido sobre o intercâmbio de mão de obra, os respondentes mostraram divergências quanto ao entendimento comum nas microrregiões em

estudo. Segundo a percepção dos entrevistados nas microrregiões, a Sudoeste Serrana obteve média mais elevada que o Caparaó.

A ponderação do *ranking* médio na microrregião Sudoeste Serrana obteve resultado de 3,3 enquanto na microrregião do Caparaó 2,3. Essa primeira diferença no perfil organizacional dos produtores permite extrair algumas comparações.

Na microrregião Sudoeste Serrana foram atribuídos alguns fatores pelos agentes entrevistados:

- a) *Parentesco*: pelo fato de vários imigrantes italianos terem imigrado da mesma região da Itália, as famílias que cresceram na região mantiveram os laços, que foram propagados pelas décadas. Segundo descreve Alencar (2010), as gerações que se seguiram misturaram os sobrenomes, formando uma grande família. Nas lavouras de café os mais novos substituem os pais e avós num ritual de passagem e aprendizado contínuo. Ou seja, essa relação de parentesco de primeiro, segundo e terceiro grau foi fortemente discutida pelos agentes e produtores ouvidos durante os meses de pesquisa em Venda Nova do Imigrante.

Para ressaltar o fato descrito acima, observa-se um forte apelo das festas de cultura italiana e germânica que se observa em Venda Nova e Domingos Martins, os produtores nesta microrregião são muito unidos, e as festas geralmente não possuem fins lucrativos, e sim a manutenção dos hospitais e associações comunitárias. Nestas festas é muito comum observar o intercâmbio de mão de obra entre os agentes, pessoas que se deslocam do interior para ajudar, além de empresas que cedem alguns colaboradores para ajudar durante a organização do evento.

- b) *Cafeicultura Familiar*: o sistema de agricultura familiar é muito observado na microrregião Sudoeste Serrana. Pelas comunidades terem muitos pequenos produtores, é comum que eles se unam no período de colheita para ajudar o vizinho:

Quando chega a colheita, sempre existem lavouras que maduram mais cedo que as outras, fazendo com que determinada propriedade inicie e

termine sua colheita mais rápido, como existe grande dificuldade de mão de obra no campo, realizamos esses rodízios. (Gilmar Pim - produtor de café de Vargem Alta – comunidade de Capivara) (informação verbal).

Essas ações também foram observadas e relatadas por agentes e produtores da microrregião do Caparaó da seguinte forma: no período de colheita, quando uma família precisa de ajuda para colher o café, o vizinho até costuma ajudar, mas, geralmente, cada produtor consegue sua turma e toca sua lavoura sem muita necessidade de ajuda do vizinho, ou o mesmo possui contatos fora do município e contrata uma turma de colhedores fora da região para terminar com a colheita mais rapidamente.

Os dados do Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário indicam que o território do Caparaó tem como uma de suas características a predominância de pequenas propriedades de base familiar, aproximadamente 82% dos estabelecimentos estão nos estratos de área de menos de 50 hectares (ha).

Com relação à área, estes estabelecimentos representam, aproximadamente, 35% que, se somado aos estabelecimentos que estão na faixa entre 50 e 100 ha, chegam a 56% da área total. Ou seja, há uma concentração de terras, verdadeiros latifúndios, nas mãos de poucos proprietários, o que por si só indica a necessidade de uma Reforma Agrária (PTDRSS, 2009, p. 19).

Segundo alguns entrevistados, outra relação que pode ser observada é que quando existe remuneração financeira, este fato ocorre sem problemas, porque o produtor está deixando sua propriedade para receber na do vizinho, o que pode ser considerado como uma ajuda ou intercâmbio de mão de obra, já que a visão *neo-marshalliana* reforça que o intuito é realmente promover a divisão de trabalho dentro do território.

Alguns fatores podem estar contribuindo para que o nível de intercâmbio seja baixo entre os produtores de café na microrregião do Caparaó, segundo a percepção dos respondentes, alguns fatores como:

- a) *Grande miscigenação étnica*: na microrregião do Caparaó observou-se menor grau de parentesco pela forte miscigenação e também uma menor relação de produtores nesta ação de intercâmbio. Os produtores e agentes entrevistados descreveram que este fato pode ter contribuído para que as famílias não se

misturassem tanto, como é observado na microrregião Sudoeste Serrana. A relação de intercâmbio de mão de obra é existente, porém com ponderação média abaixo da microrregião Sudoeste Serrana.

- b) *Agricultura de médio porte*: pelo fato de existirem grandes fazendeiros que produzem café ou trabalham com a agropecuária nesta região, os produtores não costumam integrar-se nestas ações; observou-se que a relação de intercâmbio de mão de obra ocorre apenas nas comunidades menores em que o nível de parentesco é elevado entre os moradores ou as relações de amizade são mais sólidas.

O perfil de agricultura familiar é comum nas duas microrregiões: Sudoeste Serrana e microrregião do Caparaó. Porém a microrregião do Caparaó possui grandes fazendas de café, o que é muito comum no município de Lúna. Este fato não foi abordado no questionário, mas pode ser percebido durante os meses que estivemos no campo coletando os dados.

Becattini (1999) resgata um aspecto importante que nos permite discorrer melhor sobre essa condição. Segundo o autor, para serem eficazes, os distritos necessitam de processos produtivos que apresentem algumas características, como o fracionamento em fases e a possibilidade de encaminhar no espaço e no tempo os frutos dessa produção fracionada.

É graças a essas características que poderá ser obtida uma divisão muito expressiva do trabalho, permitindo a todos os membros do distrito industrial (homens e mulheres, jovens, adultos e idosos) participar, qualquer que seja seu posto de trabalho e seu modo de remuneração (salário, participação nos benefícios, remuneração por empreitada, etc.), no conjunto do processo social de produção. Em consequência, a interpretação e a sinergia entre a atividade produtiva e a vida cotidiana parecem construir o traço dominante mais representativo do funcionamento do distrito industrial (BECATTINI, 1999).

Os fatos narrados contribuem para o entendimento de que é necessário ocorrer grande divisão de trabalho para que o distrito obtenha alavancagem produtiva, fortalecendo assim os laços de união em torno da sociedade ali constituída.

Os produtores da microrregião do Caparó apresentaram algumas dificuldades em relação ao intercâmbio de mão de obra, enquanto os produtores da microrregião Sudoeste Serrana apresentaram facilidade para desenvolver essa relação entre si, seja ela mediante a remuneração direta ou não.

6.3 Nível de relacionamento entre os produtores e o poder público local

Essa variável pesquisada buscou entender a relação dos produtores de café com o poder público local nestas microrregiões, em relação às ações que são tomadas na esfera pública dos municípios em que estes agentes (produtores de café) estão inseridos.

Segundo a ponderação média obtida pelo *ranking médio*, a microrregião do Caparó apresentou-se abaixo da média em relação à microrregião Sudoeste Serrana. Vários fatores foram descritos pelos produtores e agentes, que podem estar colaborando para entendermos as diferenças abordadas. Assim, a ponderação média do RM na microrregião Sudoeste Serrana obteve resultado de 3,5 e na microrregião do Caparó 2,2.

Para os agentes entrevistados na microrregião Sudoeste Serrana, o grau elevado de participação dos produtores perante o poder público pode ser entendido da seguinte forma:

- a) *Forte interesse pessoal*: o interesse pessoal move o produtor a buscar formas de melhorar a vida na comunidade que ele reside, visando à promoção do território, de modo que se um produtor consegue obter ganho para comunidade junto à esfera pública, a notícia se espalha, e faz com que outros produtores de outras comunidades busquem exercer sua voz junto aos líderes locais.
- b) *Consciência do território*: para a maioria dos entrevistados existe forte inclinação dos produtores em relação às ações que ocorrem no território; os produtores procuram participar das ações locais visando dinamizar as comunidades. Tal fato induz os representantes públicos a dirigir recursos para as comunidades, a fim de melhorar a vida do homem no campo.

c) *Importância econômica*: pelo fato do café ser o principal produto da economia destes municípios, os produtores participam ativamente, cobrando melhorias ante o poder público, pois sabem da força representativa que o setor possui dentro do território. Os produtores buscam se inteirar das ações que ocorrem nos municípios e como os governantes destinam e alocam os recursos públicos dentro do território local.

Foi relatado que os produtores buscam formas de melhorar a vida das famílias nas comunidades rurais. Mesmo que não sejam atendidos, procuram sempre defender sua classe, pois entendem que precisam proporcionar boas condições de estrutura para que os jovens não abandonem o campo por falta de oportunidades.

Em várias comunidades é possível observar boa estrutura nas estradas vicinais, postos de saúde familiar, escolas com boa infraestrutura, mercados locais, além de praças para o desenvolvimento de esporte e lazer.

Os produtores sempre buscam as autoridades públicas para captar recursos que possam ser revertidos nas comunidades, despoldadores de café, secadores, escolas, postos de saúde. Existe a consciência de que é necessário oferecer aos filhos algo parecido com o centro urbano, para que o jovem possa trabalhar no campo com condições de renda semelhantes às oferecidas na cidade. (Diretor comercial da Pronova de Venda Nova do Imigrante) (informação verbal).

Essas ações demonstram que a média percebida pelo *ranking médio* condiz com a realidade da microrregião Sudoeste Serrana, ou seja, o território local possui forte organização ao cooperativismo, intercâmbio de mão de obra e interação com o poder público local.

Em contraste, a microrregião do Caparaó apresentou-se delicada e frágil neste ponto estudado. Segundo os respondentes, alguns fatores colaboram com esse índice baixo que podem ser vista como:

a) *Corresponsabilidade baixa*: segundo os grupos de interesse, o produtor do território da microrregião do Caparaó não possui grande relacionamento com a esfera pública municipal. Não se assiste elevada preocupação e

participação nas câmaras municipais; os produtores deixaram de crer no poder público em algumas comunidades.

Vários trabalhos e ações estão sendo implementadas por órgãos não oficiais na microrregião do Caparaó para dinamizar e melhorar a integração do homem do campo com a esfera pública local. Principalmente em Alegre, foi muito citado pelos produtores nas comunidades visitadas (Feliz Lembrança e Sumidouro) que nos últimos anos as associações de produtores têm participado mais ativamente da vida pública, buscando melhor integração local.

- b) *Baixo interesse do produtor pelo histórico de corrupção*: Segundo respondentes de Lúna e Ibitirama, o passado político da região é recheado por problemas que desmotivaram os produtores a crer que poderia existir uma relação sólida entre o campo e os representantes do governo. O discurso é semelhante em quase todos os municípios ouvidos, de que os representantes eleitos fazem belas campanhas, prometem melhorias, estrutura, presença, porém depois de eleitos se esquecem das pessoas que estão mais distantes do centro urbano.

Algumas ações positivas foram observadas na microrregião do Caparaó. Segundo a percepção dos respondentes, várias ações coletivas estão sendo desenvolvidas para resgatar valores no território. Os produtores estão entendendo que precisam ter voz ativa e boa relação com os representantes que são eleitos por eles mesmos.

Ações de conscientização sobre a importância do homem do campo foram observadas em Alegre, no dia 19 de novembro de 2011, onde se reuniram diversos líderes de comunidades produtoras de café, autoridades públicas e produtores rurais para traçar planos e cobrar medidas que venham ao encontro das necessidades do campo. Ações semelhantes foram observadas em outras comunidades do município de Lúna.

Outro papel importante observado na microrregião do Caparaó está sendo desenvolvido pelos sindicatos de produtores rurais. Existe grande esforço para conscientizar o produtor rural sobre sua importância junto às ações políticas locais,

ou seja, de que os produtores precisam participar ativamente na vida política e econômica dos municípios.

Vários encontros e reuniões têm sido desenvolvidos nos últimos anos visando à melhoria deste fator. As ações encontram-se num estágio baixo, porém observa-se que este trabalho poderá colher frutos no futuro, como descreveu o representante do Sindicato dos Produtores Rurais de Alegre:

[...] é necessário promover mais ações coletivas na microrregião para alavancar todo o território local, chamando os produtores para os comitês públicos, a fim de cobrar a participação dos governantes visando à melhoria do campo, como é empreendida nos centros urbanos, mostrando que o produtor faz parte do processo de planejamento e desenvolvimento econômico e social dos municípios da microrregião do Caparaó. (informação verbal, grifo nosso).

A disparidade observada entre a microrregião Sudoeste Serrana e a microrregião do Caparaó foi alta neste ponto observado, para tanto se observa que na microrregião do Caparaó os agentes locais estão buscando formas de melhorar a interação do produtor rural com a esfera pública municipal.

Becattini (1999) descreve que as transformações trazidas pelo modelo dos distritos industriais, no que diz respeito à relação dos indivíduos com o mundo público, acabam por misturar questões públicas e produtivas. Isto porque a produção no território assume um caráter tendencialmente público, de forma que se integrar à cidade significa ser incluído no mundo da produção.

Esse fator colabora com um ponto importante observado na microrregião Sudoeste Serrana e descrito por Nogueira (2004). Venda Nova do Imigrante, um município com pouco mais de 20.000 habitantes que, embora conte com aproximadamente 60% de sua população morando no que se classifica por área urbana, pode ser entendido como um município rural, onde os produtores possuem forte ligação com as ações que ocorrem no campo e na esfera pública.

A identidade rural de Venda Nova é construída em razão das características das práticas sociais, dos costumes e dos símbolos de grande parte de sua população. Ela aparece na representação do próprio grupo social enquanto rural, e pela atribuição de ruralidade, dada ao grupo, por pessoas de fora; por exemplo, pelos moradores dos grandes centros urbanos e pelos turistas, em especial (NOGUEIRA, 2004).

6.4 Nível de convívio e harmonia entre produtores dentro do espaço de produção onde residem

O quarto ponto abordado na pesquisa traz a relação de convívio e harmonia no espaço de produção entre os produtores. É comum observar nas lavouras a não existência de cercas; é notório reparar que uma carreira de bananeira ou um abacateiro fazem a divisão das lavouras, e este ponto desperta forte curiosidade, pois em levantamentos preliminares foi observado que os produtores quase em maioria trabalham em harmonia nessas comunidades de café, ou seja, os próprios *neo-marshallianos* destacam a grande harmonia das famílias dentro destes territórios.

Para Castro e Ribeiro (2010) conhecer as condições históricas e culturais da região torna-se importante para a compreensão de certas atitudes e paradigmas que fazem com que uma aglomeração seja bem-sucedida ou que muitas vezes dificultam a cooperação e inibem o empreendedorismo.

Segundo Diniz e Crocco (1996) o modelo de distrito marshalliano ou italiano, onde predomina um amplo número de empresas de pequeno porte, controladas localmente, criando uma atmosfera de cooperação e amplo respeito entre os atores do território, possui expressiva relação com as economias externas.

Desta forma, esse respeito entre os atores desperta a curiosidade de entendermos o nível de convívio e harmonia entre os produtores de café em relação a este ponto nas comunidades que eles residem.

A ponderação média obtida através do *ranking* médio nas duas microrregiões foi excelente; todos os dois territórios possuem excelente relação de convívio e harmonia entre os produtores nas comunidades cafeeiras visitadas durante os meses de pesquisa.

O *ranking* médio da microrregião do Caparaó obteve resultado de 3,8 enquanto da microrregião Sudoeste Serrana 4,7, demonstrando que estes produtores possuem um nível de convívio e harmonia elevado nas comunidades produtoras. Alguns fatores incomuns foram observados na pesquisa que serão descritos de forma paralela, separando-se apenas algumas peculiaridades e curiosidades que os respondentes apresentaram neste ponto observado.

- a) *Forte relação de amizade*: segundo os respondentes, a grande relação de amizade existente entre os cafeicultores por mais de um século fez com que as fazendas nunca precisassem de cercas, o vizinho sempre sabe onde começa e onde termina seu talhão de café.

No começo, não existia tecnologia, infraestrutura, estradas, nossas famílias vieram de navio para o Espírito Santo e encontraram os povos oriundos do norte da Itália, a relação de amizade se proliferou durante os anos passados, as lavouras foram crescendo junto com a agricultura familiar, e como a amizade já era forte, nunca existiu necessidade de cercas para separar as fazendas. (Benjamim Falchetto – personalidade pública de Venda Nova) (informação verbal).

Segundo descreve Wesley do Café Teeiro, em Lúna, os produtores são grandes amigos, não existe desconfiança; quando o produtor deixa um adubo na propriedade, ou uma saca de café maduro no carreador, raramente alguém mexe. O produtor relatou que dificilmente ocorrem roubos dentro das comunidades e que o clima é sempre muito amistoso entre os colonos, meeiros e produtores de café.

Estas ações de amizade colaboram fortemente para que exista excelente convívio e harmonia entre os produtores, tanto na microrregião do Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana do ES.

- b) *Cultura*: foi unânime durante as entrevistas visualizar e entender que os produtores possuem relação cultural forte entre si, embora algumas ações não sejam tão propagadas. O respeito construído pela cultura simples do homem do campo faz com que cada um saiba onde começa e onde termina seu espaço de produção.
- c) *Herança de respeito*: segundo os entrevistados, os antepassados sempre ensinaram os mais jovens a não mexer nas coisas alheias, além de respeitar o início e o término das lavouras. Também, jamais colher café no talhão do vizinho ou usurpar algo que fosse encontrado no meio dos carreadores de café. Essas ações foram facilmente observadas tanto na microrregião do Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana nos meses de pesquisa, apesar das dificuldades sociais encontradas nos dias atuais. Isso reforça a visão de que os laços são fortes entre as famílias que residem no campo.

- d) *Confiança*: Segundo a percepção dos produtores, a atmosfera de confiança que existe entre eles é extremamente sólida. Sempre que um vizinho viaja ou precisa se ausentar, existe alguém para ajudar na manutenção da propriedade, cuidando da criação e zelando pelo patrimônio do próximo.

Nossos avós diziam que é melhor cuidar para que jamais venhamos ter policiais dentro de nossas comunidades, zelar pela harmonia e paz do campo, respeitando, confiando e multiplicando os laços de amizade que são solidificados pelo tempo. (produtor de café da comunidade Sumidouro – Alegre) (informação verbal).

Todas estas ações corroboram para o entendimento sobre o grau elevado do *ranking* médio obtido nesta variável. Não se assiste miséria aparente nas comunidades ou conflitos intensos entre os moradores do campo. Existem problemas como em qualquer sociedade organizada, porém o nível de paz e harmonia impera até os dias atuais nas comunidades visitadas.

O único município que apresentou problemas mais intensos no interior foi Iúna. Segundo alguns produtores, a região é famosa pelos crimes de pistolagem e extorsão a produtores de café por parte de alguns comerciantes que emprestam dinheiro para os produtores tocarem a safra, o que quase sempre termina em conflitos entre famílias.

6.5 Nível de organização dos produtores de café em relação à atividade econômica na região

O quinto ponto levantado diz respeito à organização dos produtores de café em relação à atividade econômica na região; esse ponto foi levantado pelo fato de os agentes inseridos em um distrito industrial participarem amplamente nas decisões que são tomadas no território. Este fator mostrou-se bem divergente entre as duas microrregiões.

Segundo a média obtida no RM, a microrregião do Caparaó obteve 2,2 enquanto a microrregião Sudoeste Serrana 3,1. Vários fatores foram levantados gerando um entendimento passível de explanação e comparação das diferenças latentes nestas duas microrregiões.

Na microrregião Sudoeste Serrana os fatores positivos encontrados foram descritos da seguinte forma:

- a) *Boa comunicação*: pelo simples fato de haver uma boa comunicação entre os produtores nas comunidades, nas associações e cooperativas, a relação de interesse pessoal, faz com que exista uma boa organização destes agentes na microrregião, permitindo que o fluxo de informação corra mais solto entre os agentes locais. Segundo descrito por algumas personalidades públicas, os produtores estão constantemente preocupados com o território, costumam participar ativamente de reuniões promovidas pelas prefeituras, sindicatos e associações, tudo com a finalidade de manter um bom nível de organização entre estes agentes.
- b) *Forte cooperação*: a cooperação foi muito abordada como um possível fator que contribua para que a organização seja positiva entre os produtores de café na microrregião Sudoeste Serrana. Pelo fato destes municípios serem pequenos e com muitas pequenas propriedades, os traços de cooperação não possuem fronteiras, fazendo com que os produtores se organizem para elevar a relação econômica do território.
- c) *Agroturismo*: a relação forte em torno da organização do agroturismo fez da microrregião Sudoeste Serrana uma verdadeira rota de visitantes que surgem de todo o país para conhecer os vales e montanhas que cortam a região, a fim de conhecer um pouco da cultura local, dos produtos regionais e do café especial que virou sinônimo de sucesso nos últimos anos.

Para Melo e Carnille (2007), o café fino servido nas propriedades agradou os visitantes, não menos atraente o foi aos interesses do mercado que se formou para o café torrado e moído. Com a possibilidade de se mostrar as características do café especial, a partir do contato direto com o consumidor, novos consumidores se constituíram e, com o auxílio de campanhas institucionais, diversas marcas domésticas se desenvolveram e se consolidaram no mercado.

Durante a pesquisa foram observadas mais de 25 marcas de cafés especiais industrializadas por produtores da microrregião Sudoeste Serrana (Venda Nova – Vargem Alta entre outros), como, por exemplo, café Carnielle, café Buzatto, café Zucolotto, café Brioschi, etc. Na microrregião do Caparó observou-se cerca de 10 propriedades que industrializam cafés, porém a família que se destaca na produção de cafés especiais encontra-se em Lúna, com o Café Teeiro.

Melo e Carnielle (2007) confirmam essa relação do turismo com o meio rural dizendo que atualmente os visitantes têm a possibilidade de degustar um bom café nos passeios pelo interior do ES. Segundo os autores, pelo menos 17 municípios capixabas já produzem cafés finos, porém o grande cinturão ainda encontra-se na microrregião Sudoeste Serrana.

Na microrregião do Caparaó o nível de organização mostrou-se baixo, indicando que os produtores necessitam se organizar de forma mais eficiente para promover ganhos exitosos ao território. É imprescindível ter uma boa organização para que exista sucesso dentro de qualquer aglomeração produtiva. Para os agentes entrevistados a fragilização da região se explica pelos seguintes fatores:

- a) *Administração rural fraca*: segundo os grupos de interesse que responderam os questionários e conforme os próprios produtores enfatizaram, existe grande dificuldade em gerenciar a propriedade, pela falta de conhecimento técnico/científico; necessitando assim, de meios e formas de se melhorar a eficiência organizacional. Tal fator é associado como a causa direta para uma administração fraca e ineficaz.
- b) *Dependência de líderes externos*: segundo os produtores é comum depositar confiança em algum líder residente na comunidade, esperando que este agente faça a ponte entre o poder público e os anseios dos produtores. Porém, somente as ações deste agente não têm conseguido obter êxito em suas ações como descreveram os produtores, pois quase sempre essa personalidade procura formas de se promover politicamente em algum cargo, esquecendo quase sempre das comunidades produtoras de café.

Em Alegre e Ibitirama foi observado que existe uma grande preocupação em resgatar, urgentemente, ações de organização para promover a elevação da microrregião do Caparaó.

Segundo o secretário de agricultura de Alegre (*Sr. Alexandre Nazário Neto*) constantemente os produtores vem se reunindo com autoridades do território para desenvolver ações para promover e valorizar ainda mais a microrregião do Caparaó, tendo em vista as potencialidades existentes no Caparaó capixaba. Foi relatada ainda a possibilidade de criação de um circuito de agroturismo com a mesma força que é encontrada na microrregião Sudoeste Serrana, bastando apenas organizar melhor as ações dentro do território.

É necessário enfatizar que foi observado um esforço coletivo no território da microrregião do Caparaó para elevar o nível de organização entre a esfera produtiva e pública, visando à promoção coletiva do território.

6.6 Nível de identificação cultural dos produtores com a atividade cafeeira

Esta variável obteve RM 4,3 na microrregião Sudoeste Serrana e 3,3 na microrregião do Caparaó. A identificação cultural é um fator importante na composição organizacional das aglomerações produtivas.

Quase que de forma unânime foi percebido que a identificação cultural é boa e excelente por dois motivos:

- a) *Raiz apegada ao campo*: segundo os ouvintes das duas microrregiões, as raízes são tão fortes que as pessoas residem e vivem da cafeicultura desde o tempo da chegada dos imigrantes. Os produtores assim descreveram em sua simplicidade *“nós nascemos, crescemos aqui, portanto é isso que sabemos fazer com qualidade, produzir café”*. Essa relação forte é observada tanto na microrregião do Caparaó quanto na Sudoeste Serrana.

Outro fator importante relatado por produtores e personalidades públicas é a relação dos filhos com a agricultura. Atualmente muitos filhos estão saindo para estudar e após a conclusão dos cursos de terceiro grau retornam para as

propriedades com o objetivo de melhorar a organização produtiva das fazendas de café. Fato visto na família Carnielle, segundo Pedro Carnielle, quando ele então concluiu o curso de Agronomia, retornando para Venda Nova, buscou iniciar o agroturismo, observando certo potencial de agregação econômica que era debatido nas salas de aula na faculdade.

- b) *Herança familiar*: segundo os respondentes, quase todas as propriedades possuem uma forte relação de herança que é herdada pelos filhos mais novos. Esses laços são observados em todos dois territórios, pelo fato de ser, em sua maioria, pequenas propriedades de gestão familiar. Tal condição acentua ainda mais essa, fazendo com que as fazendas de café passem de geração a geração.

6.7 Nível de interesse dos produtores em relação às decisões tomadas no território local

A última variável estudada na pesquisa traz como entendimento o nível de interesse dos produtores em relação às decisões que são tomadas dentro das comunidades produtoras de café. Essa variável tem como objetivo identificar e entender como os produtores de café organizam-se em relação ao que ocorre dentro do universo produtivo que estão inseridos. Se os mesmos interessam-se ou não, pelas ações que são tomadas no cotidiano dos produtores residentes no interior das comunidades produtoras de café.

Na microrregião Sudoeste Serrana o RM obteve 3,3, enquanto na microrregião do Caparaó 2,8. Segundo os respondentes na microrregião Sudoeste Serrana, o produtor interessa-se sobre as ações e decisões que são tomadas no território local e podem ser vistas como:

- a) *Forte integração com o território*: segundo os respondentes há um senso comum de que é necessário estar integrado com o território local para saber quais decisões poderão ser tomadas de forma a impactar a vida dos produtores rurais nas comunidades inseridas nessas microrregiões. Assim observa-se que na microrregião Sudoeste Serrana a relação de interesse dos

agentes sobre as decisões que são tomadas no território local dentro das comunidades é considerada boa, não se assiste abandono em relação às decisões tomadas no território local, diferente do que foi observado na microrregião do Caparaó.

- b) *Responsabilidade coletiva*: os produtores entrevistados juntamente com os grupos de interesse relataram que existe um sentimento de responsabilidade coletiva, de que as ações que são tomadas nas comunidades podem impactar a vida dos produtores e das famílias. Dessa forma, pode-se entender que a preocupação comum faz com que o nível de interesse nas decisões tomadas no território seja elevado, indicando a participação ativa dos produtores nestas ações.

Na microrregião do Caparaó o RM observado foi menor, indicando que os produtores precisam melhorar a organização produtiva. É perceptível entender e visualizar que as ações necessitam de maior organização por parte dos produtores da microrregião do Caparaó, as ações de interesse dos agentes em relação às decisões tomadas no território são extremamente importantes para que a comunidade possa ter organização econômica sobre o planejamento da região. Fatores negativos como forte individualismo econômico e baixo nível de instrução dos produtores, foram relatados pelos respondentes.

- a) *Individualismo econômico*: os produtores não procuram participar das decisões que envolvem o território, pois estão sempre pensando primariamente em sua propriedade. Segundo relato de alguns produtores, quando alguém tenta trazer algo que possa agregar valor a produção, essas ações são vistas com muita desconfiança, acreditando que o agente que está tentando trazer algo novo é alguém que quer lucrar à custa do produtor rural.

Os produtores demonstram facilidade em cooperar entre si, em se ajudar, porém são muito desconfiados em relação ao nível de interesse nas ações articuladas nas comunidades. Colaborando assim para o baixo índice de participação em relação às decisões locais na microrregião do Caparaó.

- b) *Isolamento e desconfiança*: segundo algumas personalidades públicas e associações entrevistadas, o isolamento do homem rural com o centro urbano e a grande desconfiança, podem estar contribuindo para um baixo nível de participação nas tomadas de decisões dentro do território. Os produtores em contrapartida jogam as responsabilidades para o poder público, enquanto que o poder público descreve que a desconfiança é sempre um fator que emperra a participação dos produtores nas ações locais.

Foi descrito por personalidades públicas de Alegre e Ibitirama que nos últimos anos, projetos sociais desenvolvidos entre instituições de ensino superior e empresas não oficiais têm colaborado para reverter este quadro.

Projetos desenvolvidos pelo IFES de Alegre através da Caparaó Jr. (Empresa Junior de Cafeicultura do Instituto Federal do Espírito Santo – *Campus* de Alegre) em parceria com a Samarco têm levado informações ao campo, buscando orientar os produtores sobre a importância das técnicas de adubação e calagem. Os produtores de café da comunidade de Sumidouro em Alegre enfatizaram muito esta ação; segundo eles, depois que a parceria entre Samarco – Ifes – e associações iniciou-se, eles mesmos começaram a observar que necessitavam de maior participação sobre as decisões que são tomadas dentro da microrregião do Caparaó.

Para entender de forma clara e objetiva o comportamento percebido sobre as duas microrregiões em estudo, o gráfico a seguir apresenta as diferenças obtidas entre as variáveis estudadas nas duas microrregiões. É possível visualizar a diferença do RM percebido nas duas microrregiões que compõem este estudo, destacando a forte organização produtiva dos produtores de café que residem na microrregião Sudoeste Serrana.

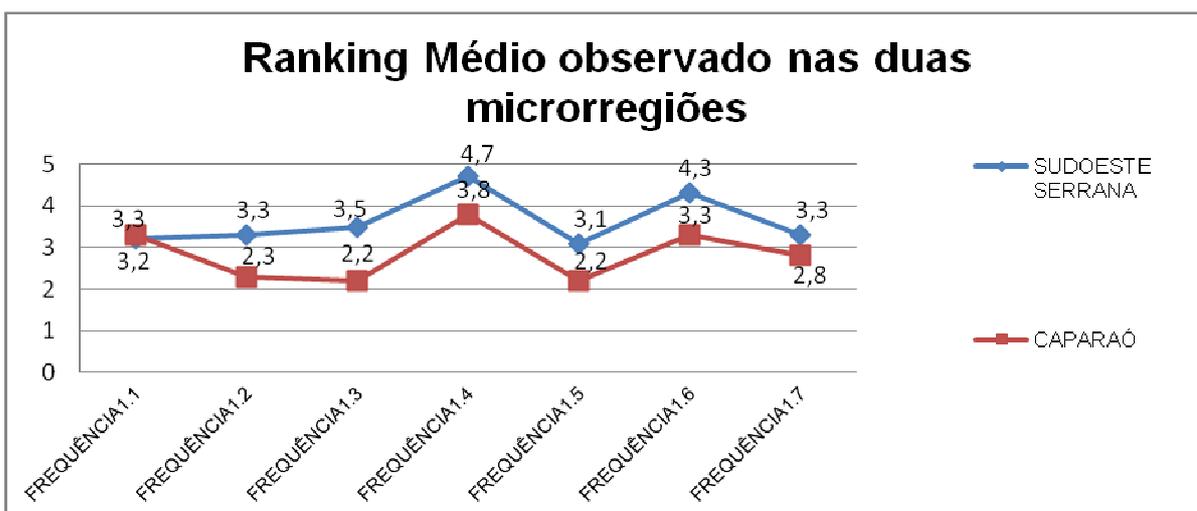


Figura 14 – Comparativo do *Ranking* Médio entre as duas microrregiões
Fonte: o autor.

Somente o ponto 1.1, 1.4 e 1.6 na microrregião do Caparaó apresentaram RM que pode ser considerado bom; os demais pontos estudados indicam que a microrregião do Caparaó possui organização produtiva menor que a microrregião Sudoeste Serrana.

- Frequência 1.1: Nível de cooperação entre os produtores de café dentro da comunidade onde residem;
- Frequência 1.2: Nível de intercâmbio de mão de obra no período de colheita entre os produtores vizinhos na comunidade visando à cooperação;
- Frequência 1.3: Nível de relacionamento entre os produtores e o poder público local;
- Frequência 1.4: Nível de convívio e harmonia entre os produtores dentro do espaço de produção onde residem;
- Frequência 1.5: Nível de organização dos produtores de café em relação à atividade econômica da região;
- Frequência 1.6: Nível de identificação cultural dos produtores com a atividade cafeeira;
- Frequência 1.7: Nível de interesse dos produtores em relação às decisões tomadas no território local;

Nas tabelas 7 e 8 encontra-se a síntese dos resultados da pesquisa obtida com a aplicação do questionário elaborado com a escala do tipo Likert. Foram divididos em duas tabelas para entendermos de forma sucinta os pontos positivos e negativos observados durante os meses de pesquisas nestas duas microrregiões.

Tabela 7 – Síntese dos resultados estudados no primeiro questionário na microrregião Sudoeste Serrana

VARIÁVEIS ESTUDADAS	RANKING MÉDIO	NÍVEL DE ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES	POSSÍVEIS CAUSAS
1.1 Cooperação entre produtores	3,2	BOM	Passado sofrido Crises cafeeiras Fatores culturais
1.2 Intercâmbio de mão de obra	3,3	BOM	Parentesco Sistema de agricultura familiar
1.3 Relacionamento entre produtores e o poder público	3,5	BOM	Forte Interesse pessoal Consciência do território Importância econômica
1.4 Convívio e Harmonia	4,7	EXCELENTE	Forte relação de amizade Cultura Herança de respeito Confiança
1.5 Organização dos produtores em relação à atividade econômica	3,1	BOM	Boa comunicação Forte cooperação Agroturismo
1.6 Identificação Cultural	4,3	EXCELENTE	Raiz apegada ao campo Herança familiar
1.7 Interesse sobre as decisões tomadas no território local	3,3	BOM	Forte integração com o território Responsabilidade coletiva

Fonte: o autor.

Tabela 8 – Síntese dos resultados no primeiro questionário na microrregião do Caparaó (continua)

VARIÁVEIS ESTUDADAS	RANKING MÉDIO	NÍVEL DE ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES	POSSÍVEIS CAUSAS
1.1 Cooperação entre produtores	3,3	BOM	Passado sofrido Crises cafeeiras Fatores culturais
1.2 Intercâmbio de mão de obra	2,3	RUIM	Forte miscigenação étnica Agricultura de médio porte
1.3 Relacionamento entre produtores e o poder público	2,2	RUIM	Corresponsabilidade baixa Baixo interesse do produtor pelo histórico de corrupção
1.4 Convívio e Harmonia	3,8	BOM	Forte relação de amizade Herança de respeito Confiança
1.5 Organização dos produtores em relação à atividade econômica	2,2	RUIM	Administração rural fraca Dependência de líderes externos

(conclusão)			
VARIÁVEIS ESTUDADAS	RANKING MÉDIO	NÍVEL DE ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES	POSSÍVEIS CAUSAS
1.6 Identificação cultural	3,3	BOM	Raiz apegada ao campo Herança familiar
1.7 Interesse sobre as decisões tomadas no território local	2,8	RUIM	Individualismo econômico Isolamento e desconfiança

Fonte: o autor.

Após a explanação da síntese das variáveis obtidas com a aplicação do questionário formulado com escala do tipo Likert, apresentam-se as demais variáveis estudadas com o questionário semiestruturado, que foi aplicado junto aos produtores de café na microrregião do Caparaó e microrregião Sudoeste Serrana.

Este formulário teve como objetivo entender algumas dificuldades que os produtores enfrentam no dia a dia da produção de café, bem como se estão representados por algum órgão, quais os cursos que são oferecidos pelas esferas públicas municipais, estadual e federal para capacitação dos produtores, além dos incentivos que possivelmente são destinados para melhoria de vida e infraestrutura nas comunidades produtoras de café nas microrregiões Sudoeste Serrana e Caparaó.

Também foi lançada como variável neste formulário a questão sobre a existência de empresas não oficiais que procuram levar tecnologia e informação para os produtores, além da percepção da presença de líderes que tentam fomentar o desenvolvimento sem interesses pessoais nas diversas comunidades cafeeiras entrevistadas.

É necessário enfatizar que este segundo formulário foi respondido apenas por produtores de café espalhados por seis municípios nas duas microrregiões em estudo.

Não serão descritos os 17 itens que compõem o formulário, pois algumas questões foram aproveitadas na discussão aplicada no primeiro formulário nos tópicos 6.1 a 6.7.

- O primeiro ponto abordado trazia como investigação se os produtores eram afiliados a algum tipo de organização produtiva, como: cooperativas – associações de produtores – sindicato rural:

Tanto na microrregião do Caparaó quanto na Sudoeste Serrana o número dos que responderam de forma positiva, afirmando que são afiliados a algum tipo de organização foi bom, indicando que a maioria dos produtores é associada a algum tipo de organização produtiva, a maioria dos produtores descreveu que é importante estar afiliado a uma cooperativa, associação ou sindicato, por que estes órgãos possuem peso, e podem contribuir de certa forma com as suas necessidades.

- O segundo ponto abordado investiga se o produtor costuma participar de reuniões pertinentes aos problemas enfrentados na cafeicultura.

Os produtores foram unânimes em responder “sim”; segundo a percepção deles já é difícil ter acesso ao conhecimento pelo fato de eles estarem na roça e terem pouco estudo, então sempre que é possível eles participam das reuniões desenvolvidas pelas prefeituras – cooperativas e associações de produtores. O assunto mais pertinente nestas reuniões é a apresentação de uma nova técnica de manejo – adubação e instruções sobre melhoria da qualidade do café.

Os produtores responderam que o que falta mesmo é capacitação para a gestão interna das propriedades. Segundo relatado tanto no Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana, falta ao produtor ferramentas para aprender a gerir internamente sua propriedade.

Segundo relato de um produtor: “*Nós sabemos trabalhar muito bem com as mãos – porém falhamos em administrar com cérebro*”, referindo-se às dificuldades de vender e negociar os cafés no período de comercialização.

- O quarto ponto abordado traz como investigação se as comunidades cafeeiras recebem incentivos para melhorar sua organização produtiva por parte dos governos municipal, estadual ou federal.

Este ponto foi amplamente debatido e as divergências foram amplas. É notório que as comunidades que recebem incentivos constantes estão mais satisfeitas que as que possuem menor aporte por parte dos governos.

Foi descrito pelos produtores que os incentivos são variados, nos municípios de Domingos Martins, Vargem Alta e Ibitirama; os produtores enfatizaram amplamente a questão do projeto desenvolvido pelo estado como *Caminhos do Campo*, projeto este que visa pavimentar com asfalto as principais rodovias do interior, melhorando a infraestrutura de escoamento agrícola.

Outros projetos municipais, como cursos de gerenciamento da propriedade em parceria com o MEPES foram descritos como forma de incentivos pelos produtores de Vargem Alta, Alegre, Domingos Martins, Venda Nova e Ibitirama.

Os produtores reforçaram a questão da infraestrutura, com a disponibilidade de máquinas de despolpar café, obtidas em parcerias com a secretaria de agricultura do Estado do Espírito Santo, além de tratores que ficam nas propriedades para ajudar na manutenção dos carreados das lavouras de café.

Os produtores enfatizaram que, realmente, precisam de apoio às práticas de boa gestão interna da propriedade rural. Segundo eles, tendo capacidade de se antever e se inteirar melhor sobre o mundo que gira em torno da informação, será possível construir melhores estruturas de organização nas propriedades rurais.

- O quinto ponto diz respeito à capacitação. Se os produtores de café recebem algum tipo de capacitação do governo municipal, estadual ou federal.

Segundo os respondentes a maioria dos cursos é realizada em parceria com o governo do Estado como INCAPER (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão), órgãos como SEBRAE-ES (Agência de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresário), MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) e SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial).

A maioria dos cursos oferecidos para os produtores é relativo às boas práticas de manejo de agroquímicos, uso adequado de EPI (equipamento de proteção individual) e adubação e calagem.

Nos municípios da microrregião do Caparaó os produtores enfatizaram que o apoio dado pelo governo do Estado tem sido fundamental para as famílias. Segundo os produtores, vários cursos estão sendo oferecidos para as esposas e filhos dos produtores por intermédio dos Institutos tecnológicos, como corte e costura e produção de embutidos. Essas ações visam gerar agregação de renda às famílias do campo.

- No sétimo ponto abordado aos produtores, foi discutido se algum órgão oficial gerou interrupção na atividade em algum momento.

Os respondentes foram unânimes em dizer não; a única abordagem que vem sendo feita com os produtores de café é por parte do lema, que tem fiscalizado

diretamente as propriedades que despulpam ou descascam café, averiguando se os produtores estão destinando os resíduos líquidos ao tratamento correto. Fora esta abordagem nenhum órgão oficial gerou interrupção na atividade nos últimos anos.

- O oitavo ponto buscou visualizar o nível de escolaridade dos produtores; essa pergunta foi sustentada para saber o grau de estudo dos produtores de café nestas microrregiões.

O interessante desta questão é o fato de os produtores terem em sua maioria, estudado até o fundamental. Nas duas microrregiões estudadas o nível de escolaridade situou-se entre o ensino fundamental incompleto e completo; notou-se que os filhos dos produtores estão estudando até o terceiro grau. Outra configuração interessante é que atualmente alguns agricultores estão retornando para as escolas presentes nas comunidades, com a finalidade de completarem pelo menos o ensino médio, mostrando interesse no conhecimento e aprendizado.

Os produtores relatam que há 40/50 anos não existia a menor possibilidade de estudar e trabalhar, pois as escolas eram longe da zona rural e era necessário ajudar na lida do campo. Impossibilitando o estudo, nota-se uma reconfiguração deste paradigma, com a introdução de escolas técnicas e faculdades nas pequenas cidades do interior do ES.

É observado forte incentivo dos pais e mães para que os filhos estudem nos centros urbanos. O que denota certa curiosidade foi o caso da comunidade de Feliz Lembrança em Alegre – muitos produtores disseram que os filhos estão estudando à noite nas faculdades da cidade e não pretendem abandonar o campo. Essas ações foram observadas em todos os municípios percorridos durante a pesquisa. É muito comum notar muitos estudantes do interior que se deslocam para Alegre (que possui universidade federal – centro tecnológico e faculdade privada) para estudar, bem como em Venda Nova, que possui boa disponibilidade de cursos superiores no período noturno.

- A nona, décima e décima primeira questões trazem o questionamento se as cooperativas, associações e sindicatos rurais desenvolvem algum tipo de treinamento aos produtores que são associados a estas organizações.

Na microrregião do Caparaó os produtores disseram que a cooperativa mais atuante na região é a Coocafé. Segundo os produtores que são associados, sempre

são oferecidos cursos de manejo cafeeiro, cursos de boas práticas agrícolas, poda do cafeeiro e programas de melhoria da qualidade.

Sobre as associações, os produtores disseram que elas se mobilizam apenas para buscar recursos físicos para as comunidades, e que as pessoas que estão à frente da liderança não se preocupam muito com estas ações de capacitação, tendo em vista que já é desenvolvida pelas cooperativas da região.

Sobre os sindicatos, houve grande reclamação por parte dos produtores; segundo eles, o sindicato atua apenas nas questões trabalhistas, e que o sindicato da classe deveria exercer maior participação junto às comunidades, tendo em vista que a classe de produtores rurais é muito ampla no território.

Na microrregião Sudoeste Serrana os produtores disseram que a cooperativa Pronova vem atuando de forma direta na capacitação de associados e não associados nos últimos anos. Entre os cursos mais citados, destacam-se os de manejo de EPI, uso de defensivos e curso de gestão rural de curta duração.

Outra ação forte observada foi a questão da certificação das fazendas cafeeiras. Segundo os produtores, até os que não são associados são atendidos no programa de certificação de café promovido pelo SEBRAE-ES – Governo do Estado do ES, INCAPER em parceria com a Pronova. Essa ação visa à promoção de toda microrregião, para que os produtores possam alcançar mercados genuínos por meio dos cafés certificados.

Sobre as associações, os produtores relataram que elas buscam desenvolver ações de compra de adubo e calcário de forma coletiva, não atuando muito na promoção de cursos.

A respeito dos sindicatos rurais, os produtores enfatizaram que essas organizações participam muito no desenvolvimento de pequenos projetos para captação de recursos como Pronaf e financiamentos agrícolas, além da orientação trabalhista na região.

- O décimo segundo ponto de interesse buscou entender se o poder público local representado pela secretaria de agricultura dos municípios, participa ativamente do cotidiano do produtor.

Tanto na microrregião do Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana, as reclamações são as mesmas, existem muitos favorecimentos políticos para os grupos eleitos nas esferas públicas dos municípios e poucas máquinas e material

humano para atender aos produtores no campo, indicando que o poder público dos municípios necessitam de maior atuação nas zonas rurais.

Pelo fato da política mudar de quatro em quatro anos, as equipes mudam quando a situação é derrotada, muitas vezes, interrompendo projetos que estavam em andamento. Os produtores enfatizaram que os cursos oferecidos são todos desenvolvidos pelas cooperativas, órgãos do Estado, enquanto a prefeitura apenas apoia com estrutura física em alguns casos. Indicando que não existe muita inovação no empreendimento de ações locais aos produtores de café.

- No décimo quarto ponto foi perguntado aos produtores se era possível entender e perceber que as relações de confiança, cooperação e senso de pertencimento produtivo eram fortes no cotidiano das comunidades.

De acordo com a linguagem simples do homem do campo foi possível extrair alguns entendimentos.

Na microrregião Sudoeste Serrana, os produtores em sua maioria enfatizaram que sim, pois essas ações fazem parte do dia a dia da comunidade. Respeito, amizade, cooperação e união são facilmente observados na região, segundo os produtores.

Na microrregião do Caparaó, os produtores afirmaram positivamente para estas ações; segundo eles, a vida em comunidade faz com que essa atmosfera seja criada, pois não existe a menor possibilidade de viver isolado, sem a ajuda dos vizinhos. Reforçaram que há grande necessidade de melhoria na organização dos produtores em relação ao território e que é necessário mais união para promover toda a região e potencializar as qualidades que são observadas nas comunidades que produzem café na microrregião do Caparaó.

O próximo ponto é muito importante para a pesquisa, pois visou entender quais são os principais problemas atuais da cafeicultura nestas duas microrregiões.

- O décimo quinto ponto questiona aos produtores sobre quais os principais problemas enfrentados no dia a dia da propriedade.

Segundo os cafeicultores da microrregião Sudoeste Serrana os principais problemas enfrentados são: falta de mão de obra – mudanças climáticas – baixa fertilidade dos solos – dificuldade de comercialização (falta de conhecimento e

informação) – custos de produção elevados – estradas ruins para escoamento – leis trabalhistas.

Na microrregião do Caparaó, as questões mais acentuadas foram descritas, como falta de assistência técnica – infraestrutura – dificuldade em atingir novos mercados de comercialização – dificuldade para produzir cafés especiais – mudanças climáticas, mão de obra – baixa tecnologia – falta de gestão.

Para sintetizar em grau de importância, abaixo é possível visualizar na Tabela 9 os principais problemas latentes sob a percepção dos produtores de café nas duas microrregiões. Junto com os problemas apresentados, indicamos as possíveis causas que podem estar contribuindo para tais fatos.

Tabela 9 – Percepção dos produtores sob os maiores entraves da cafeicultura na microrregião Sudoeste Serrana e Caparaó

MICRORREGIÃO SUDOESTE SERRANA		MICRORREGIÃO DO CAPARAÓ	
Problemas	Possível causa	Problemas	Possível Causa
Mão de obra	Escassez	Falta de assistência	Má-atuação dos órgãos competentes
Clima	Mudanças climáticas	Infraestrutura	Distância do governo
Baixa produção	Empobrecimento do solo	Comercialização	Falta de conhecimento próprio
Custo elevado	Má-gestão interna	Qualidade do café	Falta conhecimento e assistência
Infraestrutura	Distância do governo	Clima	Mudanças climáticas
Leis trabalhistas	Falta de organização e gestão	Mão de obra	Escassez
Comercialização	Falta de conhecimento	Tecnologia	Falta de conhecimento e assistência
		Gestão	Capacitação técnica

Fonte: o autor.

Essas ações descritas foram percebidas tanto na microrregião do Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana, onde esses dados mostram que as necessidades dos produtores estão mudando.

Em nenhum dos casos foram relatadas dificuldades inerentes à produção básica do café, o que se nota é que ações fora da porteira precisam ser revistas pelos representantes dos produtores, ou seja, levar conhecimento para que os cafeicultores possam atingir mercados genuínos na comercialização, orientar melhor sobre a gestão interna e sobre os custos da produção, além da presença dos governos na construção e aporte de infraestrutura necessária para otimizar a produção.

- O décimo sexto ponto buscou entender se existe a presença de líderes locais que buscam fomentar o desenvolvimento de forma coletiva.

Segundo a percepção dos cafeicultores nas duas microrregiões, a presença deste líder é quase sempre dotada pelos interesses políticos. Alguns municípios descrevem personalidades marcantes na história de atuação em prol do bem coletivo. Não entraremos no mérito de enumerar nenhuma personalidade para não cometer o ato ou falha de esquecer possíveis personagens que possam ter atuado em prol dos cafeicultores em um passado mais distante.

O último ponto abordado no questionário semiestruturado diz respeito à participação de empresas não oficiais que atuam de forma direta ou indireta visando à promoção e melhoria de atividade produtiva na região.

Segundo os respondentes da microrregião Sudoeste Serrana, não é comum que as empresas não oficiais se apresentem para promover algo de forma gratuita para os produtores de café.

De acordo com os produtores entrevistados, ocorre de forma muito esporádica a realização de dias de campo com empresas de insumos agrícolas, porém os produtores reforçam que essas ações possuem fins capitalistas, ou seja, as empresas reúnem os produtores para apresentar algo novo, um implemento agrícola, uma máquina, ou até mesmo agroquímico, com o intuito de vender para o produtor rural.

De todos os entrevistados, a opinião foi consensual sobre este ponto, na microrregião Sudoeste Serrana não se observa a presença destes tipos de empresas.

Na microrregião do Caparaó os produtores discorreram de forma unânime sobre o projeto da Samarco, que tem levado informação aos produtores com técnicas sobre o bom manejo da adubação e calagem aos produtores do Caparaó.

Na próxima seção são apresentadas as conclusões e proposições finais deste estudo, onde se discorre sobre as principais conclusões extraídas da pesquisa bibliográfica em consonância com o ferramental metodológico empregado no campo exploratório e investigativo.

As proposições são explanadas de forma que futuramente possa-se dar sequência a este estudo, ampliando o escopo de discussão em torno do assunto,

mostrando para estudiosos, pesquisadores, agentes públicos e produtores a importância da organização produtiva para a agricultura.

CAPÍTULO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos principais fundamentos da metodologia dos distritos industriais, este trabalho sistematizou um melhor entendimento sobre a organização produtiva cafeeira nas microrregiões Sudoeste Serrana e do Caparaó, de forma a contribuir no processo de formulação de políticas de planejamento voltado para a sua evolução competitiva e, conseqüente, geração de riqueza.

Entende-se que este trabalho poderá trazer uma reflexão nova sobre como a organização produtiva pode ser vista dentro de determinado aglomerado produtivo no setor do agronegócio brasileiro.

Como descrito inicialmente na introdução ao tema, foi observado em pesquisas preliminares que na microrregião Sudoeste Serrana o nível de organização produtiva dos cafeicultores poderia ser maior e mais estruturado que na microrregião do Caparaó, fato este comprovado e confirmado após o trabalho de pesquisa de campo.

As ações encontradas na microrregião Sudoeste Serrana encontram-se em um nível melhor em termos de organização, devido aos recentes incentivos assistidos nas comunidades visitadas, o projeto do agroturismo iniciado na região Venda Nova e propagado para os municípios circunvizinhos. Além do Programa Café das Montanhas do Espírito Santo, que muito contribui para tal desenvolvimento na microrregião.

Foi relatado por diversos produtores e personalidades públicas que diversas autoridades e produtores estão buscando formas de promover ações na microrregião Caparaó para se atualizarem mediante estes paradigmas produtivos que têm sido observados na região.

Foi possível identificar ações conjuntas em forma de cooperação nas duas microrregiões, os produtores do território da microrregião do Caparaó e Sudoeste Serrana possuem facilidade de cooperação entre si, o que colabora com a teoria *neo-marshalliana*, porém notou-se que os produtores da microrregião do Caparaó possuem grandes dificuldades em empreender outras ações.

Podemos aferir que a microrregião Sudoeste Serrana possui nível alto de organização produtiva, e que o território possui forte relação com a teoria que

sustenta essa pesquisa, encontrando facilmente ações características que são descritas na teoria proposta por Marshall entre outros autores.

No terceiro objetivo, de mapear a evolução econômica dos indicadores socioeconômicos destas duas microrregiões, foi observado que a economia local da microrregião Sudoeste Serrana é mais diversificada, flexibilizada que a economia local da microrregião do Caparaó. Tal fenômeno pode ser atribuído aos projetos de produção de cafés especiais iniciados em 2000/2001 com o INCAPER, PRONOVA, SEAG entre outros. Além do projeto de agroturismo iniciado na década de 1990 com famílias de produtores da região de Venda Nova do Imigrante.

As ações organizacionais em torno da promoção econômica na microrregião Sudoeste Serrana estão em um nível mais elevado em termos de estágio que a microrregião do Caparaó.

Propomo-nos a verificar o papel do governo na atuação direta destes agentes. Tanto na microrregião do Caparaó quanto na microrregião Sudoeste Serrana foi possível perceber a atuação local dos governos municipais e estadual em prol do território.

Na microrregião Sudoeste Serrana observa-se um projeto sólido que atua por mais de uma década disseminando tecnologia e conhecimento aos produtores por meio das salas de qualidades que servem para provar os cafés para os produtores da região. Essas salas são equipadas com recursos humanos e tecnológicos capazes de aferir com exatidão a qualidade do café mediante análises sensoriais.

Na microrregião do Caparaó, essas ações não foram encontradas, mostrando-se desfavorecida. Houve grande ruído e reclamação por parte dos produtores e personalidades públicas. Nota-se certa evolução e esforço para promover esta ação junto ao território local, visando à dinamização da esfera produtiva, econômica e pública nesta microrregião, porém em estágio baixo e incipiente.

Os pressupostos lançados na pesquisa puderam ser confirmados da seguinte forma:

- Confirmou-se que a microrregião Sudoeste Serrana consegue obter ganhos de escala econômica em razão da boa organização dos cafeicultores locais;

- O pressuposto sustentado na microrregião do Caparaó confirmou-se da seguinte forma: *os cafeicultores possuem facilidade de cooperação entre si, porém deixam a desejar nas ações voltadas para o território e o nível de interesse sobre o espaço produtivo é considerado baixo.* Confirmando parcialmente este pressuposto.

O terceiro pressuposto não se confirmou, existem ações mais intensas que podem estar contribuindo para o baixo nível de organização produtiva dos cafeicultores naquela microrregião.

É possível notar que em Venda Nova do Imigrante o nível de *Know-how* é elevado, os produtores procuram sempre visitar outras regiões e até países da Europa para aprender novas técnicas de manejo e industrialização de produtos agrícolas, como descreveu um membro da família Lorenzoni, em Venda Nova.

Os maiores entraves encontrados na microrregião do Caparaó que podem estar minando as oportunidades de flexibilização produtiva, dinamização e organização produtiva dos cafeicultores locais podem ser entendidas em resumo da seguinte forma:

Tabela 10 – Principais pontos negativos encontrados na microrregião do Caparaó

PONTOS ABORDADOS	PRINCIPAIS FATORES NEGATIVOS
Baixo intercâmbio de mão de obra	➤ Forte miscigenação étnica.
Baixo interesse nas relações com a esfera pública	➤ Agricultura de médio porte. ➤ Corresponsabilidade baixa. ➤ Baixo interesse do produtor pelo histórico de corrupção.
Baixo nível de organização em relação à atividade econômica	➤ Administração rural fraca. ➤ Dependência de líderes externos.
Baixo nível de interesse em relação às decisões tomadas no território	➤ Individualismo econômico. ➤ Isolamento e desconfiança.

Fonte: O autor.

Várias vezes os produtores descreveram que existe muito descaso por parte dos governantes no território em promover ações que possam elevar os valores econômicos da microrregião do Caparaó.

Personalidades públicas ouvidas, que trabalham com pesquisa nas universidades de Alegre enfatizaram e confirmaram essas ações, “os grandes

entraves encontram-se no grande ruído entre o produtor que se mostra desmotivado e o pequeno compromisso dos governantes.”

As diferenças observadas entre as duas microrregiões são grandes; a microrregião do Caparaó necessita de maior organização e interação por parte dos governos e produtores para prover dinamização da composição socioeconômica dos moradores desta microrregião.

Essa pesquisa buscou entender a organização produtiva dos produtores de café na microrregião do Caparaó e na microrregião Sudoeste Serrana, de modo a contribuir com o meio acadêmico, no fortalecer das discussões sobre as aglomerações produtivas e estimular a pesquisa científica em todo o território que este estudo foi desenvolvido.

Faz-se necessário ampliar a fronteira do conhecimento e aumentar esta discussão para outras regiões produtoras de café, pois existem potencialidades que podem estar encobertas, necessitando de promoção por parte de gestores públicos, que atuando de forma corretiva, podem elevar o nível de desenvolvimento econômico em todo o território produtivo do estado do Espírito Santo e do Brasil.

Na última seção apresentam-se as proposições e ponderações para as duas microrregiões que participaram do estudo em questão.

CAPÍTULO 8 – PROPOSIÇÕES E RECOMENDAÇÕES

A pesquisa investigou o perfil organizacional dos produtores de café nas microrregiões do Caparaó e microrregião Sudoeste Serrana, buscando entender como estes agentes se organizam para produzir café, além de toda composição organizacional em torno do tema que sustenta esta pesquisa.

De acordo com os dados levantados é possível propor algumas recomendações para as duas microrregiões estudadas, em especial a microrregião do Caparaó, que apresentou fragilidades em relação à organização produtiva por parte dos cafeicultores.

Recomenda-se que os agentes responsáveis pelas formulações de estratégias na microrregião do Caparaó procurem desenvolver mecanismos que possam ser empregados em consonância com a realidade que cerca esta microrregião.

A instalação e abertura de centro de excelência para disseminação das técnicas de produção de qualidade nos municípios em estudo em parceria com o INCAPER pode prover ganhos de escala na produção de cafés de alto padrão de qualidade.

Mesclar o conhecimento tácito e o conhecimento científico pode fornecer uma ferramenta de grande importância para o desenvolvimento da microrregião do Caparaó.

Promover a união e aproximação das comunidades criando agroindústrias pode ser um caminho para flexibilizar e prover maior dinamismo às ações locais na microrregião do Caparaó, modificando assim a visão do campo, permitindo que os turistas tenham acesso a algo inovador desenvolvido na microrregião.

Na microrregião Sudoeste Serrana pelo que podemos observar durante a pesquisa, não existe a necessidade de mudanças radicais nas ações já empreendidas no território, e sim uma manutenção constante das ações já identificadas como fatores de sucesso, para que tais ações não caiam no ostracismo com o passar dos anos.

É necessário fortalecer as ações para os municípios circunvizinhos que estão mais distantes da realidade encontrada em Venda Nova e Domingos Martins.

Propõe-se que os gestores possam ampliar a rede já existente de agroturismo, a fim de oferecer novas opções aos turistas que visitam a microrregião durante todo o ano; além da criação de um *site* que comporte as informações inerentes às rotas do agroturismo na microrregião Sudoeste Serrana, com a finalidade de ampliar o escopo de visibilidade da microrregião através da internet para visitantes de outros estados e países.

No que se refere à organização produtiva dos cafeicultores na microrregião Sudoeste Serrana é proposto apenas a criação de um comitê que possa estar avaliando constantemente a caminhada econômica da microrregião, difundindo assim as ações de sucesso já observadas.

Espera-se que esta pesquisa possa colaborar com o agronegócio cafeeiro na microrregião Sudoeste Serrana e Caparaó; que técnicos e pesquisadores encontrem aporte científico para dar sequência a este processo investigativo nestas microrregiões estudadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIC. **Associação Brasileira das Indústrias de Café. Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61#1389>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

AGAZETA, J. **Café fino: R\$ 200 milhões a mais na economia local**. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/11/noticias/a_gazeta/economia/1026903-cafe-fino-r-200-milhoes-a-mais-na-economia-local.html>. Acesso em: 14 abr. 2012.

AGUIAR, C. M. G. **Você aceita um cafezinho especial? Análise do perfil dos consumidores com relação a cafés diferenciados**. Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/handle/10820/414>>. Acesso em: 01 nov.2011.

ALBERTIN, M. **O processo de governança em arranjos produtivos: o caso da cadeia automotiva do RGS**. Faculdade de Engenharia. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

ALBERTI, F. The governance of industrial district: A theoretical footing proposal. **Liuc papers**, n. 82, Serie Piccola de Media Impresa 5, gennaio 2001.

ALENCAR, P. M. Descendentes de italianos que colonizaram Venda Nova do Imigrante, no Espírito Santo, dão o tom do dia a dia dessa cidade agroturística circuncidada por cafezais e ótima prosa. **Expresso**, março – abril – maio de 2010. Edição 27.

ARNOLD, J. R. Tony. **Administração de Materiais**. Atlas S.A, 1999.

BATALHA, M. O. **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

BATISTA, A. G. **Posturas estratégicas de organizações no segmento exportador de café verde do Brasil**. Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*. Viçosa – MG. Novembro de 2000.

BECATTINI, G. **Del distrito industrial marshalliano a la teoria del distrito contemporânea**. Una breve reconstrucción crítica. Investigaciones Regionales. Sección Artículos. 19 de julho 2002.

BECATTINI, G. **Os Distritos Industriais da Itália**. Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália. Rio de Janeiro DP&A, 1999.

BOIX, R. GALLETTO, V. **Sistemas Locales de Trabajo y Distritos Industriales Marshallianos en España**. Departament d'Economia Aplicada, Universitat Autònoma de Barcelona. Working Paper 05.14, 2005

BUFFON, J. A. **O café e a urbanização no Espírito Santo**: aspectos econômicos e demográficos de uma agricultura familiar. Dissertação (Mestrado em Economia)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

CAMPOS, M. A. **Turco Pobre, Sírio Remediado, Libanês Rico**: A trajetória do Imigrante Libanês no Espírito Santo. 1910/1940. Vitória: Instituto Jones dos Santos Neves, 1987.

CALADO, Antônio André Cunha. **Agronegócio**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

CASSIOLATO, J. E.; SZAPIRO, M. **Uma caracterização de arranjos produtivos locais de micro e pequena empresas**: Cooperação e desenvolvimento local. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <<http://www.trabajo.gov.ar/seminario/08.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. **O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas**. Pequena empresa: cooperação e..., 2003.

CARVALHAES. **Boletim semanal**. Disponível em: <<http://www.carvalhaes.com.br/boletins/boletins.asp>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

CASTRO, R. A. R. **Cooperação em aglomerações produtivas**: estudo de caso do setor sucroalcooleiro fluminense. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)–Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2009.

CETCAFE. Disponível em: <<http://www.cetcaf.com.br/Links/cafeicultura%20capixaba.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, v. 16, n. 2, p. 221-226, 2003...

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **CONAB**. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/11_12_21_14_32_37_boletim_cafe_-_dezembro_-_2011.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

_____. **Acompanhamento da Safra Brasileira. Café 2011, Quarta Estimativa de Safra**. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/11_12_21_14_32_37_boletim_cafe_-_dezembro_-_2011.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

COSTA, E. J. M. **Arranjos Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Brasília, DF: Mais Gráfica Editora, 2010.

CORÓ, G. **Distritos e sistemas de pequena empresa na transição**. Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália: Rio de Janeiro – DP&A, 1999.

DINIZ, C. C.; CROCCO, M. A. Reestruturação Econômica e Impacto Regional: O novo mapa da Indústria Brasileira. **Nova Economia** – Belo Horizonte, v. 6, n. 1, jul.1996.

FERRÃO, R. G. et al. **PEDEAG. Plano estratégico de desenvolvimento da agricultura capixaba. Estudo Setorial Cafeicultura**. Vitória, 2007.

FONSECA, E. G. O Capital Humano na Filosofia Social de Marshall. **Revista de Economia Política**, v. 12, n. 2, p. 46, abr./jun. 1992.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 24. ed. São Paulo: Nacional, 1991.

GARCIA, R. Economias Externas e vantagens competitivas dos produtores em sistemas locais de produção: as visões de Marshall, Krugman e Porter. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 301-324, out. 2006.

GRANDO, A. et al. Technology innovation and business organization the Italian industrial districts. **RAI - Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 112-131, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE. **Cidades**. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. 2012. Acesso em: 14 abr. 2012.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **IJSN. Microrregiões**. Disponível em:
<http://www.ijsn.es.gov.br/?searchword=microrregi%C3%B5es&searchphrase=exact&limit=&ordering=popular&view=search&Itemid=99999999&option=com_search>. Acesso em: 29 fev. 2012.

_____. **IJSN Extrator de dados**: Disponível em:
<http://www.ijsn.es.gov.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=126>. Acesso em: 14 abr. 2012.

_____. **IJSN. Espírito Santo em Mapas. Micro-região Sudoeste Serrana**. Disponível em:
<http://www.ijsn.es.gov.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=186>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. **IJSN. Espírito Santo em Mapas. Micro-região Caparaó.** Disponível em:
<http://www.ijsn.es.gov.br/index.php?option=com_wrapper&view=wrapper&Itemid=186>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. **IJSN. PIB do agronegócio.** Disponível em:
<http://www.ijsn.es.gov.br/attachments/1060_PIB_AGRO_4_Tri_2010.pdf>.
Acesso em: 14 abr. 2012.

J, C. T. C.; B. M. C. Condomínios fechados na região serrana do espírito santo, Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona. 2007. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24509.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

LAZERSON, M. H.; LORENZONI, G. The firms that feed Industrial district: A return to the Italian source. **Industrial and corporates change**, v. 8, n. 2, 1999.

LEVI, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população Brasileira. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 8 (supl), p. 49-90, 1974.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de Marketing**: uma orientação aplicada. Tradução Laura Bocco. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MELO, A. I. **Distritos Industriais Marshallianos**: O caso de Águeda. Instituto de Estudos Regionais e Urbanos da Universidade de Coimbra. Disponível em:
<www.apdr.pt/siteRPER/numeros/RPER12/art02_rper12.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

MARSHALL, A. **Princípios de economia**: tratado introdutório/tradução revista de Rômulo Almeida e Ottolmy Strauch. 2 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

MATIELLO, J. B. et al. **Cultura do Café no Brasil. Novo Manual de Recomendações**. ed. rev. ampl. e il. Editora Bom Pastor, 2005.

MERCY, E. L. **Avaliação de redes de inovação em nano tecnologia**: a proposta de um modelo/ Mercy Escalante Medeña. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2008.

MELO, A. I. Distritos Industriais Marshallianos: o caso de Águeda. Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (Universidade de Aveiro) e IERU. Disponível em:
<http://www.apdr.pt/siteRPER/numeros/RPER12/art02_rper12.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2011.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO – **MAPA. Plano Agrícola e Pecuário 2010-2011**. Secretaria de Política Agrícola. – Brasília: Mapa/SPA, 2010. Disponível em:
<http://www.agricultura.gov.br/images/MAPA/arquivos_portal/Plano_2010.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

MOREIRA, C. F. et al. **Certificação na cafeicultura brasileira: panorama, potencial e limitações**. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/handle/10820/1942>>. Acesso em: 3 nov. 2011

NETO, J. A. **Redes de cooperação produtiva e clusters regionais: oportunidades para as pequenas e médias empresas**. São Paulo: Atlas; Fundação Vanzolini, 2008.

NISIZAKI, S. M. A. **Perspectiva para o café em 2010**. Disponível em: <<http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=29356>>. Acesso em: 28 jul. 2010.

NOGUEIRA, V. S. **O agroturismo como forma de inserção da mulher rural no mercado de trabalho**: um estudo de caso sobre o município de Venda Nova do Imigrante, Espírito Santo. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu- MG-Brasil, de 20-24 de Setembro de 2004.

OLIVEIRA, J. T. **História do Estado do Espírito Santo**. 3. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

OIC. **Organização Internacional do Café. Média história de produção**. Disponível em: <<http://dev.ico.org/historical/2000+/PDF/TOTPRODUCTION.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

_____. **Domestic consumption of exporting countries crop years commencing: 2000 to 2010**. Disponível em: <<http://dev.ico.org/historical/2000+/PDF/DOMCONSUMPTION.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2011.

_____. **ICO composite indicator price annual and monthly averages 1990 to 2009 (US cents per lb)**. Disponível em: <<http://dev.ico.org/historical/1990-99/PDF/HIST-PRICES.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

_____. **Média de exportação entre 2000 e 2010**. Disponível em: <<http://dev.ico.org/historical/2000+/PDF/EXPORTSCROPYR.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

ORTEGA, A. C.; JESUS, C. M. **Café do cerrado**: certificação de origem, nova sociologia econômica e desenvolvimento territorial rural. Sociedade Brasileira de Economia Política. Disponível em: <http://sep.org.br/artigo/4_congresso/1861_1d4c2c0ab5facaa399252c1f80030ba2.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2011.

KERSTENETZKY, J. Organização Empresarial em Alfred Marshall. **Est. Econ.**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 369-392, abr./jun. 2004.

PIRES, A. O convênio de Taubaté e a economia cafeeira de Minas Gerais. **G&DR**, Taubaté, v. 4, n. 3 (número especial), p. 138-169, ago. 2008.

PONCIANO, N. J.; SOUZA, P. M.; NEY, M. G. **Ajustamentos na cadeia agroindustrial do café brasileiro após a desregulamentação**. Disponível em: <http://www.ufrjr.br/cpda/ideas/revistas/v03/n02/IDeAS-v03_n02-Artigo_NIRALDO_PAULO_e_MARLON.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

PTDRSS. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário**. Território do Caparaó, 2009.

_____. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Território Caparaó**: Território do Caparaó: subsídio para discussão, 2006. Disponível em: <http://mda.gov.br/biblioteca_visual/ptdrs_territrio026.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

PEREIRA, L. L.; RIBEIRO, A. C. A aglomeração produtiva de agroturismo em Venda Nova do Imigrante: estrutura e impactos na geração de riqueza local. **RACE**, Joaçaba: Ed. Unoesc, v. 10, n. 1, p. 75-90, jan./jun. 2011.

PEREIRA, L. L.; RIBEIRO, A. C.; NAVARRO, C. M. **Aspectos econômicos da cadeia de produção da cafeicultura alegreense**: uma abordagem sobre conjuntura econômica do arranjo produtivo local. XVIII Simpósio de Engenharia de Produção. Gestão de projetos e Engenharia de produção. Bauru, SP, Brasil, 08 a 10 de novembro de 2010.

RAMOS, R. SANROMÁ, E. **38th Congress of the European Regional Science Association 28 August-1 September 1998, Vienna**. Department of Econometrics, Statistics and Spanish Economy University of Barcelona.

SANTOS, A. M. M. M.; GUARNERI, L. S. **Características Gerais do Apoio a Arranjos Produtivos Locais**. BNDES, Rio de Janeiro, n. 12, p. 195-204, set. 2000. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1210.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2012.

SEBRAE-ES. **Arranjo Produtivo Local. Agronegócios/Agroturismo**. Versão 1º. 23/03/2007. SEBRAE ES.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **SIDRA**. Participação do produto interno bruto a preços correntes no produto interno bruto a preços correntes da microrregião geográfica. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=21&z=p&o=32&i=P>>. 2012. Acesso em: 14 abr. 2012.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina Programa de pós-graduação em Engenharia de Produção Laboratório de Ensino a Distância. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis, 2001.

STRAUCH, R. A. O. **Princípios de Economia**: tratado introdutório. Alfred Marshall. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SOUBEYRAN, A.; THISSE, J. F. Learning-by-Doing and the Development of Industrial Districts. *Journal of Urban Economics*, v. 45, p. 156-176, 1999.

SENGENBERGER, W.; PIKE, F. *Distritos Industriais e recuperação econômica local: Questões de pesquisa e de política*. Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália: Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SETTE, R. S. *Estratégias de marketing para aumento do consumo de café entre os jovens*. Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/handle/10820/409>>. Acesso em: 1 nov. 2011.

TAPPI, D. *The Neo-Marshallian Industrial District*. A Study on Italian Contributions to Theory and Evidence. Max-Planck-Institute for Research into Economic Systems Evolutionary Economic Unit Kahlaische Strasse 10, 07745 Jena, Germany, 2001.

TEIXEIRA, M. M. *Caracterização, Análise e Diagnóstico da Cafeicultura Capixaba*. Simpósio Estadual do Café. Vitória, 1998.

TEIXEIRA, T. D. *A expansão estratégica para a cafeicultura brasileira*. I simpósio de pesquisas do café no Brasil, 2002. Disponível em: <http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/10820/24/166699_Art08f.pdf?sequence=1>. Acesso em: 31 out. 2011.

TOMAZ, M. A. et al. *Tecnologia para a Sustentabilidade da Cafeicultura*. Alegre, ES. CAUFES, 2011.

VANGELISTA, C. *Gênero e Estratégias Migratórias: Mulheres Italianas Imigrantes no Estado do Espírito Santo Brasil, 1894-1895*. ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS ..., 1998. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a177.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2012.

ZAMBOLIM, L. *Tecnologias de Produção de Café com Qualidade*. Universidade Federal de Viçosa, 2001.

ZYLBERSZTAJN, D. *O Sistema agroindustrial do café*. Porto Alegre: Ortiz, 1993.

Anexo 01 – Questionário 01

Questionário de Pesquisa escala do tipo Likert.
Formulário 01 para coleta de dados

Nome do Respondente: _____

Grupo de Interesse: _____ Data: ___/___/___ Cidade: _____

1. Perfil da Organização Produtiva dos Produtores de café em consonância a teoria neo-marshalliana.	MARQUE ABAIXO COM UM "X" A OPÇÃO DESEJADA				
	Inexistente	Baixo	Médio	Bom	Excelente
1.1 Qual é o nível de cooperação entre os produtores de café dentro da comunidade onde residem?	()	()	()	()	()
1.2 Qual o nível de intercâmbio de mão de obra no período de colheita entre os produtores vizinhos na comunidade visando cooperação?	()	()	()	()	()
1.3 Qual o nível de relação dos produtores com a esfera pública municipal?	()	()	()	()	()
1.4 Qual o nível de convívio e harmonia entre produtores dentro do espaço de produção onde residem?	()	()	()	()	()
1.5 Qual o nível de organização dos produtores de café em relação à atividade econômica na região, visando a promoção coletiva?	()	()	()	()	()
1.6 Qual o nível de identificação cultural dos produtores com a atividade cafeeira?	()	()	()	()	()
1.7 Qual o nível de interesse dos produtores em relação às decisões tomadas no território local?	()	()	()	()	()

FONTE: MODELO DE FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS, ADAPTADO DE CASTRO, 2009.

- 1.1 Qual é o nível de cooperação entre os produtores de café dentro da comunidade onde residem?
Explique sua resposta
- 1.2 Qual o nível de intercâmbio de mão de obra no período de colheita entre os produtores vizinhos na comunidade visando cooperação?
Explique sua resposta
- 1.3 Qual o nível de relacionamento entre os produtores e o poder público local?
Explique sua resposta
- 1.4 Qual o nível de convívio e harmonia entre produtores dentro do espaço de produção onde residem?
Explique sua resposta
- 1.5 Qual o nível de organização dos produtores de café em relação à atividade econômica na região?
Explique sua resposta
- 1.6 Qual o nível de identificação cultural dos produtores com a atividade cafeeira?
Explique sua resposta
- 1.7 Qual o nível de interesse dos produtores em relação às decisões tomadas no território local?
Explique sua resposta
- EU, _____, autorizo a divulgação dos resultados obtidos neste formulário de pesquisa.

Entrevistado.

Anexo 02 – Quadro de Tabulação dos Dados

TABULAÇÃO DOS DADOS						
PERGUNTAS	RESPONDENTES	NÚMEROS DE RESPOSTAS EM CADA OPÇÃO				
		Inexistente	Baixo	Médio	Bom	Excelente
1.1 Qual é o nível de cooperação entre os produtores de café dentro da comunidade onde residem?	Sindicato					
	Sec. Agricultura					
	Cooperativa/Associação					
	Frequência Total					
1.2 Qual o nível de intercâmbio de mão de obra no período de colheita entre os produtores vizinhos na comunidade visando cooperação?	Sindicato					
	Sec. Agricultura					
	Cooperativa/Associação					
	Frequência Total					
1.3 Qual o nível de relacionamento entre os produtores e o poder público local?	Sindicato					
	Sec. Agricultura					
	Cooperativa/Associação					
	Frequência Total					
1.4 Qual o nível de convívio e harmonia entre produtores dentro do espaço de produção onde residem?	Sindicato					
	Sec. Agricultura					
	Cooperativa/Associação					
	Frequência Total					
1.5 Qual o nível de organização dos produtores de café em relação à atividade econômica na região?	Sindicato					
	Sec. Agricultura					
	Cooperativa/Associação					
	Frequência Total					
1.6 Qual é o nível de identificação cultural dos produtores com a atividade cafeeira?	Sindicato					
	Sec. Agricultura					
	Cooperativa/Associação					
	Frequência Total					
1.7 Qual o nível de interesse dos produtores em relação às decisões tomadas no território local?	Sindicato					
	Sec. Agricultura					
	Cooperativa/Associação					
	Frequência Total					

Fonte: Adaptado de CASTRO (2010).

Anexo 3 – Cálculo do Ranking Médio (RM)

1º) Cálculo da Média Ponderada (MP):

p = peso

f = frequência das respostas

$$MP = [(p1 \times f1) + (p2 \times f2) + (p3 \times f3) + (p4 \times f4) + (p5 \times f5)]$$

2º) Cálculo do Ranking Médio (RM):

$$RM = MPn \div (f1 + f2 + f3 + f4 + f5)$$

MÉDIA PONDERADA E RANKING MÉDIO DAS VARIÁVEIS OBSERVADAS NA REGIÃO SUDOESTE SERRANA DO ES							
NÚMERO DE RESPOSTAS POR CADA OPÇÃO							
FREQUÊNCIA	INEXISTENTE	BAIXO	MÉDIO	BOM	EXCELENTE	MÉDIA PONDERADA	RANKING MÉDIO
RESPOSTAS	PESO = 1	PESO =2	PESO =3	PESO = 4	PESO = 5		
1.1	0	5	9	5	3	72	3,2
1.2	0	5	5	12	0	73	3,3
1.3	0	4	6	8	4	78	3,5
1.4	0	0	0	6	16	104	4,7
1.5	0	6	8	7	1	69	3,1
1.6	0	0	4	6	12	96	4,3
1.7	0	6	7	4	5	74	3,3

MÉDIA PONDERADA E RANKING MÉDIO DAS VARIÁVEIS OBSERVADAS NA REGIÃO CAPARAÓ DO ES							
NÚMERO DE RESPOSTAS POR CADA OPÇÃO							
FREQUÊNCIA	INEXISTENTE	BAIXO	MÉDIO	BOM	EXCELENTE	MÉDIA PONDERADA	RANKING MÉDIO
RESPOSTAS	PESO = 1	PESO =2	PESO =3	PESO = 4	PESO = 5		
1.1	0	1	4	2	1	27	3,3
1.2	1	4	2	1	0	19	2,3
1.3	2	3	2	1	0	18	2,2
1.4	1	1	0	4	3	31	3,8
1.5	1	5	1	1	0	18	2,2
1.6	0	0	2	3	3	27	3,3
1.7	1	2	2	3	0	23	2,8

- a) Para o índice (RM) com valor menor que 3 » nível de organização produtiva dos cafeicultores é baixo (ruim);
- b) Para o índice (RM) com valor igual a 3 » nível de organização produtiva dos cafeicultores é médio (bom);
- c) Para o índice (RM) com valor maior que 3 » nível de organização produtiva dos cafeicultores é alto (excelente)

Fonte: Adaptado de CASTRO (2010).

Anexo 4 – Questionário semiestruturado

FORMULÁRIO 02 – PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS

Grupos de Interesse: Cooperativas/Associação de Produtores e produtores de café

Nome do Entrevistado:_____.

Tempo da entrevista: _____. Data da Entrevista:_____.

Município onde ocorreu a pesquisa:_____.

Grupo de interesse que respondeu ao questionário:_____.

1. É afiliado a algum tipo de organização produtiva? Sim () Não ().

Se sim, a qual entidade _____?

2. Costuma participar de reuniões pertinentes aos problemas que afligem a atividade na região? Sim () Não ().

Se sim, que tipo de reunião _____?

3. Existem ações conjuntas dentro da comunidade produtora de café que visando à promoção da atividade local?

_____.

4. A comunidade produtora de café recebe algum tipo de incentivo para melhorar sua organização produtiva por parte dos governos, municipal, estadual e federal? Sim () Não ().

Se sim, descreva quais _____?

5. Existe algum tipo de capacitação para os produtores rurais de café na região entre as esferas municipal, estadual e federal? Sim () Não ().

Se sim, quais capacitações _____?

6. Existe algum tipo de esforço para desenvolver atividade visando à cooperação entre os produtores de café na região? Sim () Não ().

Se sim, quais esforços _____?

7. Nos últimos anos órgãos como cooperativa, associação de produtores, sindicato rural apresentaram algum tipo de interrupção em sua atividade? Sim () Não ().

Se tiver ocorrido interrupção, descreva o tipo _____?

_____.

8. Qual o grau de escolaridade do Sr/Sra.?

Fundamental Incompleto () Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto ()
Ensino Médio Completo () Superior Incompleto () Superior Completo () Pós

Graduado () Em qual área?_____.

9. A cooperativa de café desenvolve algum tipo de treinamento para os cooperados?

Sim () Não ()

Se sim, quais _____?

10. O Sindicato rural desenvolve algum tipo de treinamento para os afiliados a entidade?

Sim () Não ().

Se sim, quais _____?

11. A Associação de produtores desenvolve algum tipo de treinamento para os produtores associados? Sim () Não ().

Se sim, quais _____?

12. A secretaria de Agricultura do município desenvolve algum tipo de treinamento para os produtores rurais de café? Sim () Não ().

Se sim, quais _____?

13. Existe relação de confiança entre os produtores dentro desta organização produtiva?

Em qual grau? Baixo () Médio () Alto ().

Justifique sua opção _____?

14. É possível notar que existe de forma intangível uma atmosfera de confiança, cooperação, senso de pertencimento ao universo produtivo local?

_____.

15. Descreva sua percepção dos maiores entraves que afligem a cultura do café na região.

_____.

16. Existe a presença de líderes locais que buscam fomentar o desenvolvimento socioeconômico do município pensando de forma coletiva?

Sim () Não ().

Se sim, explique sua resposta _____.

17. Existe alguma colaboração de empresas não oficiais de forma direta ou indireta, que visem promover a melhoria de sua atividade produtiva?

Sim () Não ()

Justifique sua resposta _____.